

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE

CURSO DE PSICOLOGIA

JULIANA GUIMARÃES FERREIRA

**PORQUE AINDA PRECISAMOS FALAR SOBRE KEVIN: Uma reflexão  
acerca da relação mãe-filho aos olhos da psicanálise**

SÃO PAULO

2018

JULIANA GUIMARÃES FERREIRA

**PORQUE AINDA PRECISAMOS FALAR SOBRE KEVIN: Uma reflexão acerca da  
relação mãe-filho aos olhos da psicanálise**

Trabalho de conclusão de curso  
como exigência parcial para  
graduação no curso de Psicologia,  
sob orientação do Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Rosa  
Maria Tosta

SÃO PAULO

2018

## **AGRADECIMENTOS**

Gostaria de agradecer primeiramente às minhas tão amadas Radioativas por terem me apresentado o filme, que passou a ser um dos meus favoritos. À Mamma por me presentear com o livro que me rendeu esse TCC e a todos os meus amigos que tiveram que lidar com o meu súbito desaparecimento durante esses três semestres, mas particularmente neste primeiro semestre de 2018.

À minha irmã, por me ajudar no que pôde nos momentos mais esdrúxulos e ter conseguido - de alguma maneira – manter-se calma o suficiente para não gritar comigo e aos meus pais por me aguentarem durante meus picos de ansiedade.

Por fim, gostaria de agradecer a professora Rosa, que mesmo não colocando tanta fé no trabalho de início, me ajudou durante todo o processo, mostrando-se muito preocupada e atenciosa.

PORQUE AINDA PRECISAMOS FALAR SOBRE KEVIN: Uma reflexão acerca da relação mãe-filho aos olhos da psicanálise

7.07.00.00-1 - Psicologia

Autora: Juliana Guimarães Ferreira/ e-mail: juhguif@gmail.com

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Rosa Maria Tosta/ Departamento de Psicologia do Desenvolvimento / Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde / e-mail: romtost@pucsp.br

## RESUMO

Tendo em vista a importância e relevância da relação mãe-filho, relação primordial na vida da criança, o seguinte trabalho teve como objetivo investigar, a partir de uma perspectiva psicanalítica, a relação mãe e filho entre Kevin e Eva, a partir da leitura do livro “Precisamos falar sobre Kevin” de Lionel Shriver, utilizando o material a partir de um delineamento de estudo de caso literário. Com esse objetivo em vista, optou-se pelo método de eleição de cenas a partir de conceitos relevantes para a análise, utilizando-se para isso primordialmente a teoria winnicottiana. Os conceitos selecionados foram: preocupação materna primária, mãe suficientemente boa, ambiente facilitador, função paterna e relação com o objeto. Ao final do trabalho, utilizou-se das discussões realizadas nos capítulos anteriores para problematizar a questão do personagem (Kevin) ter cometido um assassinato em massa, relacionando o fato com a relação turbulenta que ele estabelecia com a mãe. Foram levantadas duas hipóteses: uma como forma de agressão (ataque) e outra como forma de aproximação da mãe. A partir das discussões realizadas foi possível perceber o nível de comprometimento – tanto desenvolvimental, quanto psíquico e emocional - que o estabelecimento de uma relação patológica com uma figura de tamanha importância na vida da criança pode proporcionar, tendo consequências tremendas e podendo levá-la a realizar ações drásticas numa tentativa de quebra ou reparação dessa relação.

*Palavras-chave:* “Precisamos falar sobre Kevin”, relação mãe-filho, caso literário, psicanálise.

## SUMÁRIO

|  |    |
|--|----|
| INTRODUÇÃO.....  | 7  |
| REVISÃO BIBLIOGRÁFICA.....   | 8  |
| OBJETIVO.....  | 16 |
| PERSPECTIVA METODOLÓGICA.....  | 16 |
| SÍNTESE: SOB OS OLHOS DE EVA – A NARRATIVA DA MÃE A RESPEITO DE SUA TRAJETÓRIA COM O FILHO.....            | 18 |
| CAPÍTULO 1: A ENTRADA DE KEVIN NO MUNDO.....   | 20 |
| 1.1 Eva e Franklin.....  | 20 |
| 1.2 Concepção.....   | 22 |
| 1.3 A gestação.....  | 25 |
| 1.4 O parto.....   | 29 |
| 1.5 Filiamento inicial.....  | 34 |
| 1.6 Preocupação materna primária?.....   | 36 |
| CAPÍTULO 2: EVA E A INFÂNCIA DE KEVIN.....   | 38 |
| CAPÍTULO 3: A ADOLESCÊNCIA DE KEVIN.....   | 65 |
| CAPÍTULO 4: MÃE SUFICIENTEMENTE BOA?.....  | 75 |
| 4.1 Entre Eva e a Mãemãe: a inaptidão da personagem em estabelecer o papel de mãe suficientemente boa..... | 79 |
| CAÍTULO 5: AMBIENTE (NADA) FACILITADOR.....  | 82 |
| 5.1 Um ambiente que (des)favorece.....   | 89 |
| CAPÍTULO 6: FRANKLIN E O EXERCÍCIO (OU TOTAL AUSÊNCIA) DA FUNÇÃO PATERNA.....                              | 92 |
| 6.1 A função paterna.....  | 92 |
| 6.2 Franklin como pai.....   | 94 |
| 6.2.1 Franklin: o pai “parceiro”.....  | 97 |
| 6.2.2 Deturpações da visão – Franklin e a negação da realidade.....  | 98 |

|   |     |
|---|-----|
| 6.3 O “Sr. Plástico”: porque Franklin é um fracasso no exercício da função paterna.....     | 100 |
| CAPÍTULO 7: KEVIN E O RELACIONAMENTO COM OS OBJETOS.....                                    | 103 |
| 7.1 O uso do objeto x onipotência secundária .....  | 103 |
| 7.1.1 Destrutividade, incompreensão e ameaça: porque Kevin fracassa no uso dos objetos..... | 106 |
| 7.2 Reparação do objeto?.....   | 107 |
| 7.2.1: A caixinha-caixão: um presente peculiar.....   | 112 |
| CAPÍTULO 8: DISCUSSÃO.....  | 113 |
| 8.1 “Quinta-feira” como forma de ataque – o pólo negativo.....                              | 116 |
| 8.2 “Quinta-feira” como tentativa de aproximação – o pólo positivo.....                     | 119 |
| CONCLUSÃO.....  | 123 |
| REFERÊNCIAS.....  | 125 |

## INTRODUÇÃO

Ao ganhar o livro de presente, no primeiro ano de faculdade, pude apontar uma grande variedade de questões que pareciam explicitar o porquê de Eva não conseguir estabelecer uma boa relação com o filho: “Ele não foi desejado!”, eu pensava, “e olha a quantidade de características desumanizadas que ela atribui a esse filho! Não é a toa que ele cresceu assim”. Desde então o tema do meu TCC foi definido e nunca reconsiderarei nem me arrependi da minha decisão.

O livro prende o leitor de tal maneira que se tem a impressão de estar hipnotizado. Ao ler as cartas de Eva, a personagem parece estabelecer um diálogo com você, como se você fosse seu interlocutor. O fato de ser contado a partir da perspectiva da mãe sempre fez o livro parecer ainda mais interessante, assemelhando-se muito ao trabalho no consultório, onde tudo que temos é o relato de nosso paciente e a “verdade verdadeira” - o que aconteceu de fato, objetivamente - não nos é acessível.

Ao longo dos quatro anos restantes do curso, fui sendo apresentada a novas perspectivas e teorias psicológicas e uma me pareceu encaixar-se perfeitamente. A teoria winnicottiana serviu como uma luva na análise da obra como um todo e parece realmente auxiliar na resposta da principal pergunta que Eva traz ao longo de toda a obra: “Fui uma boa mãe?”. A resposta é óbvia: Não! Mas ao longo do trabalho podemos explicitar exatamente o porquê dela não ter conseguido ser essa “boa mãe”, dela não ter conseguido exercer a função materna adequadamente, dela não ter conseguido ser uma mãe suficientemente boa para seu filho.

A obra é extensa, com 463 páginas a leitura é riquíssima em material e tive que tentar resumir e eleger as cenas mais interessantes ou chamativas, o que não foi uma tarefa nada fácil. Com excertos do livro presentes em toda a análise, senti que pude vivificar a personagem, passando um pouco da experiência de tê-la conhecido ao longo das quase quinhentas páginas.

Por ser um livro, não uma história verídica, percebi que por vezes não havia apenas uma maneira de interpretar um acontecimento e, a partir da leitura de outras

pesquisas, vi que esse era realmente o caso. Ao final cheguei a duas grandes hipóteses que me pareciam ser igualmente plausíveis.

A relação mãe e filho, a meu ver, nunca deixará de ser um tema importante, afinal de contas a espécie humana deve sobreviver e “o show tem que continuar”, para isso sendo necessário o nascimento de novas crianças e conseqüentemente o “nascimento” de novas mães.

Por ser uma relação primordial, a relação mãe-filho apresenta um papel tão vital, tendo uma influência enorme no desenvolvimento psíquico e emocional da criança e do adulto que ele um dia virá a ser. É preciso sim investigar a dinâmica promotora de saúde, mas também é interessante investigar, nos casos de patologia, quais foram os pontos que levaram ao desenvolvimento daquele quadro disfuncional e é nessa linha que caminha o meu trabalho e nesse sentido que ele apresenta uma contribuição.

Tendo esse panorama em vista pretendi, com a realização deste trabalho, analisar a relação mãe-filho dos personagens principais: Eva e Kevin. Para isso optei por uma metodologia de eleição de cenas, buscando aproveitar ao máximo a tão potente e importante voz da personagem, que com sua linguagem crua, irônica e muito marcada pelo humor negro, narra o livro de uma maneira absolutamente sui generis que cativa na mesma medida que assusta o leitor com sua franqueza.

## **REVISÃO BIBLIOGRÁFICA**

A relação mãe-filho é um tema de grande destaque na área da psicanálise. Diversos autores se debruçam sobre essa questão para entender as dinâmicas presentes nessa relação, como e porque ocorrem e suas decorrências na vida adulta. Freud, Melanie Klein e Winnicott são alguns dos autores que construíram teorias a respeito da infância e cujas obras ainda são relevantes e amplamente utilizadas, especialmente na área clínica.

A infância, e em especial a primeira infância, é uma fase de extrema importância na formação do sujeito. É a partir dela que o indivíduo vai adquirir

ferramentas e meios específicos de se relacionar com o mundo a sua volta. As primeiras experiências vividas pelo indivíduo irão marcá-lo profundamente, podendo delimitar o modo como o sujeito irá interagir com os outros, com o mundo externo e consigo mesmo - mundo interno. Durante esse período, devido ainda a uma dependência muito grande do bebê, suas relações principais serão com os pais, tendo um papel especialmente importante a relação com a mãe:

Numa perspectiva histórica, encontramos o início do estudo das primeiras relações no trabalho de Freud. Em seu artigo “Instintos e suas vicissitudes”, escrito em 1915, argumenta que a criança possui necessidades fisiológicas que devem ser satisfeitas, sobretudo de alimento e conforto, e que o bebê se torna interessado em uma figura humana, especificamente a mãe, por ela ser a fonte de sua satisfação (BRUM; SCHERMANN, 2004, p. 458).

A mãe, ainda que cercada de controvérsias a respeito da sua concepção e o papel que exerce, vai ocupar um lugar de especial importância em função de ser a relação primordial que o bebê estabelece com o mundo. É através dela que esse bebê será introduzido neste universo, ou seja, é ela quem media suas interações. Para isso é importante que essa mãe esteja preparada para receber esse bebê, pois, caso contrário, as consequências para essa criança podem ser devastadoras.

Pavoni et. al. (2015) afirmam que essa preparação já se inicia durante a gestação, período no qual essa mãe imagina seu bebê, o que possibilita que lhe ofereça um lugar para ocupar, sendo essencial essa construção imaginativa materna tanto para a mãe, quanto para o bebê. A imaginação dessa criança é da mais extrema importância, pois é a partir dela que o bebê irá tornar-se um objeto privilegiado da mãe, a qual passará a investir libidinalmente nele - um aspecto fundamental na relação mãe-bebê. Desse modo, podemos afirmar que as projeções que essa criança recebe serão fundamentais na sua constituição como sujeito, podendo marcar um desenvolvimento saudável caso sejam boas (positivas) e não saudável caso sejam ruins (negativas). A constituição psíquica do bebê vai iniciar-se, portanto, ainda durante a gestação.

A mãe deve estar suficientemente disposta e interessada nesse ser que está por vir, senti-lo como “Rei na Barriga”, para que possa preparar o “trono” para “sua majestade, o bebê”. Monteiro (2003) aponta que ela deve ser capaz de estender seu narcisismo a esse bebê e para isso deve ter um desejo, uma fascinação suficiente

por ele, para que possibilite que ela edifique seu ego ideal. O estado emocional dessa mãe é um fator de absoluta importância para o desenvolvimento infantil, particularmente nos primeiros anos de vida. Isso porque é no início de seu desenvolvimento, em que o ego do bebê ainda encontra-se fraco, que ele precisa ser amparado pelo ego materno para que possa se fortalecer. Essa mãe passa então a sustentar esse bebê satisfazendo sua dependência absoluta. Nessa perspectiva, o bebê no início ainda não estabelece uma distinção entre aquilo que constitui o eu e o não-eu, na medida que ainda encontra-se fusionado com a mãe. Assim, o comportamento do meio-ambiente faz parte dele da mesma forma que o comportamento de seus impulsos hereditários para integração, para autonomia, para sua relação com objetos e integração psicossomática satisfatória.

Ainda segundo Monteiro, todo esse processo exige uma preparação que começa ainda na gestação, mas se estende durante as primeiras semanas de vida, na chegada do bebê ao mundo. Essa fase é o que Winnicott vai chamar de preocupação materna primária. A mãe deve desenvolver uma sintonia com o bebê, de maneira que os dois tornem-se uma unidade, ou seja, funcionem em uníssono. Esse termo descreveria um estado de fusão emocional entre a mãe e o bebê, no qual a mãe é o bebê e o bebê é ela:

Gradualmente, esse estado passa a ser o de uma sensibilidade exacerbada durante e principalmente ao final da gravidez. Sua duração é de algumas semanas após o nascimento do bebê. Dificilmente as mães o recordam depois que o ultrapassaram. Eu daria um passo a mais e diria que a memória das mães a esse respeito tende a ser reprimida (Winnicott, 1956: 401 apud. Monteiro, 2003).

Winnicott afirma que essa identificação é essencial no início do estabelecimento das relações objetais. É só a partir desse estado de preocupação materna primária que a mãe é capaz de fornecer a seu bebê um contexto para que sua constituição comece a se manifestar e suas tendências ao desenvolvimento comecem a se desdobrar. Também é somente nesse estado que a mãe é capaz de sentir-se no lugar do bebê, ter essa capacidade de empatia, correspondendo às suas necessidades que no início são apenas corporais, mas aos poucos vão se transformando em necessidades do ego. Essa mãe deve, portanto, ser capaz de renunciar seus interesses pessoais e direcionar seu desejo à criança.

Essa preparação inicial ajudará a mãe a melhor desempenhar o seu papel, mas jamais significa que ela o fará perfeitamente, afinal a perfeição é inalcançável. É nesse sentido que Winnicott cria o termo de mãe suficientemente boa para denominar aquela que consegue atender às necessidades do bebê de maneira adequada, adaptando-se ativamente à suas necessidades. Essa adaptação, no entanto deve diminuir gradativamente ao longo do seu processo de desenvolvimento, na medida em que há um fortalecimento na capacidade da criança em tolerar frustrações e assimilar os fracassos do meio ambiente (OTUKA; SCORSOLINI-COMIN; SANTOS, 2012). A mãe que é capaz de perceber as necessidades do seu bebê consegue atendê-las de maneira mais satisfatória, gerando um sentimento de segurança nessa criança. Já a mãe que tem dificuldades em avaliar o que o bebê deseja e o que precisa, acaba gerando um sentimento de ansiedade/insegurança (desamparo). A mãe suficientemente boa deveria exercer, durante os primeiros meses de vida, três principais funções: O holding (sustentação), o handling (manejo) e a apresentação dos objetos.

Monteiro expõe minuciosamente, em sua dissertação de mestrado, cada uma das três funções, explicando a partir de Winnicott (2001), Valler (1990) e Coutinho (1997) que o holding se refere à maneira como a mãe sustenta o bebê em seu colo e é ao mesmo tempo uma experiência física e uma vivência simbólica, de maneira que vai significar a firmeza com que é amado e desejado como filho. Um holding deficiente – onde ocorrem repetidas mudanças de técnicas de maternagem, falta de apoio para cabeça ou ruídos altos constantes - resulta em uma sensação de desconfiança da realidade externa. Já o handling seria a “experiência de entrar em contato com as diversas partes do corpo através das mãos cuidadosas da mãe”, facilitando a formação de uma parceria psicossomática. Em outras palavras, é a maneira como o bebê é tratado, cuidado e manipulado. Por fim, na fase de apresentação dos objetos, “a mãe começa a mostrar-se substituível e a propiciar ao seu bebê o encontro e a criação de novos objetos que serão mais adequados ao seu atual estado de desenvolvimento”. Esta fase inclui não só o início das relações interpessoais, mas também a introdução de todo o mundo da realidade compartilhada para o bebê. Essas três funções irão facilitar o processo de maturação dessa criança, possibilitando a integração através do holding, a

personalização através do handling e a relação objetal através da apresentação dos objetos.

Na perspectiva de Winnicott o ambiente assume então um papel de destaque. Em sua teoria o autor cunhou o termo ambiente facilitador que designaria as condições físicas e psicológicas que favoreceriam o desenvolvimento da criança. O autor afirma que todas as experiências que afetam o bebê são armazenadas em seu sistema de memória, e que essas experiências irão possibilitar a aquisição de confiança - ou desconfiança - no mundo. Nesse sentido, Monteiro afirma que a falha materna prolongada provoca fases de reação à intrusão e as reações interrompem o “continuar a ser” do bebê gerando uma ameaça de aniquilamento. O ambiente familiar ganha, portanto, um papel de destaque no processo de constituição desse sujeito, podendo produzir tanto saúde, quanto doença.

Para ilustrar as trágicas decorrências que podem advir de problemas na relação mãe-filho, não só na infância, como também ao longo da adolescência, partiremos da análise do livro “Precisamos falar sobre Kevin” de Lionel Shriver, analisando a relação de Kevin e Eva ao longo da narrativa. O livro, estruturado a partir de cartas que Eva escreve ao marido Franklin, trazem a visão da mãe que, depois de um trágico e violento evento, as utiliza como uma forma de refletir sobre sua trajetória com o filho Kevin.

Na revisão bibliográfica só foi encontrada uma pesquisa que levava em conta só o livro como material único de análise, sendo muito mais comum a análise do filme de 2011 - da diretora Lynne Ramsay - ou até mesmo análises que mesclavam o filme e o livro. O livro, no entanto se constitui em um material riquíssimo, na medida que é narrado pela mãe, trazendo a sua visão do que aconteceu, muitas vezes se assemelhando a relatos que poderíamos encontrar em sessões de terapia:

Ao me forçar ser sua emissária, quando eu era muito nova, minha mãe conseguiu reproduzir em mim a mesma angústia desproporcional diante das pequenas interações com o mundo externo que ela própria sentia aos trinta e dois anos (SHRIVER, 2007, p. 44 apud. PENALBER, 2016).

As análises por sua vez são extremamente coerentes e, ainda que não abarquem a imensidão de material presente no livro, trabalham muito bem com o material mostrado no filme. Entre as análises encontradas uma das mais

interessantes foi a realizada pela autora Sheila Lustosa na revista *Psicanálise e Cinema* do Rio de Janeiro.

Em seu artigo Lustosa (2016) apresenta uma análise mista, trazendo cenas do filme e muitas vezes complementando-as com passagens do livro, resultando numa análise bem abrangente. Como autor referência ela também utiliza Winnicott, trazendo os conceitos de ódio, agressividade e relação com o objeto. Tais conceitos serão também muito relevantes nessa análise, de forma que se faz importante a retomada deles.

Sobre o ódio Winnicott afirma que a “criança humana precisa de ódio para poder odiar”, deixando claro que a criança necessita de uma estrutura em função de não possuir ainda uma personalidade plenamente integrada. O amor primitivo teria então uma finalidade destrutiva, pois a criança não aprendeu ainda a tolerar seus domínios e instintos. Isso só ocorrerá caso ela possua um ambiente estável, pessoal, com amor e força, que permita a ela que não tenha medo de seus próprios pensamentos e imaginação. Caso isso não se dê, a criança procura uma estabilidade externa. Logo, a criança precisa encontrar uma autoridade que lhe coloque de fato limites para que não caia na “delinquência”, para que os atos/comportamentos antissociais cometidos por essa criança não comecem a se estender para a escola ou até mesmo para a sociedade como um todo.

Winnicott segue afirmando que a criança na delinquência total carece de um pai seguro e forte. É apenas quando a figura paterna é severa e forte que a criança é capaz de recuperar seus impulsos amorosos, seus sentimentos de culpa e o desejo de corrigir-se. O delinquente, a menos que caia em graves dificuldades, só se tornará cada vez mais inibido no amor e, conseqüentemente, cada vez mais deprimido e despersonalizado, acabando, por fim, a não sentir a realidade das coisas se não na realidade da violência. O comportamento antissocial seria, no princípio, um pedido de socorro dessa criança que pede para ser controlada por pessoas fortes, carinhosas e confiáveis.

Outro conceito interessante trazido por Lustosa em seu artigo é o da relação com o objeto. Winnicott vai afirmar que para um sujeito ser capaz de usar um objeto ele deve antes ter desenvolvido a habilidade para tal, essa capacidade, no entanto vai depender da presença de um ambiente propício:

Entre o relacionamento e o uso existe a colocação, pelo sujeito, do objeto fora da área de seu controle onipotente, isto é, a percepção, pelo sujeito, do objeto como fenômeno externo, não como entidade projetiva; na verdade, o reconhecimento do objeto como entidade por seu próprio direito (WINNICOTT, 1975, p. 125 apud. LUSTOSA, 2016).

A mudança do relacionamento para o uso do objeto significaria que o sujeito o destrói. Surge, a partir disso, um novo aspecto na teoria da relação do objeto, de maneira que o sujeito diz a ele “Eu te destruí”, e o objeto ainda está lá recebendo a comunicação. Depois disso o sujeito diz “Eu te destruí. Eu te amo. Tua sobrevivência à destruição que te fiz sofrer confere valor à tua existência para mim” (Lustosa, 2016). Não há raiva na destruição desse objeto, mas há alegria na constatação da sobrevivência do mesmo. Conforme o objeto resiste à destruição, ou seja, sobrevive, ele passa a ser mais valorizado e o sujeito é capaz de amá-lo, ainda que seja constantemente destruído em sua fantasia. Enquanto o sujeito não destrói o objeto subjetivo, que é material de sua projeção, a destruição surge, se tornando uma característica central.

A destruição então desempenha um papel de criação da realidade, colocando o objeto para fora do indivíduo, do seu eu (self). No entanto, para que isso ocorra é necessário que condições favoráveis se façam presentes. A mãe que não for capaz de instalar essa transicionalidade para a criança desperta nela uma série de traumas e reações e em retorno ela faz com que essa mãe viva tudo isso. Referindo-se ao trabalho de Pós-graduação de Maria Cecília Fernandes Tommasi da PUC-SP, Lustosa cita:

(...) ao contrário, para Winnicott, é a partir da agressividade que o bebê entrará em contato com o mundo real, com o mundo dos objetos (TOMMASI, 1997 apud. LUSTOSA, 2016).

Ela afirma então que a agressividade, na visão de Winnicott, está ligada a capacidade de ação no mundo, que ela se encontra no interior da teoria de integração. Para integrar, no entanto, é necessário separar a chamada destrutividade primária. Tommasi reitera que o termo “destruição” no sentido de destruição real deve ser usado para designar somente o fracasso desse objeto em sobreviver.

Outro trabalho que se utiliza muito do conceito de agressividade e destrutividade, somando-o aos conceitos de crueldade e indiferença é a dissertação

de mestrado de Pedro Henrique de Oliveira Efken intitulada “Crueldade: domínio, indiferença e alteridade”. O único material encontrado na literatura que se utiliza apenas do livro como fonte de material para análise, Efken parte da narrativa de Eva acerca de sua relação com o filho para ilustrar uma “vivência de indiferença”, partindo também de conceitos advindos da psicanálise.

Em sua dissertação Efken cita Cupa (2012a) em seu conceito de “crueldade originária”. A autora afirma que a destrutividade cruel se origina no “não exterior”, ou seja, no “não” ao objeto que não lhe oferece plena satisfação. No entanto, esse “não” pode tomar um aspecto de um “não” sem fim, de compulsão à repetição (Efken, 2014). A autora considera que a crueldade seria uma resposta à indiferença narcísica que busca um estado onde possa abolir toda essa tensão. Isso, pois o afeto, assim como o ódio, pode se constituir como uma ameaça para alguns sujeitos, na medida em que é reflexo da alteridade, assinalando uma ligação com o objeto.

Efken argumenta que as raízes da crueldade estão fortemente relacionadas com uma vivência traumática, com uma expressão de um modo de funcionamento arcaico que implica na negação absoluta do outro. A atualização dessa vivência se dá na reprodução de uma violência extrema, vivida pela criança nesse primeiro contato com a alteridade, violência essa que é marcada sob o manto da indiferença.

O autor traz ainda contribuições de Moraes e Macedo (2011) presentes no livro *Vivência de indiferença – do trauma ao ato-dor*. Os autores consideram que a vivência da indiferença é o oposto, o negativo, da vivência de satisfação. Na vivência de indiferença o outro oferece à criança apenas isso: sua indiferença. Essa é entendida como violência psíquica imposta à criança pelo adulto precisamente em um tempo primordial de estruturação de seu psiquismo. O investimento afetivo, em contraponto, propulsiona um trabalho de ligação e interpretação daquilo que ataca o sujeito internamente. A experiência de indiferença tem como resultado a captura de uma situação de desamparo e vigência de intensidades. O outro nesse cenário evidencia um prejuízo próprio de sua capacidade afetiva, ele não é capaz de afetar psiquicamente a criança de modo a lhe oferecer subsídios para que possa realizar um trabalho de ligação e de atribuição de sentido àquilo que a ataca por dentro.

A vivência de indiferença poderia então ser classificada como uma dinâmica traumática, referente à exclusão tanto do campo da percepção quanto do desejo do

outro. Essa vivência se atualiza repetidas vezes ameaçando constantemente a usurpação do direito do sujeito de existir e gerando, conseqüentemente, um enorme dano psíquico.

As vivências e dinâmicas descritas no livro permitem, portanto relacionar diversos conceitos da psicanálise, trazendo à luz questões importantes a respeito do desenvolvimento psíquico saudável e o papel que a mãe tem nesse processo. Nesse momento cabe citar outra contribuição significativa das pesquisas que se utilizaram desse material de análise: o artigo *Privação de Afeto e suas Conseqüências: Análise Psicodinâmica a Partir do Filme "Precisamos Falar Sobre Kevin"*. Na medida em que apresenta uma nova forma de trabalhar com o filme, utilizando-o como estudo de caso, o trabalho propõe uma maneira nova de investigação e interpretação do material.

## **OBJETIVO**

A partir da revisão bibliográfica e das discussões e conceitos nela abordados, a presente pesquisa se propõe a investigar, a partir da perspectiva psicanalítica, a relação mãe e filho entre Eva e Kevin, a partir da leitura do livro "Precisamos falar sobre Kevin" de Lionel Shriver, utilizando o material a partir de um delineamento de estudo de caso. Para isso será utilizado o método de eleição de cenas a partir de conceitos relevantes para a análise, discutidos ao longo da introdução: preocupação materna primária, mãe suficientemente boa, ambiente facilitador, destrutividade, destruição e reparação do objeto, agressividade, crueldade e indiferença.

## **PERSPECTIVA METODOLÓGICA**

O método de eleição de cenas consiste na escolha de cenas específicas da narrativa que melhor se adequam a discussão de alguns conceitos na análise de uma obra. Nessa perspectiva é sempre crucial que esses conceitos elencados já tenham sido devidamente explicados e discutidos anteriormente, como já foi realizado ao longo da introdução.

Esse método utiliza uma análise qualitativa e foi adaptado para a utilização do livro como um estudo de caso literário, assim como realizado por Pavoni et. al. (2015). Baseando-se em Yin (2014), as autoras irão afirmar que esse tipo de pesquisa contribui ao conhecimento de fenômenos individuais, grupais, organizacionais e sociais. De fato, diversos autores já comprovaram a relevância da análise de obras culturais, tanto quadros, pinturas e fotografias, quanto filmes e obras literárias. Froemming (2002), por exemplo, em sua tese de doutorado ressalta de maneira muito interessante as relações de interlocução entre a abordagem psicanalítica e a análise de filmes, particularmente.

Esse tipo particular de análise é possível no filme, mas mostra um potencial infinitamente maior na análise do livro em função da maneira como ele é estruturado – Narrativa que parte da perspectiva de Eva que realiza uma reflexão à cerca da relação com o filho.

É interessante, no entanto exemplificar como esse método funciona, para que o leitor entenda o raciocínio utilizado na realização de análises desse gênero. Para isso optou-se por recorrer novamente à dissertação de mestrado de Efken, pelo fato desta apresentar uma análise focada singularmente no livro como material de análise. Nas análises de Efken dois exemplos chamam bastante a atenção e explicitam de maneira clara a relação da cena escolhida com os conceitos trabalhados. Em função disso optou-se por trazê-las para exemplificar o uso da metodologia aqui explicitada.

A primeira cena é a que Eva conta como se sentiu quando a médica depositou Kevin em seu colo:

Franklin, eu me senti... ausente. Continuei vasculhando dentro de mim, atrás daquela emoção indescritível, mais ou menos como alguém que revira uma gaveta de talheres atrás do descascador de batata, mas por mais que eu revirasse e chacoalhasse, não obstante o que eu tirasse do caminho, a emoção não estava ali (SHRIVER, 2010, p. 143 apud. EFKEN, 2014).

A passagem pode ser claramente associada ao conceito de indiferença, à “vivência de indiferença” de Kevin, na medida em que demonstra como Eva estabelece com ele uma relação afetiva intensamente marcada pelo signo do negativo, um estado de não afeto, de radical indiferença em relação ao filho (Efken, 2014).

A segunda cena seria uma das falas que Eva dirige a Kevin, onde ela diz a ele:

Qual é o problema com você, seu merdinha? Está satisfeito, agora que arruinou a vida da mamãe? A mamãe era feliz antes que o Kevin mijão viesse ao mundo, você sabia disso? E agora a mamãe acorda todo dia querendo estar na França. A vida da mamãe agora é uma droga, você não acha que a vida da mamãe é uma droga? Você sabia que em certos dias a mamãe preferia estar morta? Para não escutar você guinchar nem mais um minuto (SHRIVER, 2010, p. 184-185 apud. EFKEN, 2014).

A partir dessa cena podemos relacionar o conceito de crueldade – talvez o mais explícito na passagem – mas também o de indiferença na medida em que demonstra uma grande falta de investimento afetivo de Eva em relação ao filho e uma clara exclusão deste do campo de desejo de sua mãe (Efken, 2014).

A partir desses dois exemplos o leitor pode compreender mais claramente quais aspectos são trabalhados para a eleição de uma determinada cena para análise da narrativa. Com isso espera-se que as discussões realizadas nos capítulos seguintes se tornem mais elucidativas.

## **SÍNTESE - SOB OS OLHOS DE EVA: A NARRATIVA DA MÃE A RESPEITO DE SUA TRAJETÓRIA COM O FILHO**

Escrito por Lionel Shriver, em 2007, o romance apresenta uma narrativa em configuração distinta: em forma de longas cartas que Eva escreve ao marido, Franklin. Nestas, ela reflete sobre a relação dela com o filho antes mesmo de sua gestação, fazendo digressões, comentários e associando eventos específicos que considera como significativos para trajetória dela própria, do filho e da relação entre eles.

O livro inicia com Eva fazendo menção a sua dificuldade de sair em público devido ao evento por ela intitulado como “quinta-feira”, referindo-se ao dia em que seu filho Kevin comete um assassinato em massa. A partir daí, ela começa a escrever as cartas ao marido, dizendo sentir falta de ter a quem contar as “curiosidades narrativas” de seu dia. Mesclando fatos de seu cotidiano, ela os

remete a diversos eventos de sua vida, da vida do casal e do filho, realizando indagações e reflexões a respeito de diferentes episódios.

Ao longo da obra acompanhamos todo o desenvolvimento do menino e a difícil e turbulenta relação que Eva estabelece com o filho. Franca, ela conta episódios capazes de deixar o leitor realmente atônito. O nível da violência vai aumentando gradativamente durante a narrativa e culmina com Kevin matando sete colegas de escola, sua professora de inglês, um funcionário da cantina e o pai e a irmã de sete anos. As cartas servem então como um espaço de reflexão a posteriori no qual Eva, reexaminando a sua trajetória, busca os motivos que podem ter transformado seu filho num assassino.

O fato de Shriver realmente ter estudado dezenas de casos de massacres escolares, condensando múltiplos deles no processo de construção de sua insólita narradora, resulta numa personagem extraordinariamente bem escrita: Eva é complexa, falha, vulnerável e orgânica.

Com uma temática - infelizmente - ainda muito atual o livro explora em detalhes o que afinal leva um adolescente a cometer um ato de tamanha violência, colocando a relação mãe e filho numa posição de destaque, de protagonismo nessa questão.

## CAPÍTULO 1: A ENTRADA DE KEVIN NO MUNDO

### 1.1 Eva e Franklin

A relação de Eva com o marido apresenta diversas questões importantes, sendo muito marcadas as questões da submissão, perda da independência e da elaboração de uma nova identidade: Eva como mãe e não mais como uma “empresária respeitada” (p. 38).

As prioridades de Eva são visivelmente marcadas por seu sucesso profissional, sendo claro seu orgulho e comprometimento com *A Wing & a Prayer*, a empresa que ela própria fundou e que tanto se empenhava para a elaboração de seus guias de viagens.

Viajando constantemente, sem nunca fixar-se em lugar algum, fica claro que Eva tinha uma dificuldade de estabelecimento de laços, característica que a personagem constantemente associa as vivências de infância e sua relação com a própria mãe:

Mas permita-me ser franca. Eu *sou* muito parecida com minha mãe [...] quando criança, estava sempre indo fazer algo para o qual era pequena demais, e por isso me apavorava (SHRIVER, 2007, p. 44).

Essa mãe, fóbica e marcada pelo luto em função da morte do marido, estabelecia uma relação disfuncional com ela e com o irmão.

Ao me forçar a ser sua emissária, quando eu ainda era muito nova, minha mãe conseguiu reproduzir em mim a mesma angústia desproporcional diante das pequenas interações com o mundo externo que ela própria sentia aos trinta e dois anos (SHRIVER, 2007, p. 44).

Eva, no entanto foi capaz de se adaptar – ainda que tivesse um grande ressentimento em relação a sua mãe – passando a de fato gostar de realizar esses atos e tarefas que lhe despertavam tanto medo.

Com o tempo acabei me viciando nessa sequência de terrores que iam se acelerando até culminar num mergulho vertiginoso num colchão adotivo. Passei a vida toda me obrigando a fazer coisas Franklin [...] e cada uma daquelas viagens [...] era, na verdade uma luva que eu atirava no chão e, depois me obrigada a apanhar, aceitando o desafio (SHRIVER, 2007, p. 44).

Essa “sequência de terrores” foi tornando-se cada vez mais banal, a ponto de não mais apresentar um desafio à Eva. Provando a si mesma, repetidas vezes, sua capacidade e independência - características que, na sua visão, sua mãe não possuía – o objeto amedrontador passou a ser outro:

Porém, com o tempo, a aversão foi se amenizando, e superar uma simples irritação não é tão suculento. Depois de adquirir o hábito de enfrentar meu próprio desafio – e provar repetidas vezes minha independência, competência, maturidade e mobilidade – o medo aos poucos se inverteu: mais do que uma nova viagem à Malásia, eu temia ficar em casa (SHRIVER, 2007, p. 44).

As viagens continuaram a ser uma constante na vida de Eva, em função de sua dificuldade em conseguir se estabelecer. Focada no trabalho, a personagem fazia dele a sua vida e prioridade suprema. Foi então, nesse ambiente, que Eva veio a conhecer Franklin - um fotógrafo - quando planejava colocar anúncios de sua empresa, nas revistas *Mother Jones* e *Rolling Stone*.

Em uma de suas cartas Eva descreve em detalhes a respeito da escolha de Franklin como marido e de como ele era exatamente o oposto do que ela esperaria de um futuro companheiro. Nela ela coloca que sua maior surpresa não foi o fato dele gostar de beisebol, usar bonés de propaganda, tomar água da torneira ou fazer trocadilhos. Sua maior surpresa foi ter se casado com um *norte-americano*, mas não qualquer norte-americano: um “norte-americano por opção” (p. 50), um patriota.

Apaixonado pelos EUA, foi ele quem apresentou a Eva seu país de origem, fazendo-a mudar a visão que tinha dele – antes tido apenas como um “lugar de onde partir” (p. 51) – passando a considerá-lo como um lugar no qual, na presença e companhia dele, ela poderia vir a se estabelecer.

Eva relata ter se apaixonado “irrecuperável e irrevogavelmente” (p. 71) pelo marido, dizendo que ele havia feito dela cobiçosa com seus gestos carinhosos e seu jeito amoroso. Em uma passagem Eva conta que “depois de ter sobrevivido tanto tempo nas migalhas de minha própria mesa emocional” Franklin havia feito dela “esganada” e “como qualquer viciado que se preze, eu queria mais” (p. 32).

Mas a relação deles era longe de perfeita. Franklin era muitas vezes possessivo na relação com a mulher

Às vezes, escutava você me chamando de algum canto — “E-e-VA!” — muitas vezes num tom irascível, grosseiro, exigente, mandando segui-lo porque eu era sua, como se eu fosse um cachorro, Franklin! (SHRIVER, 2007, p. 31).

Além disso, a questão da manipulação era constante. Franklin usa em diversos momentos de chantagem emocional para convencer Eva a tomar atitudes ou agir de maneira que ela não necessariamente faria, mas que se sentia coagida frente ao apelo do marido.

[Franklin a Eva] ‘Não sei como você consegue’ [...] ‘Partir. Partir o tempo todo e por tanto tempo. Me deixar’ [...] ‘Não estou tentando acabar com os seus guias. Eu sei o quanto significam para você. Esse é o problema. Mas, se fosse comigo, eu não conseguiria. Eu não conseguiria levantar, pegar um avião para Madri e tentar desencorajar você de ir me esperar no aeroporto daqui a três semanas. Talvez uma ou duas vezes, sim. Mas não o tempo inteiro’ (SHRIVER, 2007, p. 41).

A relação do casal, longe de ser saudável, contribui muitas vezes para os conflitos e atitude deles como unidade parental, tomando muitas vezes posições completamente opostas. Nessas situações o que se pode observar são repetidas cessões por parte de Eva, principalmente a questões referentes ao filho, Kevin.

## 1.2 Conceção

Um dos tópicos que mais polarizava o casal era a questão de ter – ou não – filhos. Eva revela que durante muito tempo ela e Franklin debateram sobre o assunto e que essas conversas “oscilavam num ritmo aparentemente arbitrário ora a favor, ora contra” (p. 24). A personagem conta que até chegaram a impor um prazo - seu trigésimo sétimo aniversário – para tomar uma decisão. No entanto, ela relata que

Nós concordamos que, se fôssemos ser pais, essa seria ‘a mais importante decisão que tomaríamos em conjunto’. Entretanto a própria solenidade da decisão fez com que jamais parecesse real, e assim foi que permaneceu no reino dos caprichos (SHRIVER, 2007, p. 23).

Ao longo das cartas ela reconta várias dessas conversas com Franklin. O marido mostra-se sempre numa posição favorável a uma nova aquisição a família, enquanto Eva normalmente assumia uma posição antagônica. Quando, porventura, ela apresenta algum argumento a favor da chegada de um filho, ele se mostra pobre, absurdo ou simplesmente fútil.

'Tudo parece tão resolvido', lamentei eu. 'A Wing decolou de tal forma que a única coisa que poderia de fato acontecer comigo, profissionalmente, é a empresa afundar. E eu sempre posso ganhar mais dinheiro — mas sou uma viciada em pechinchas, Franklin, não saberia o que fazer com mais. Dinheiro me dá tédio e está começando a mudar nosso modo de vida de um jeito que não ando gostando muito. Um monte de gente deixa de ter filhos porque não pode sustentar uma criança. Para mim, seria um alívio achar algo significativo no qual gastar dinheiro' (SHRIVER, 2007, p. 28).

De fato a visão que Eva tem da maternidade é marcada pelo negativo, chegando a afirmar que “uma criança significava barulho, sujeira, restrições e ingratidão” (p. 24). A personagem chega até a fazer uma lista de suas 10 ressalvas originais à maternidade, enumerando as desvantagens da procriação. Nela é possível perceber o quanto Eva tem consciência de suas resistências, limitações e defeitos:

5. Altruísmo artificial: ser forçada a tomar decisões segundo o que é melhor para uma outra pessoa. (Eu sou pavorosa<sup>1</sup>) (SHRIVER, 2007, p. 38).

Os seus sentimentos de receio – e muitas vezes desprezo – em relação a maternidade são constantemente associados a suas vivências infantis com a própria mãe, uma figura incapaz de suprir suas necessidades afetivas, e que em função disso faz com que ela sinta muita dificuldade em relacionar-se intimamente e investir emocionalmente.

Fria, a personagem parece tratar o afeto como algo precioso, um bem inestimável. Nesse contexto, fazer um “mau investimento” é o pior cenário possível. Em função disso, ela mantém-se distante averiguando se algo ou alguém é digno – ou não – de seu investimento.

Eva revela ter um “verdadeiro pavor de ter um filho” (p.45). Esse medo de tornar-se mãe relaciona-se – além da questão afetiva mencionada acima – com a questão da perda de sua identidade e do abandono.

Portanto, meu receio não era apenas de virar minha mãe, eu temia ser mãe. [...] Tinha medo de virar aquela figura arquetípica na soleira da porta — desmazelada, meio gorda — que acena adeuses e manda beijos enquanto uma mochila é posta no porta-malas; que enxuga os

<sup>1</sup> A tradução do termo “pavorosa” é um pouco precária. A passagem original é : “5. Unnatural altruism: being forced to make decisions in accordance with what was best for someone else. (I'm a pig.)”. O termo “pig” denota uma pessoa verdadeiramente detestável.

olhos com o babado do avental sob a fumaça do cano de escape; que se vira, desolada, passa o trinco na porta e vai lavar os poucos pratos que restaram na pia, sob um silêncio que pesa sobre a cozinha como um teto caído. Mais do que partir, eu tinha pavor de ser deixada (SHRIVER, 2007, p. 45).

É esse medo da perda que no fim acabou levando Eva a querer ter um filho, depois de um episódio um tanto traumático, em que o marido, buscando uma locação para um anúncio em que estava trabalhando, chega em casa com 5 horas de atraso. Neste dia, Eva conta que havia acabado de chegar de viagem e tinha preparado um jantar especial. No entanto, a ausência de notícias do marido foi deixando-a numa crescente angústia.

As horas corriam e Eva experienciava uma sequência de emoções: de preocupação a raiva e finalmente a um medo intenso na qual relata ter se sentido “petrificada”. Ela checava se o telefone estava fora do gancho e verificava se o elevador estava funcionando, em busca de alguma possibilidade de comunicação com o marido. Tentava se convencer de que havia de ter uma explicação para tudo aquilo, que atrasos são normais, mas ao mesmo tempo ficava com “a cabeça inunda de cataclismos” (p. 63). Sozinha em seu loft, Eva relata que a ausência do marido mudava sua perspectiva em relação a suas vivências:

Virei uma taça de sauvignon blanc; estava com gosto de vinagre de picles. Esse era o gosto do vinho sem você por perto. A moussaka não passava de uma casca seca e morta. Assim era o aspecto da comida sem você. Nosso loft, com seu rico espólio de cestos e estatuetas de todas as partes do mundo, assumiu o aspecto vulgar e abarrotado de uma lojinha de importados. Isso era a nossa casa sem você. Os objetos nunca me pareceram tão inertes, tão tenazmente improfícuos (SHRIVER, 2007, p. 63).

Diante dessa situação ela começa a refletir e se lamentar de na noite anterior ter decidido por colocar o diafragma durante a relação sexual, dizendo

O que eu poderia fazer com sua corda de pular, suas meias sujas? [...] Eu sabia que nenhum rebento poderia substituir você. Mas, se algum dia tivesse que sentir sua falta, falta para sempre, eu queria ter alguém comigo para sentir falta junto, alguém que o conheceria também, ainda que apenas como um hiato na vida, como você seria um hiato na minha (SHRIVER, 2007, p. 64).

Quando o marido finalmente ligou, por volta da meia noite, explicando as complicações que havia tido, Eva conseguiu, por fim, se acalmar. Mas esse evento a

marcou profundamente, instaurando nela um receio de que chegaria um dia em que afinal ele não voltaria para casa.

Você voltaria, sim, para casa — dessa vez. Mas, quando pus o fone no gancho, ficou registrado, com um clique sussurrado: talvez ainda chegue o dia em que ele não volte (SHRIVER, 2007, p. 65).

Esse receio fez com que assim que o Franklin chegasse em casa Eva insistisse em que transassem novamente - dessa vez sem diafragma.

Já tive meu quinhão de desejo sexual irrefreável e posso lhe garantir que aquilo foi uma urgência de outra ordem. Eu queria arrumar um back-up, uma espécie de cópia de segurança, para você e para nós, mais ou menos como enfiar um papel carbono na minha IBM Selectric. Queria ter certeza de que, se algo acontecesse com um de nós, haveria algo sobrando, além das meias (SHRIVER, 2007, p. 65).

Esse desejo de Eva, no entanto pareceu ter um caráter mais impulsivo, na medida que já na manhã seguinte Eva começava a entrar em pânico, perguntando-se “o que tinha feito?” (p. 66). Para sua felicidade, a menstruação veio ao final do mês e ela mentiu ao marido, dizendo estar desapontada. Durante as seis semanas seguintes, ela conta que Franklin se “empenhava todas as noites”, no que ela classificava como “trepadas militares” (p. 66).

### 1.3 A gestação

Depois de um mês e meio de “tentativas,” Eva finalmente consegue engravidar. Sobre os indícios de que estava grávida, a personagem conta que não teve os “clássicos sinais de gravidez”.

Fui privada do clichê cinematográfico que dá a dica, não tive de correr para vomitar no banheiro, mas parece que não interessa aos cineastas admitir que algumas mulheres não sentem enjoô matinal (SHRIVER, 2007, p. 67).

Para confirmar que estava grávida ela se submete a um exame de urina, no qual o marido se oferece para acompanhá-la. Eva, no entanto rejeita a oferta, associando o teste de gravidez a um exame para câncer.

Embora você tenha se oferecido para me acompanhar no teste de urina, eu o dissuadi da idéia: ‘Eu não estou indo fazer um teste de câncer ou algo parecido’. Lembro-me desse comentário. Muito semelhante ao que as pessoas dizem de brincadeira, é bastante

significativo o que afirmam que isso ou aquilo não é (SHRIVER, 2007, p. 67).

Essa passagem chama a atenção pelo fato de mostrar que Eva tem consciência das associações e representações que a gravidez tem para ela. Isso fica muito mais evidente quando, ao receber a notícia da médica que seu teste de gravidez havia dado positivo, Eva relata ter sentido “um frio estranho”, que a fez ficar pálida e começar a “bambejar” (ficar tonta). A médica, vendo isso, aponta:

Eva, eu pensei que você estivesse tentando engravidar. A notícia deveria ser boa.” Ela disse isso com severidade, mas sem censura. Tive a impressão de que, se eu não fosse ficar satisfeita com a notícia, ela tiraria meu bebê para dá-lo a alguém com a cabeça no lugar [...] (SHRIVER, 2007, p. 67).

A introdução de Eva a gestação começou, assim, de uma maneira um pouco caótica, sendo vivida por ela como uma espécie de grande lista de restrições, como se a vida que ela vivia e o corpo que ela habitava agora já não fossem mais seus.

[...] a dra. Rhinestein começou a desfiar uma longa lista de tudo o que eu não poderia fazer, do que eu não poderia comer e beber e quando — e daí que eu tinha planos de atualizar o guia da Europa Oriental? — eu teria de voltar para a próxima consulta. Aquela foi minha introdução à maneira como, cruzada a soleira da maternidade, de repente você se transforma em propriedade social, no equivalente animado de um parque público. Aquela frase tão recatada, “você agora está comendo por dois, querida”, nada mais é que uma forma de provocação, porque nem mais o jantar é assunto privado seu (SHRIVER, 2007, p. 68).

De fato, o ressentimento principal que Eva tem em relação à gravidez gira em torno da perda de liberdade de escolha, da privação. A situação era ainda mais difícil pelo fato do marido apresentar uma atitude superprotetora e impositiva, chegando em alguns momentos a ser agressivo demais, beirando a violência.

Sinceramente, Franklin, sua atitude de dono me irritava. Se por exemplo eu atravessasse a rua com o sinal mudando, você não se preocupava com minha segurança, mas ficava indignado com minha irresponsabilidade. Esses “riscos” que eu assumia [...] pareciam, na sua cabeça, demonstrar displicência em relação a um de seus pertences pessoais. Toda vez que eu cruzava a soleira da porta, juro que você fechava um pouco a cara, como se eu estivesse levando para longe uma de suas posses mais preciosas sem pedir permissão (SHRIVER, 2007, p. 80-81).

Não é a toa que a representação que ela tem dessa criança está tão associada ao negativo.

Já reparou quantos filmes retratam a gravidez como uma infestação, uma colonização subreptícia? O bebê de Rosemary foi só o começo [...] Nos filmes de horror ou de ficção científica, o anfitrião é consumido ou despedaçado, reduzido a uma casca ou resíduo para que alguma criatura de pesadelo possa sobreviver (SHRIVER, 2007, p. 76).

Para a personagem, a maternidade seria algo análogo às cenas de terror que ela descreve. E ela argumenta que

Desculpe, mas não fui eu que inventei esses filmes, e qualquer mulher cujos dentes tenham apodrecido, cujos ossos tenham perdido massa, cuja pele tenha ficado marcada sabe o alto preço que tem de pagar por levar um sanguessuga durante nove meses dentro da barriga (SHRIVER, 2007, p. 76).

Ao vincular a imagem do bebê a verdadeiros predadores cujo único intuito é consumir o hospedeiro até que dele não reste mais nada, Eva demonstra uma incapacidade de investir libidinalmente nessa criança, projetando nele conteúdos maus e, conseqüentemente, tentando explicar os eventos e acontecimentos que envolvem o filho com narrativas que se encaixem nessa imagem ameaçadora que tem da criança. Além disso, durante seus relatos a respeito dessa fase, também é possível perceber uma ênfase - quase absoluta - nos aspectos negativos, nos ônus referentes à gravidez.

Outro ponto importante a respeito dessa fase é a mudança que a gravidez determina em sua relação com o marido. Ela constantemente se queixa de que Franklin começa a tratá-la diferente, como se fosse frágil, algo que precisasse ser manuseado com cuidado. Em função disso, o sexo e outras formas de relação íntima do casal passam também por mudanças. Eva conta que Franklin tinha um receio de “machucar o bebê” e em função disso era “deprimentemente delicado” (p. 71) durante as relações sexuais. Ela diz:

Já estava me sentindo vitimada, como se eu fosse alguma princesa, por um organismo do tamanho de uma ervilha (SHRIVER, 2007, p. 71).

A personagem relata ter se sentido “enclausurada” e “entupida” (p. 70) em função da gestação, não sabendo ao certo se haviam feito a coisa certa. Durante toda essa fase, e principalmente durante o parto, fica evidente a necessidade que Eva tinha de agradar o marido, o que muitas vezes resultava numa falta de comunicação entre os dois, ou pior, em omissões, mentiras e ocultamentos. Aqui cabe novamente apontar a dependência emocional que Eva estabelecia com

Franklin. A personagem conta que não era capaz de negar o desejo dele de ter um filho, ainda que claramente fosse contra.

Por mais cansada que eu estivesse de escrever sobre novos países [...] essa ainda era a vida que eu preferia, e na qual os filhos não cabiam muito bem. A única coisa que eu amava mais que isso era Franklin Plaskett. Você ambicionava tão pouco; havia uma única coisa importante que você queria que estava a meu alcance fornecer. Como é que eu poderia ter negado a você a luz que lhe iluminava o rosto quando atirava as duas meninas eufóricas de Brian para o alto? (SHRIVER, 2007, p. 71).

Ainda que incerta a respeito do filho, Eva tinha uma única exigência, que foi motivo de muitas brigas e discussões do casal: queria que o filho levasse o seu sobrenome.

O nome? Acho que eu só queria que o bebê fosse meu. Não conseguia me livrar da sensação de ter sido tomada. Mesmo quando fui fazer o ultra-som e a dra. Rhinestein passou o dedo por uma massa em movimento, no monitor, eu pensei: *Quem é esse?* Embora estivesse bem ali, debaixo de minha pele, nadando num outro mundo, a forma me parecia distante (SHRIVER, 2007, p. 79).

Poderíamos dizer que essa insistência com relação ao nome da criança está ligada ao sentimento que a personagem relata de invasão do corpo e usurpação de sua liberdade.

Durante o tempo todo em que estive grávida de Kevin, combati a idéia de Kevin, a noção de que eu havia sido rebaixada de motorista a veículo, de proprietária para o imóvel em si (SHRIVER, 2007, p. 76).

Essa demanda de que o filho levasse o seu sobrenome, Khatchadourian, revela uma tentativa de Eva de filiação desse filho, mas mais importante, é uma tentativa de retomar esse “controle”, de sentir-se parte do processo e não simplesmente um “hospedeiro consumido”. Esse é um aspecto positivo, no qual a personagem pela primeira vez apresenta um movimento de tentativa de investimento nessa criança.

Após muitas discussões e brigas do casal, eles finalmente chegam a um acordo: se tivessem uma menina, ela levaria o sobrenome do pai e se tivessem um menino, o da mãe. Ao descobrir o sexo da criança, no entanto, a reação de Eva não é a que se esperaria:

Confesso que, quando a dra. Rhinestein apontou para o pontinho no meio das pernas, senti um certo desalento. Ainda que, de acordo com

nosso “negócio”, eu estivesse agora carregando um Khatchadourian, apenas pôr meu nome na escritura não iria anexar o menino a sua mãe (SHRIVER, 2007, p. 80).

A partir dessa constatação Eva começa a relatar uma situação traumática, ocorrida na sua infância, em relação a sua interação com meninos.

Quando eu tinha oito ou nove anos, uma vez mais forçada por minha mãe a ir buscar algo adulto e complicado, fui cercada por um grupo de meninos pouco mais velhos que eu. Ah, não me estupraram nem nada; levantaram meu vestido, baixaram minha calcinha, puseram alguns torrões de terra dentro e saíram correndo. Mesmo assim, tive medo (SHRIVER, 2007, p. 80).

Esse medo que Eva relata se estende a vida adulta e ela afirma que

Mais velha, continuei mantendo uma boa distância de meninos [...] Mesmo antes de ter um, eu já sentia verdadeiro pavor de menino (SHRIVER, 2007, p. 80).

A partir desse histórico, fica claro que a gravidez de Eva foi uma fase conturbada, vivida por ela como uma série de perdas e conflitos tanto emocionais, quanto reais, concretos – vividos com o marido. Ainda que ela relate que, fisicamente, a experiência tenha sido mais fácil do que havia imaginado, ela sente uma dificuldade grande de se haver com a situação, revelando um sentimento de ambivalência que não desaparece, pelo contrário, se agrava. Eva então, temendo a reação do marido frente a isso, encobre a “sensação conflitante”.

Eu esperava que, com o tempo, a ambivalência sumisse, mas a sensação conflitante foi se acentuando e, desse modo, ficando mais secreta (SHRIVER, 2007, p. 71).

Ao final ela é capaz de refletir sobre a situação, analisando-a e afirmando que

Acho que a ambivalência não desapareceu porque não era o que parecia ser. Não é verdade que eu me sentisse ‘ambivalente’ a respeito da maternidade. Você queria ter um filho. Eu não. Tudo somado, até parecia uma ambivalência, mas, mesmo formando um casal que era realmente o máximo, não éramos uma mesma pessoa (SHRIVER, 2007, p. 71).

#### **1.4 O parto**

O parto, como já era de se esperar, também foi turbulento, marcado por uma intensa resistência de Eva à concepção. Ela conta que o filho chegou ao mundo com duas semanas de atraso, atribuindo a esse fato uma vontade dele de se esconder.

Ao relatar o processo de parto, Eva faz questão de ressaltar o quão importante era, para ela, ter um parto sem anestesia. A personagem considerava a anestesia como algo desprestigiado, que tirava o mérito do trabalho de parto. De fato, Eva tinha uma ideia idealizada de que seu parto seria mais digno, mais legítimo, que teria maior valor se ela não precisasse de qualquer anestesia. Contando sobre o curso de parto natural que havia realizado, ela diz

[...] aposto que muitas daquelas alunas que viviam repetindo a ladainha de “eu quero saber qual é a sensação” pediram arrego e imploraram por uma epidural na primeira contração (SHRIVER, 2007, p. 92).

Obstinada, Eva estava certa de que impressionaria a todos com sua atitude tranquila e serena em relação ao trabalho de parto. Com isso, queria mostrar-se forte, superior e, assim, impressionar as enfermeiras, sua médica e, principalmente, o marido.

Eu não era corajosa, mas era teimosa e tinha orgulho de sobra [...] Sendo assim, na primeira vez que minhas entranhas se retorceram como se fossem um lençol molhado, meus olhos saltaram de leve e as pálpebras se arregalaram de surpresa; meus lábios se comprimiram. Impressionei você com minha calma (SHRIVER, 2007, p. 93).

Ainda que as dores fossem intensas, Eva lutava para não demonstrar qualquer sinal de incômodo. Em retrospecto ela admite que

Era tudo uma encenação ridícula e absolutamente inútil. Não havia motivo algum para impressionar a dra. Rhinestein, de quem eu nem sequer gostava. Se a intenção era deixá-lo orgulhoso, Franklin, você já estava obtendo um filho dessa barganha, uma recompensa suficiente em troca de aturar alguns berros e grosserias (SHRIVER, 2007, p. 93).

Novamente, é interessante pontuar a sagacidade de Eva, que é capaz de analisar as situações, tendo uma consciência grande a respeito de suas ações. Ela inclusive admite que

Ah, Franklin, não há por que fingir agora. Foi horrível (SHRIVER, 2007, p. 93).

Realmente o trabalho de parto foi complicado, levando mais de 24 horas em função de uma ausência de dilatação. À medida que as horas passavam, Eva desconfiava que, aos 37 anos, ela talvez já estivesse velha demais para aquilo tudo. A médica, frustrada, fazia comentários que levavam Eva a se sentir inadequada e desconfortável

A dra. Rhinestein comentou, formal, que eu era pequena, como se assinalando uma inadequação e após umas quinze horas, se desesperou com severidade: *Eva! Você precisa se esforçar de verdade* (SHRIVER, 2007, p. 94).

O processo foi progressivamente tornando-se mais doloroso, mas mesmo assim Eva se recusava a aceitar a epidural, ainda que admitisse que

[...] minha insistência em recusar a anestesia adquiriu um aspecto meio demente. Agarrei-me a essa recusa, como se a grande questão fosse passar pelo pequeno teste, e não dar à luz. Enquanto recusasse a agulha, eu estava ganhando (SHRIVER, 2007, p. 94).

Por essa fala percebe-se que o parto para Eva não estava ligado à chegada do filho ao mundo, e sim a uma necessidade dela de “se provar” como capaz, forte e superior. Queria que todos soubessem o quanto ela não era igual a todas as outras mulheres - que era especial - e queria que todos reconhecessem isso nela. Ao final, essa dinâmica de recusa – análoga a um jogo para Eva - só foi quebrada em função de uma ameaça de cesárea.

No fim, foi a ameaça de uma cesárea que decidiu o impasse [...] Eu tinha um horror anormal de entrar na faca. Não queria a cicatriz [...] eu temia pelos músculos do meu estômago; e o procedimento era parecido demais com todos aqueles filmes de horror (SHRIVER, 2007, p. 94).

Novamente associando gestação e o parto aos filmes de horror, Eva demonstra suas fantasias a respeito do filho, além de mostrar-se mais uma vez muito fútil e individualista, colocando suas vontades e necessidades como prioridade.

Ela admite que, com medo da cesárea, teve que se esforçar e, assim, reconhece que durante todo aquele tempo, esteve resistindo ao parto.

Assim, me esforcei, momento em que tive de reconhecer que estava, sim, resistindo ao parto. Toda vez que aquela massa enorme se aproximava do canal minúsculo, eu o sugava de volta. Porque doía. Doía de verdade (SHRIVER, 2007, p. 94).

Essa dor, como ela relata – e se queixa – não era uma “dor boa” e sim uma agonia tamanha, ela então finalmente aceita tomar a anestesia, afirmando que “teria feito qualquer coisa naquele momento para parar com aquilo” (p. 95). No entanto, já era tarde demais

A dra. Rhinestein ralhou comigo. “Agora é tarde demais para isso, Eva, se você sabia que não iria agüentar, deveria ter dito antes. O menino está saindo. Por favor, veja se não desiste *agora*” (SHRIVER, 2007, p. 95).

Os sentimentos que Eva teve durante o parto também foram marcados pelo negativo. Podemos observar bem essa questão a partir de uma fala sua na qual compara o parto de Kevin ao da irmãzinha Celia, contando que

[...] no nascimento dos meus dois filhos, deu para divisar de imediato uma tonalidade emocional dominante, como a nota mais alta de um acorde ou a cor em primeiro plano de uma tela. Com Kevin, a nota era o tom agudo e ardido de um apito contra estupro, a cor era um vermelho pulsante, aórtico, e a sensação era de fúria. A estridência e o latejo de toda aquela ira eram insustentáveis, de modo que, à medida que ele foi crescendo, a nota foi baixando para um clangor uniforme de buzina disparada; as tintas do primeiro plano iriam se adensando aos poucos, os tons se coagulariam no negro-arroxeadado apático do fígado e sua emoção predominante passaria da ira intermitente a um ressentimento constante e inflexível (SHRIVER, 2007, p. 259).

Ao longo de sua narrativa do evento Eva relata ter sentido uma variedade de sentimentos desagradáveis que iam desde desprezo até ódio, não só em relação ao bebê, mas também em relação a si própria.

A personagem conta que após a ameaça de cesárea, quando teve que realmente se esforçar, e sentiu muita dor, foi tomada por esse desprezo desmedido que se associava a um sentimento de aversão.

Fui tomada por um sentimento de desprezo. Na verdade, nunca lhe contei isso antes, mas a emoção na qual me prendi para poder ir além de um limiar crítico foi aversão (SHRIVER, 2007, p. 94).

Esse desprezo que descreve não está ligado à criança, e sim a si mesma

Senti desprezo de me ver escancarada feito algum produto agrícola, com estranhos olhando embasbacados por entre meus joelhos dobrados (SHRIVER, 2007, p. 94).

Mais do que isso, Eva também revela sentir um ódio de si própria, por ter aceitado passar pelo processo de parto normal, tão doloroso e constrangedor para a personagem

Odiei a mim mesma por ter concordado com o humilhante teatro, quando eu estava ótima antes e bem naquele momento poderia estar na França (SHRIVER, 2007, p. 94).

Esses sentimentos vão progredindo e a levam a sentir nojo do marido, em função de sua atitude esperançosa e encorajadora durante o trabalho de parto. Ela se irrita com o fato de ter que arcar, sozinha, com os maiores prejuízos de se ter um filho

Sua expressão eternamente esperançosa e encorajadora me deu nojo. Tudo muito simples, você querer ser papai, comprar todas aquelas bugigangas de pelúcia, mas fui eu que tive de engordar até virar uma porca (SHRIVER, 2007, p. 95).

Ela lista todas as coisas que teve que passar a fazer, as coisas que perdeu e as consequências que seu corpo sofreria com a gravidez e com o parto

[...] eu que precisei virar uma abstinência certinha, mamando vitaminas, eu que tive de ver meus seios aumentando, inflando e ficando doloridos, quando antes eram tão contidos e pequenos, e eu é que seria estilhaçada por um melão abrindo caminho por uma passagem da largura de uma mangueira de quintal (SHRIVER, 2007, p. 95).

Finalmente ela admite que

De fato, odiei você, seus pequenos arrulhos e sussurros, queria que parasse de enxugar minha testa com aquela toalhinha úmida, como se fizesse a menor diferença (SHRIVER, 2007, p. 95).

Esse sentimento de ódio se estendeu também ao recém-chegado filho, que vem como uma quebra de expectativa, abalando a visão de si mesma que a personagem possuía.

[...] cheguei inclusive a odiar o bebê — que, por enquanto, em vez de me trazer esperança para o futuro, história, conteúdo e “um virar da página”, tinha me dado peso, constrangimento e um trovejante tremor subterrâneo que abalara o próprio solo oceânico da pessoa que eu achava que era (SHRIVER, 2007, p. 95).

Vendo-se diante dessa situação em que sente que falhou, não prevendo a dor e a dificuldade que estariam associadas ao trabalho de parto e tendo finalmente que “pedir trégua”, Eva confessa

No momento mesmo em que ele nascia, associei nosso filho com minhas próprias limitações — não só com o sofrimento, mas também com a derrota (SHRIVER, 2007, p. 95).

## 1.5 Filiamento Inicial

Agora vendo-se mãe, Eva demonstra novamente seu descontentamento, sentindo-se inadequada em função da dificuldade que teve em se vincular com essa criança, que ela sente que, já nesse primeiro momento de contato, a recusa e despreza seu cuidado. A todos esses sentimentos e sensações a personagem associa a suas enormes expectativas, contando que

[...] minhas expectativas eram sempre absurdamente gigantescas [...] minha sofreguidão pelo exótico era autodestrutiva porque, assim que eu punha as mãos no extraordinário, ele passava ao plano do comum e não contava mais. (SHRIVER, 2007, p. 103).

De fato, a personagem revela que tinha expectativas muito grandes em relação à maternidade e, ainda que estivesse apreensiva, Eva acreditava que com a chegada do filho ela seria transformada

A questão é que não previ o que exatamente iria acontecer comigo quando Kevin foi içado pela primeira vez até meu peito. Eu não havia previsto nada exatamente. Eu queria o que não podia imaginar. Queria ser transformada; queria ser transportada [...] Eu adorava isso, a perspectiva de um outro país, de uma terra estranha na qual celerados insolentes eram milagrosamente transmutados (SHRIVER, 2007, p. 101).

No entanto, não foi capaz de prever como reagiria quando o filho fosse colocado em seu colo. No momento em que a médica coloca Kevin sobre seu peito e ele não reage como havia pensado, quando a imaginação não condiz com a realidade, ela começa a projetar nele uma recusa, acreditando que suas ações mostravam a ela o quanto ele a desconsiderava

A dra. Rhinestein balançou o bebê sobre o meu peito e depositou aquela criatura minúscula nele com [...] infinita ternura [...] Hesitante, pus as mãos em volta dele. A expressão no rosto retorcido de Kevin era de desagrado. O corpo, inerte; eu só podia interpretar a lassitude dele como falta de entusiasmo (SHRIVER, 2007, p. 102).

Eva oferece o seio à criança, mas relata que o filho o recusa “virando a cabeça, enojado” (p. 102). A personagem insiste, oferecendo o outro seio e esperando que aquela transformação tão esperada acontecesse.

Com a respiração rasa, esperei. E continuei esperando. *Mas todo mundo diz...*, pensei eu (SHRIVER, 2007, p. 102).

Por mais que esperasse, quisesse e tentasse, Eva não era capaz de sentir a sensação de euforia e felicidade de finalmente poder segurar o filho e vê-lo pela primeira vez. Ela diz

Franklin, eu me senti... ausente. Continuei vasculhando dentro de mim, atrás daquela emoção indescritível, mais ou menos como alguém que revira uma gaveta de talheres atrás do descascador de batata, mas por mais que eu revirasse e chacoalhasse, não obstante o que eu tirasse do caminho, a emoção não estava ali (SHRIVER, 2007, p. 102).

Essa cena mostra uma intensa indiferença de Eva em relação ao filho, incapaz de demonstrar qualquer emoção diante das primeiras interações com o bebê. Ela então murmura um “ele é lindo”, uma fala estereotipada, para mascarar sua indiferença.

Quando o marido pede para segurar o filho e Eva observa sua facilidade ao interagir com ele e a receptividade de Kevin em relação ao pai, ela se sente injustiçada

Pareceu-me tão injusto. Você estava claramente engasgado, cheio até a garganta de um deslumbramento que desafiava classificação. Era como ver você lambendo uma casquinha de sorvete que não quisesse dividir com ninguém (SHRIVER, 2007, p. 103).

Refletindo sobre essas primeiras interações com o filho, Eva revela que sentiu-se inadequada, tendo a

[...] sensação de que estava tudo dando errado já do começo, que eu não estava seguindo o programa, que eu havia decepcionado calamitosamente tanto nós dois como nosso filho recém-nascido. Que eu era, para ser bem sincera, uma aberração (SHRIVER, 2007, p. 103).

Quando, depois do parto, teve que sair para receber pontos e o marido se ofereceu para levar o filho, ela revela que sabia ser esperado que ela protestasse, que não quisesse que tirassem dela o filho que acabara de conhecer, mas que não foi capaz de fazê-lo. Pelo contrário, diz ter se sentido livre, ter tido uma sensação de gratidão desalentadora. Finalmente ela revela que

Se quer saber a verdade, eu estava com raiva. Estava com medo, com vergonha de mim mesma, mas também me senti enganada (SHRIVER, 2007, p. 103).

Esses sentimentos geram um constrangimento na personagem, que afinal decide que não relevaria a ninguém o que havia sentido durante o parto e nesse primeiro contato com o filho

Prostrada, com as pernas escancaradas, fiz uma promessa: embora tivesse aprendido a expor minhas partes “privadas” para o mundo todo ver, jamais revelaria a quem quer que fosse que o parto não me comovera (SHRIVER, 2007, p. 104).

## **1.6 Preocupação materna primária?**

A partir desse histórico podemos observar a despreparação de Eva para a maternidade. As vivências com a própria mãe marcam sua visão da maternidade com o símbolo do negativo. Ela temia tornar-se a própria mãe e, como ela, ser incapaz de fornecer um suporte emocional para sua criança.

Suas experiências infantis a levam a estabelecer um funcionamento de baixo investimento afetivo e dificuldade de estabelecer relações íntimas. Quando ela finalmente encontra alguém que é capaz de suprir suas necessidades emocionais, Eva passa a estabelecer uma relação de extrema dependência, como se aquela fosse a sua única chance, sua única fonte de cuidado e carinho.

No final é essa dependência extremada que a leva a querer ter um filho. Esse não é desejado em si, mas é tido como uma reserva desse marido que tanto ama. Por não ser realmente desejado, Eva várias vezes se sente incerta em relação a decisão de trazer o filho ao mundo, decisão essa que só se mantém, em função de sua vontade de realizar o desejo do marido de tornar-se pai.

Durante toda a gravidez essa incerteza e suas vivências em relação à maternidade fazem com que Eva imagine esse bebê como um predador, que consome seu corpo, toma sua liberdade e transforma sua relação com o marido. A situação piora quando descobre o sexo do bebê e o associa, novamente, a experiências traumáticas na infância.

Sua resistência à gravidez fica muito evidente durante o trabalho de parto, vivido por ela como uma situação traumática, que gera uma ferida narcísica, revelando suas incapacidades e limitações. O quadro se agrava quando, diante do

filho recém-nascido, Eva se mostra indiferente, não experienciando o intenso prazer e euforia durante esse primeiro contato com o filho.

Diante desse quadro, fica claro que Eva não teve as condições necessárias para que fosse capaz de imaginar esse bebê e fornecer a ele um lugar para ocupar, investindo libidinalmente nessa criança. Ele não ocupa um lugar privilegiado, pelo contrário, todas as representações dessa criança são marcadas pelo negativo, ela é tida como ameaçadora, um predador digno de filmes de horror.

Ainda que haja uma tentativa de extensão de seu narcisismo através da insistência de Eva para que o filho recebesse seu sobrenome, esse movimento não é suficiente para que a filiação dessa criança ocorra, o que resulta na atitude indiferente da personagem frente ao filho - um extremo desinteresse que se estende ao longo da relação dela com Kevin. Devido às intensas projeções que realiza, Eva atribui às ações do filho uma negação e rejeição dele para com ela e ela, então, devolve ao filho essas mesmas atitudes, tratando-o com desdém e frieza.

Dessa maneira, podemos afirmar que o processo de preocupação materna primária no caso de Eva e Kevin esteve extremamente comprometido, podendo se questionar se ele, de fato, existiu.

## CAPÍTULO 2: EVA E A INFÂNCIA DE KEVIN

Depois de um parto difícil e uma dificuldade inicial de se vincular com o filho, não é de se espantar que as dificuldades de Eva no trato de Kevin não só continuaram, mas aumentaram durante toda sua primeira infância.

Eva relata ter recebido o diagnóstico de depressão pós-parto, mas diz não gostar do termo, afirmando que

[...] era mais uma tautologia que um diagnóstico: eu estava deprimida depois do nascimento de Kevin porque estava deprimida depois do nascimento de Kevin. Muito obrigada (SHRIVER, 2007, p. 107).

Ela descreve um quadro de apatia, falta de apetite, sono irregular e dificuldade de estabelecer padrões adequados de autocuidado, contando que

[...] todos os dias, enfrentava uma mixórdia roxa de fúria insaciável enquanto repetia comigo mesma, com total incompreensão, *eu devia estar amando isto* (SHRIVER, 2007, p. 115).

Durante esse período a personagem conta de uma dificuldade em relação à amamentação de Kevin. Sua médica sugere que talvez, em função do extremo desinteresse do filho por seu peito, ela pudesse estar sofrendo um sentimento de rejeição. Eva constrange-se com essa possibilidade, mas admite que Dra. Rhinestein estava certa.

A questão da rejeição de Kevin ao peito da mãe realmente foi uma questão muito marcante dessa primeira fase de vida. Eva relata que achava que estava fazendo algo de maneira incorreta ou que havia alguma coisa errada com ela. Essa é a primeira vez que, frente a uma dificuldade com o filho, ela realmente se empenha para tentar resolvê-la. Ela para de beber e muda completamente sua alimentação, retirando vários alimentos que acreditava fazer seu leite menos atraente para o filho, mas de nada adianta.

No fim, eu estava morrendo à míngua enquanto Kevin continuava a se alimentar daquela forma apagada dele, com mamadeiras preparadas no microondas, que ele só aceitava de você [Franklin] (SHRIVER, 2007, p. 108).

Devido a essa rejeição – e talvez fruto desta – as projeções nesse período são intensas. A personagem atribui às ações do filho um caráter agressivo, como se

o filho a negasse constante e propositalmente, querendo mostrar a ela o quanto ele a detestava.

De início, pensei que estava fazendo algo errado, que não estava guiando a boca de Kevin. Mas não; eu punha o bico dos seio entre os lábios dele, e dali para onde mais eles poderiam ir? Ele sugava uma ou duas vezes, mas depois desviava a cabeça, o leite azulado escorrendo pelo queixo. Ele tossia e, talvez fosse imaginação minha, parecia até querer vomitar (SHRIVER, 2007, p. 107).

Aos poucos essas projeções vão se generalizando para outras ações e atitudes, agora já não mais referentes ao amamentar.

Tenho certeza de que, quando eu o pegava no colo, ele detectava um certo enrijecimento em meus braços que abria o jogo. Estou convencida de que, quando eu arrulhava e sussurrava para ele, Kevin inferia, graças a um sutil exaspero em minha voz, que sussurrar e arrulhar não me vinham de forma natural, assim como também tenho certeza de que seus ouvidos precoces conseguiam isolar, daquela interminável fieira de papagaiadas lenitivas, um sarcasmo insidioso e compulsivo [...] Toda vez que eu me forçava a sorrir, era muito claro que ele sabia que eu não estava com vontade de fazer isso, porque nunca me sorriu de volta (SHRIVER, 2007, p. 108).

As ações do filho passam a ser enxergadas por Eva como pequenos ataques - ataques a ela como mãe - fazendo-a sentir inadequada e insuficiente. Ela relata ter realmente se esforçado para ter o que denomina um “elo apaixonado pelo filho”, mas

[...] Quanto mais eu tentava, mais consciente ficava de que o esforço era abominável. Aquela ternura toda que, no fim, eu simplesmente imitava, não deveria ter chegado sem ser convidada? Portanto não era só Kevin que me deprimia, nem o fato de você estar começando a me negar afeto, Franklin; a verdade é que eu me deprimia. Eu era culpada de mau procedimento emocional (SHRIVER, 2007, p. 109).

Parte dessa dificuldade talvez tenha se dado pela incapacidade da personagem de enxergar Kevin como seu filho, como “o bebê” (como ela denomina), como seu bebê. Para ela o menino entra como um terceiro que interfere em sua relação com o marido e conspira contra ela.

Para mim, ele nunca foi “o bebê”. Ele era um indivíduo singular e espertíssimo, que chegara para ficar e apenas calhava de ser bem pequeno (SHRIVER, 2007, p. 109).

Além de todas essas questões, Eva ainda conta que o filho costumava ter “acessos de birra” que chegavam a durar de seis a oito horas e afirmava que esses só ocorriam em sua presença, que com a chegada do pai o menino

automaticamente se acalmava e parava de chorar. Isso é visto pela personagem como um claro ataque direcionado a ela.

E o que vou dizer pode lhe parecer loucura total, mas a consistência com que Kevin se esgoelava com uma força de vontade precoce durante o tempo inteiro em que ficávamos nós dois sozinhos, e depois, bruscamente [...] a maneira como parava assim que você entrava em casa — bem, aquilo me parecia deliberado (SHRIVER, 2007, p. 110-111).

O grito desse filho era entendido por Eva como uma arma, proposital e potente, o meio pelo qual era capaz de atingir a mãe, ainda nessa idade tão tenra.

[...] nele [choro de Kevin] eu não detectava nenhum grito de apelo, nenhum queixume de desespero, nenhum gorgolejar de receios sem nome. Não, o que ele fazia era atirar a voz como uma arma, uivos atingindo as paredes do nosso loft como um taco de beisebol destruindo um abrigo de ônibus. Juntos, os punhos lutavam com o móvel em cima do berço, as pernas chutavam o cobertor (SHRIVER, 2007, p. 112).

A personagem acredita que o que leva o filho a apresentar esse choro desesperador é um sentimento profundo de indignação e ódio. Ódio dela, da vida e do mundo, como se o menino não quisesse ter nascido e viu-se obrigado a habitar aquele espaço sem ter jamais sido questionado a respeito, exibindo assim esses “guinchos de eu-detesto-o-mundo-todo” (p. 116) como ela descreve.

Ainda que tivesse que lidar constantemente com os “acessos de birra” – o choro constante, a insatisfação e a agitação - do filho, o marido era totalmente alheio à existência deles. Franklin apenas descreve Kevin como “meio mal-humorado”, ressaltando que em sua concepção o filho “na maior parte do tempo [...] parece muito bonzinho” (p.116). Essa divergência na experiência do trato do filho gera uma desconfiança de Franklin em relação à mulher, o que Eva atribui novamente um caráter perverso na atitude do filho, dizendo que

Já cheguei a alimentar a ilusão retroativa de que, desde o berço, Kevin aprendera a dividir para conquistar, e que o plano era expor à luz do dia temperamentos tão opostos que estaríamos fadados a nos desentender, você e eu (SHRIVER, 2007, p. 111).

As dificuldades no trato e amamentação de Kevin acabam de levando Eva a apresentar um quadro de mastite em ambos os seios. Com Eva hospitalizada, Franklin resolve contratar uma babá para cuidar do filho enquanto a mulher está no hospital.

A presença da babá, Siobhan, melhora um pouco a relação de Eva com o filho, já que agora ela se vê “livre” do garoto. O quadro depressivo da personagem melhora aos poucos, na medida em que é capaz de voltar ao trabalho em sua empresa. A presença dessa babá é muito importante para Eva, que ainda num momento difícil no relacionamento com o marido - em função das brigas incessantes a respeito do filho – passa a construir uma relação de maior proximidade com a jovem.

A personagem confessa que “Eu confiava em Siobhan porque não estava confiando em meu marido” (p. 121). De fato, a personagem sente que a babá é a única pessoa que a compreende, já que o marido tinha uma experiência completamente díspar em relação ao cuidado do filho. Em suas conversas é capaz de perceber indícios de que o garoto se comporta de maneira semelhante com a babá e isso lhe traz um extremo conforto, como se aquilo fosse uma comprovação de que não, de fato ela não estava simplesmente imaginando tudo aquilo, que não eram apenas confabulações criadas por ela.

Nesse cenário, Eva achava que a babá continuava cuidando de Kevin, não em função de gostar e se realizar no cuidado do garoto, muito menos por gostar dele. Para ela, Siobhan continuava na casa em função de uma fascinação pelo casal, dizendo que a jovem “adorava a gente [Eva e Franklin]”, sendo “fascinada com a liberdade de nossas vidas profissionais” (p. 122).

Você achava que Siobhan gostava de nosso filho, mas eu via que a lealdade dela era mais em relação a você e a mim. Raras vezes falava a respeito de Kevin em outros termos que não logísticos. As próximas mamadeiras já tinham sido esterilizadas; as fraldas descartáveis estavam acabando. Para alguém de temperamento tão quente quanto o dela, essa abordagem mecânica parecia artificial (SHRIVER, 2007, p. 122).

Pelos relatos fica claro o porquê de Kevin se comportar de maneira semelhante com a babá e a mãe: Siobhan reproduzia o trato de “mãe executiva” que Eva realizava com o filho, suprimindo a todas as necessidades fisiológicas do garoto, mas a nenhuma necessidade psíquica ou afetiva dele. A isso Kevin responde com seus choros, ataques de birra e sua negação - dos brinquedos, da comida e de tudo que lhe era ofertado por essas mulheres.

Com a babá tendo as mesmas dificuldades no cuidado de Kevin que a mãe encontrava, era só uma questão de tempo até que aquela situação se tornasse insuportável. A jovem, antes aberta e carinhosa, passou a ficar cada vez mais mal-humorada, perdendo peso e tomando uma aparência mais abatida. Ela começa a faltar sistematicamente e finalmente, depois de uma conversa com Eva - em que é capaz de confessar a ela todas as suas dificuldades no trato de Kevin – ela pede demissão.

Eva fica devastada com a notícia culpando o filho pela saída daquela pessoa de quem tanto apreciava a companhia. Enquanto ela levava a babá até a porta, despedindo-se dela, o filho chorava “feito um cortador de grama” (p. 126), mas a personagem não se importava. Quando ela finalmente retorna conta que

Voltei para a maratona de nosso filho e olhei para aquele ressentimento todo retorcido. Eu não iria pegá-lo no colo. Não havia ninguém ali para me obrigar e eu não queria. Eu não iria, como Siobhan sugerira, dar uma olhada em sua fralda, nem esquentar a mamadeira. Eu o deixaria chorar até cansar (SHRIVER, 2007, p.128).

Frente a essa raiva e frustração Eva desconta no filho, sendo um dos momentos onde é mais agressiva com ele em todo o livro.

“A Siobhan acha que eu devia conversar com você”, falei com malícia, por sobre o escarcéu. “E com quem mais eu conversaria, já que você espantou a moça? Isso mesmo, você tanto berrou e vomitou que ela se foi. Qual é o problema com você, seu merdinha? Está satisfeito, agora que arruinou a vida da mamãe? “Tive o cuidado de usar aquele insípido tom de falsete que os especialistas recomendam. “Você até pode ter enganado o papai, mas a mamãe sabe muito bem qual é a sua. Você é um merdinha, não é?” (SHRIVER, 2007, p. 128).

Aqui podemos perceber a presença do estabelecimento de um duplo vínculo. Ao apresentar uma mensagem tão violenta e agressiva num tom de falsete – o clássico “manhês” – ela desenvolve uma comunicação paradoxal, onde as mensagens apresentadas são opostas e incompatíveis entre si.

O tom de Eva e o conteúdo da sua fala demonstram uma agressividade sem tamanho. Ela caçoa do filho com sua entonação, é sarcástica e cruel no seu comentário. Eva continua

“A mamãe era feliz antes que o Kevin mijão viesse ao mundo, você sabia disso? E agora a mamãe acorda todo dia querendo estar na França. A vida da mamãe agora é uma droga, você não acha que a vida da mamãe é uma droga? Você sabia que em certos dias a

mamãe preferia estar morta? Para não escutar você guinchar nem mais um minuto, tem dias em que a mamãe gostaria de pular da ponte do Brooklyn...” (SHRIVER, 2007, p. 129).

Nessa fala podemos observar além da crueldade - evidenciada pelos claros ataques ao filho – uma indiferença em relação a ele, a seu sofrimento. É possível perceber uma falta de investimento afetivo da personagem em relação a Kevin, a quem ela culpabiliza pelo estado emocional em que se encontra naquele momento. Há uma exclusão dele do campo de desejo dessa mãe e essa fala evidencia o quanto Eva coloca o filho numa posição de receptáculo de todas as suas projeções negativas.

Com a saída da babá, o comportamento de Kevin se altera. O choro cessa completamente, em seu lugar se instaura o que Eva denomina de “silêncio opressor”

[...] o silêncio de Kevin possuía uma qualidade opressora. Primeiro porque era um silêncio de verdade — total, de bico calado, despido dos gorgolejos e gritinhos que a maioria das crianças emite enquanto explora o metro quadrado infinitamente fascinante de seu cercadinho de náilon. Depois porque era inerte. Embora já soubesse andar — algo que, como todas as outras habilidades vindouras, ele aprendeu sozinho — não parecia haver nenhum lugar em especial aonde ele quisesse ir (SHRIVER, 2007, p. 136).

Kevin se fecha para o mundo frente à saída dessa cuidadora. Parece que mesmo que exercesse um papel de “mãe executiva” Siobhan ainda era capaz de oferecer um cuidado melhor do que o da mãe, no sentido de ao menos não atacá-lo constantemente ou deixá-lo chorar indefinidamente. Com a partida da babá, Kevin começa a apresentar um quadro apático que poderia indicar um retraimento.

O menino para de explorar o ambiente e até o seu brincar se interrompe

[...] sentava no cercado ou no chão durante horas, os olhos apagados se movendo com um descontentamento desfocado [...] Eu o rodeava de brinquedos [...] mas Kevin se limitava a olhar para eles, ou chutá-los para longe. Ele não brincava (SHRIVER, 2007, p. 136).

Frente a esse quadro, Eva demonstra certa preocupação em relação a Kevin, optando por finalmente levá-lo a um médico.

Esse abatimento, combinado a uma relutância que já ultrapassara o ponto em que todos os seus manuais, Franklin, previam as primeiras tentativas de falar, me levou a consultar um pediatra (SHRIVER, 2007, p. 137).

A personagem pressupunha algum déficit desse filho, que ainda não havia começado a falar, não respondia quando era chamado e apresentava esse quadro de apatia, ou como ela denominou “retraimento”.

Eu havia manifestado preocupação de que houvesse um déficit de audição, daí a falta de reação de Kevin; sempre que eu o chamava, ele se virava para mim com tamanha imperturbabilidade [...] tudo a seu tempo, que era impossível saber se tinha me escutado ou não. No entanto, mesmo não estando interessado em nada que eu dissesse, seus ouvidos funcionavam direito e minha teoria de que o volume da gritaria dos primeiros tempos danificara suas cordas vocais não foi sustentada pela ciência médica (SHRIVER, 2007, p. 137).

Ela passa a criar diferentes hipóteses dos problemas que o filho poderia ter, numa defesa de racionalização e confabulação, se recusando a entrar em contato com os verdadeiros motivos pelos quais o filho apresentava aquelas atitudes em relação a ela.

Cheguei inclusive a verbalizar meu receio de que o retraimento de Kevin poderia quem sabe indicar os primeiros sinais de autismo, mas pelo visto ele não exibia o comportamento repetitivo característico desses pobres infelizes presos em seu próprio mundo [...] se Kevin estava preso, era no meu mundo e no seu [de Franklin] (SHRIVER, 2007, p. 137-138).

De fato, Eva relata que gostaria, que realmente queria que o filho possuísse algum tipo de enfermidade, insistindo com o pediatra do menino para que ele “lhe carimbasse na testa alguma síndrome americana qualquer” (p. 138). Ela acredita que a presença da doença no filho, poderia fazer com que ela se interessasse um pouco mais nele.

[...] para ser sincera, eu queria, sim, que ele achasse algo errado com Kevin. Ansiava para que nosso filho tivesse alguma pequena desvantagem ou falha capaz de acender minha simpatia [...] Eu queria ao menos sentir pena de Kevin, o que já me parecia um começo. Cheguei de fato a desejar que nosso filho tivesse os dedos grudados? Bem, cheguei, Franklin. Se isso fosse adiantar (SHRIVER, 2007, p. 138).

Com o médico descartando todas as possíveis enfermidades levantadas por Eva, a personagem fica um tanto decepcionada. Essa necessidade da presença de uma doença no filho revela novamente a indiferença da personagem em relação a ele. Parece que Eva deseja que Kevin tenha algo que chame sua atenção, que demande dela algum tipo de cuidado para que então se sinta compelida a investir libidinalmente nele.

Eventualmente o menino começa então a falar e a chegada dessa fala marca um momento importante para a relação entre mãe e filho. As primeiras palavras de Kevin são “Num gosta” num tom “enfadonho e sem vida” (p. 139) referindo-se a um desenho animado que Eva havia colocado para o garoto assistir. Sua reação é de deslumbre

Com uma urgência que até então não havia aplicado àquele relacionamento precário, peguei cada ombro seu nas mãos. “Kevin? Do que você gosta?” Era uma pergunta para a qual ele não se achava preparado (SHRIVER, 2007, p. 139).

Eva parece orgulhosa do filho, relatando estar “maravilhada”, não tanto pelo fato do menino estar falando, mas em função de ter “um garoto de bom gosto” que, assim como ela, achava aqueles desenhos infantis “tolos, muito pouco sinceros e condescendentes” (p. 139). Parece que nesse momento Eva consegue se ver no filho, apontando para a ocorrência de alguma identificação com ele.

Ela então começa a fazer várias perguntas a Kevin

Como se fosse eu a criança, fui compelida a fazer experiências com meu novo e fascinante brinquedo, a apertar botões e ver o que acendia.

“Kevin, você quer um biscoito?” “Odeia biscoito”.

“Kevin, você vai falar com o papai, quando ele chegar em casa?”

“Num<sup>2</sup> se num quisé.”

“Kevin, você sabe dizer ‘mamãe’?” (SHRIVER, 2007, p. 140).

Esse momento marca um ponto importante, no qual Eva revela seus sentimentos em relação à maternidade.

Eu tinha alguns escrúpulos quanto à forma como nosso filho iria me chamar. Alguns me pareciam infantis, outros vulgares, até mesmo servis. Mamã era coisa de boneca movida a pilha, manhê me parecia honesto e mãe, um tanto formal para 1986. Lembrando agora, pergunto-me se minha intenção seria evitar as formas mais comuns porque eu não gostava — bem, porque ainda não me sentia à vontade sendo mãe. Questão de pouca importância, já que a resposta previsível foi “Num” (SHRIVER, 2007, p. 140).

Chama atenção o fato de Kevin, que parecia ter um vocabulário tão amplo, não conseguir dizer “mamãe” - ou qualquer outro substantivo equivalente - para se

---

<sup>2</sup> A palavra “num” é aqui utilizada como uma forma de representação fonética da recorrente pronúncia de crianças pequenas da palavra “não”.

referir à mãe. Baseado no padrão de relacionamento que estabelece com a mãe, poderíamos interpretar que Kevin nega a ela essa fala, um momento normalmente tão ansiado pelas mães. Ele parece querer privá-la dessa felicidade e diz então que “num” sabe.

Quando o pai chega em casa Kevin não demonstra sua nova adquirida habilidade. Eva então conta ao marido todo o acontecido

Quando você chegou em casa, Kevin se recusou a dar um bis da loquacidade, mas eu repeti tudo, palavra por palavra. Você ficou extasiado. “Frasas completas, assim de cara! Li que os que parecem ser os mais atrasados podem ser também incrivelmente inteligentes. São perfeccionistas. Não querem tentar até estarem com tudo certinho.” (SHRIVER, 2007, p. 140).

Enquanto Franklin fica deslumbrado com o feito do filho, Eva apresenta uma hipótese diferente para o fato do filho ter demorado tanto para falar

Eu alimentava uma teoria rival: a de que, sendo capaz de falar havia anos, Kevin preferia ficar escutando os desavisados; ele era um espião (SHRIVER, 2007, p. 140).

Novamente ficam evidentes as projeções que Eva realiza em cima desse filho, atribuindo a todas as suas ações um caráter de maldade e manipulação. A temática da vigilância, entretanto, é algo que aparece mais vezes no discurso da personagem, que afirma que se sentia vigiada pelo filho, que ainda nem completara três anos de idade.

[...] a qualidade furtiva do olhar de Kevin e o sigilo de seu silêncio pareciam me colocar frente a uma versão em miniatura de minha própria dissimulação. Ele me vigiava e eu o vigiava, e, sob esse escrutínio duplo, eu me sentia duplamente constrangida e falsa. Achava o rosto do nosso filho esperto e contido demais; e a mesma máscara evasiva de opacidade me fitava de volta quando eu escovava os dentes (SHRIVER, 2007, p. 139).

Essa fala não só demonstra o quanto Eva coloca no filho seus aspectos de dissimulação, mas também revela – de uma maneira escancarada – uma disposição paranóide da personagem. Essa característica é visível em muitos outros momentos da narrativa, como já citado e exemplificado anteriormente.

O falar desse filho fica, durante algum tempo, sendo algo compartilhado apenas pelos dois - Kevin e Eva - e o pai fica excluído desse contexto, visto que o garoto nunca dizia uma palavra sequer na presença de Franklin

[...] durante várias semanas ele falava comigo de dia e, quando você chegava em casa, ele se fechava em copas. Assim que o elevador chacoalhava, ele me lançava um olhar de cúmplice: vamos pregar mais uma peça no papai (SHRIVER, 2007, p. 141).

Durante esse período Eva revela ter sentido um “prazer culpado em usufruir sozinha do discurso filial” (p. 141). O discurso do filho, no entanto é marcado pelo negativo, pelas coisas que “num gostava”. Eva afirma que

Kevin tinha um vocabulário especializado; era um gênio com palavras começadas por *n* (SHRIVER, 2007, p. 141).

No entanto, esse clima de parceria e cumplicidade não dura muito, pois Eva havia programado uma viagem a África para montar o novo guia da *A Wing & a Prayer*. A viagem é um marco importante na qual Eva tem insights, verdadeiras epifanias, sobre sua relação com a maternidade.

Nesse período Eva revela ter sentido muita saudade do marido e do filho, dizendo que não conseguia tirá-los da cabeça. Vendo-se longe de casa pela primeira vez desde que Kevin nascera, ela conta que não se sentiu emancipada, e sim omissa. Esse sentimento a leva a uma das conclusões mais importantes da viagem

Eu saíra de casa não tanto pelo espírito de aventura, e sim para marcar território, para provar que minha vida não tinha mudado, que eu continuava jovem, curiosa, e livre — mas acabei demonstrando, para além de toda e qualquer dúvida, que minha vida de fato mudara (SHRIVER, 2007, p. 144).

Essa constatação, por mais difícil que fosse, fez com que a personagem percebesse que a maternidade, quisesse ela ou não, de fato havia mudado sua vida

[...] existia um tipo de liberdade da qual eu não poderia mais me valer sem, com isso, afundar a única minúscula ilha de permanência, significado firme e desejo duradouro que eu conseguira anexar neste vasto e arbitrário mar de indiferença internacional (SHRIVER, 2007, p. 144).

O ser mãe significava que ela tinha um lugar ao qual pertencia e marca uma relação de filiação, de vinculação da qual Eva pareceu tentar escapar por toda a sua vida. Ela agora teria um lugar do qual fazia parte e que, na sua ausência, encontrava-se incompleto.

Longe do marido e do filho, a viagem realmente passa a ser um momento de reflexão a respeito de seu papel como mãe e o que isso significava e acarretava

para sua vida. Já no aeroporto, voltando para os EUA, Eva começa a pensar em como ela de fato não parecia se empenhar muito em seu papel como mãe de Kevin. Ela diz

[...] até então, eu não fizera mais que pôr os dedos do pé na água, em termos de compromisso com a maternidade. De modo que resolvi, por mais estranho que possa parecer, que seria preciso repensar minha árdua decisão de 1982 e mergulhar de cabeça. Eu tinha de engravidar de Kevin outra vez. Assim como seu nascimento, criar nosso filho poderia ser uma experiência inspiradora, mas só se eu parasse de lutar contra ela (SHRIVER, 2007, p. 145).

A fala demonstra que a personagem tem consciência da falta de investimento estabelecida nessa relação com o filho. Mais do que isso, ela reconhece que essa falta de interesse partia dela, que esperava que o filho a cativasse de alguma maneira.

Em vão, eu vinha esperando de braços cruzados que Kevin me provasse, me demonstrasse ser digno do meu ardor. Era coisa demais para pedir a um menino tão pequeno, que só conseguiria ser adorável a meus olhos se eu o deixasse ser. Estava na hora de eu ceder um pouco também (SHRIVER, 2007, p. 145).

Ela volta para casa com muitos planos, resoluções e grandes propostas de mudança, mas não consegue implementá-las adequadamente. Isso porque esses planos e constatações, ainda que corretos, não são acompanhados de sentimentos condizentes. São projetos construídos no plano das ideias, mas totalmente alheios a seu plano emocional, como se houvesse uma dissociação entre a mente e o psicossoma da personagem.

Constatação e falas como estas revelam de fato uma preocupação com Kevin e com a relação entre eles, mostrando o quanto a personagem tem consciência dos problemas e dificuldades na relação com seu filho. No entanto, por não conseguirem passar para o plano do real, do fazer – se concretizarem de fato – tornam-se vazias, como simples promessas sem valor, planos realmente inalcançáveis.

Outro aspecto importante que contribui para essa não concretização dos planos da personagem está ligado a sua baixa capacidade de frustração. Como mencionado no capítulo anterior, quando a realidade não condiz com o esperado, Eva se irrita, culpando os outros por não corresponderem à suas expectativas. Isso acontece quando, ao chegar aos Estados Unidos, encontrando o filho e o marido no

aeroporto, Kevin não tem a reação que ela havia imaginado diante de sua grande declaração e é tão apático quanto sempre fora com a mãe

[...] quando vocês dois foram me buscar no aeroporto Kennedy, curvei-me para abraçar Kevin primeiro. Ele continuava naquela fase desconcertante de boneco de pano, “frouxo”. Nosso filho não me abraçou de volta. Mas a força e a duração do meu abraço alardearam a conversão sofrida em Harare. “Senti tanta saudade de você!” falei. “A mamãe tem duas surpresas, meu bem! A primeira é que lhe trouxe um presente. Mas a mamãe também promete que nunca mais na vida vai ficar longe de você por tanto tempo!” (SHRIVER, 2007, p. 150).

Ela fica constrangida e frustrada, na medida que esperava que com aquele seu “grande gesto” fosse conseguir alguma reação do filho

Kevin apenas afrouxou um pouco mais. Ergui-me e ajeitei sua cabeleira rebelde, constrangida. Eu estava desempenhando o meu papel, mas quem visse poderia muito bem concluir, pela lassidão anormal de meu filho, que eu o mantinha algemado ao tanque de água quente no porão (SHRIVER, 2007, p. 150).

Novamente percebemos aqui uma extrema preocupação da personagem com a aparência, como se essa conduta fosse o esperado dela. Esse comportamento carinhoso e preocupado é - como ela própria diz - apenas um “papel” e não reflete a sua realidade, seu verdadeiro desejo de amar e cuidar desse filho. Ela de fato diz estar irritada do marido ter trazido Kevin ao aeroporto, pois queria poder contar a ele particularmente a respeito do “grande sacrifício” que faria em nome do filho: deixaria de trabalhar para ficar em casa e passar mais tempo com Kevin.

Embora minha licença por tempo indeterminado tenha sido em grande e ultra compensatória escala, foi também cosmética. Eu achava que *causaria boa impressão* (SHRIVER, 2007, p. 149-150).

Essa fala - “causaria uma boa impressão” - comprova como a preocupação com o filho não é o real motivo dessa mudança. O alvo desses seus gestos grandiosos é na realidade o marido, que Eva constantemente busca agradar. Falas como “Eu queria me livrar de Kevin para melhor confidenciar a você o quanto de tempo a mais eu pretendia passar com ele (p. 151)” mostram isso de uma maneira mais clara, evidenciando o quanto o propósito dessa mudança é mais ligado a Franklin do que realmente a uma preocupação com o bem estar do filho.

De fato, Eva chega a admitir para a sogra, quando vai visitá-la depois da “quinta-feira”, que nunca gostou muito do filho. Criticando o amor parental ela afirma

Sei que é muito comum que os pais digam aos filhos, com ar severo: ‘Eu amo você, mas nem sempre gosto de você.’ Mas que tipo de amor é esse? A meu ver, se resume no seguinte: ‘Você não me é indiferente — quer dizer, você ainda pode ferir meus sentimentos<sup>3</sup> — mas não suporto ter você por perto.’ Quem quer ser amado desse jeito? Tendo a chance, eu abdicaria de bom grado dos profundos laços de sangue e me contentaria em ter alguém que gostasse de mim (SHRIVER, 2007, p. 171).

A partir desse trecho fica claro que a visão que Eva tem do amor parental é marcada pelo negativo. A personagem parece entendê-lo como algo falso, ilusório. Aqui novamente poderíamos fazer uma ponte com a infância da personagem e pensar na difícil relação que ela teve com a mãe. De qualquer maneira, fica evidente a indiferença dela em relação ao filho e sua falta de vontade de estar próxima e de se relacionar com ele.

Eva tem uma extrema dificuldade de investir libidinalmente no filho, o que a impede de estabelecer com ele uma relação verdadeira, que transpusesse a relação mãe-filho que ela acreditava que o marido esperava dela.

[...] eu sou uma rigorista [...] Sob pena de tautologia, gosto das pessoas na medida em que elas gostam de mim<sup>4</sup>. Levo uma vida emocional de tamanha precisão aritmética, prolongada em dois ou três dígitos depois do decimal, que me sinto disposta até mesmo a conceder um certo grau de apazibilidade a meu próprio filho (SHRIVER, 2007, p. 163).

Essa fala demonstra a tamanha escassez emocional de Eva, que parece relutante em investir libidinalmente em qualquer coisa, como se seu afeto, por ser tão escasso, não pudesse ser desperdiçado.

A falta de investimento de Eva é o modelo que o filho também adota. Ela conta que Kevin sempre fora muito indiferente a tudo – seus brinquedos, comida, ela própria - mas a partir de uma cena específica ela parece entender como essa dinâmica teve início.

Durante a mudança da família de Tribeca para Gladstone (subúrbios) Kevin punha-se a atirar água nos homens da mudança e acusá-los de terem feito “xixi na

<sup>3</sup> A passagem original é “that is, you can still hurt my feelings” que seria melhor traduzida para “ou seja, você ainda pode ferir meus sentimentos”.

<sup>4</sup> A tradução dessa passagem está incorreta. A passagem original é “I like people only as much as I like them”, tendo um sentido de “eu gosto das pessoas apenas aquele tanto que eu gosto” e não possui essa qualidade de reciprocidade como a tradução faz parecer. Essa frase revela a exatidão e a extrema rigidez na qual Eva vive sua vida afetiva.

calça”. Essa cena será trabalhada em mais detalhes no capítulo de função paterna, mas irritada Eva acaba tomando o revólver do filho e guardando-o em sua bolsa. Kevin fica furioso, mas a reação de Eva é de satisfação.

[...] eu fora levada a acreditar que punir os filhos vinha a ser algo terrivelmente doloroso. No entanto, a bem da verdade, quando confisquei o revólver de esguichar água de Kevin, senti uma onda de alegria incontida. Enquanto seguíamos o caminhão de mudança até Gladstone na picape, ter em meu poder o tão amado brinquedo de Kevin foi me enchendo de um prazer tamanho que eu o tirei da bolsa, posicionei o indicador no gatilho e banqueei o segurança [...] Ele me odiou com todas as forças e eu fiquei feliz feito um passarinho (SHRIVER, 2007, p. 181).

Essa passagem demonstra o verdadeiro prazer que Eva sentia ao privar seu filho, retirando dele um objeto do qual ele tanto gostava. Ela revela sentir-se feliz e, mais ainda, parecia querer mostrar a ele o quanto ela “podia mais”, sendo cruel e exibindo seu objeto de apreço em sua frente. Ao fazer isso Eva parecia querer mostrar a Kevin o quão inalcançável esse objeto era, exibindo o brinquedo num local onde ele pudesse vê-lo, mas que não pudesse apanhá-lo, sendo lembrado assim da privação imposta pela mãe e tornando-se, portanto, um marco, um representante dessa privação.

Frente a essa situação, não é de se espantar que o filho adote essa atitude indiferente em relação ao mundo, como forma de defender-se de uma mãe que nada lhe oferece (em sentido afetivo) e, mais ainda, que lhe priva de seus objetos de interesse, se satisfazendo ao fazê-lo.

Acho que ele pressentiu minha satisfação e resolveu me privar dela no futuro. Kevin já começara a intuir que o apego — ainda que apenas a um revólver de esguichar água — o tornava vulnerável. Como qualquer coisa que ele pudesse querer também era algo que eu poderia negar, o menor desejo significava uma desvantagem [...] Mas a indiferença acabaria se mostrando uma arma devastadora (SHRIVER, 2007, p. 181).

Nessa dinâmica cada um deles tenta privar o outro do que acredita que o outro quer: Eva nega ao filho o carinho e afeto que ele tanto almeja e em retorno ele nega a ela qualquer tipo de satisfação e realização em relação à maternidade, fazendo questão de mostrar a mãe - através de sua profunda indiferença - o quão desimportante ela era para ele.

No entanto, essa dinâmica vai se agravando, passando de uma simples dinâmica de privação, a verdadeiros ataques, como se num princípio de “olho por olho, dente por dente”, onde se exigia que o agressor fosse punido em igual medida ao sofrimento por ele causado.

Para exemplificar essa questão Eva conta do projeto de seu escritório. A personagem relata que, tendo odiado a casa nova, sentia-se como se tivesse perdido sua identidade. Ela cria então o projeto de seu escritório tido como um lugar da casa que seria “só dela”, onde finalmente ela poderia sentir-se ela mesma. A personagem surge com a ideia de cobrir as paredes do cômodo com os mapas coletados ao longo de vários anos, em suas viagens ao redor do mundo.

Os mapas são de fato um objeto de muito apreço para ela, tendo um simbolismo importante para a personagem.

[...] eu associava mapas à maestria e talvez esperasse, através do senso de direção literal que eles fornecem, poder, figurativamente falando, me orientar na vida estrangeira de mãe suburbana em tempo integral. Eu precisava muito de algum emblema físico do meu eu anterior, ainda que tão somente para me fazer lembrar que desertara daquela vida por livre e espontânea vontade e que poderia retornar quando quisesse (SHRIVER, 2007, p. 185).

O projeto era delicado e demandou muito tempo e investimento de Eva, levando meses para ser completado. Ela conta que Kevin havia observado e acompanhado todo esse árduo trabalho, afirmando que

Talvez não tenha entendido quais países os mapas representavam, mas entendeu muito bem que eles representavam algo para mim (SHRIVER, 2007, p. 185).

No dia em que finalmente terminou o escritório Eva estava orgulhosa e muito feliz com o resultado de tanto tempo de trabalho. Kevin, no entanto não parecia muito feliz e, irritado, a questiona sobre o sentido daquilo tudo

“Não entendo. Antes estava tudo melecado. Levou um século. E ficou tudo besta. Que diferença faz? Por que você se incomoda?” Ele bateu o pé. “É besta!” [...] Ajoelhei-me. Olhei bem para aquele rosto tempestuoso, franzido, pus a mão em seu ombro. “Porque eu gosto do meu novo escritório. Eu gosto dos mapas. Gosto muito deles.” (SHRIVER, 2007, p. 187).

Nesse mesmo dia, enquanto Eva atendia a um telefonema da empresa, Kevin destrói seu tão amado escritório.

Meu papel de parede estava coberto por uma teia vermelha e preta. Os papéis mais absorventes tinham começado a manchar. Até o teto estava riscado, já que eu empapelara ali também [...] Gotas vindas lá de cima manchavam um dos tapetes armênios mais valiosos, o que meu tio nos dera de presente de casamento (SHRIVER, 2007, p. 188).

Com a ajuda de seu revólver de esguichar água, o menino havia pegado os nanquins no escritório da mãe e espalhado tinta em todo o lugar. Kevin inclusive espera a mãe chegar para que ela o visse colocando o restinho da tinta vermelha em seu brinquedo. Uma forma de enfrentá-la, mostrando a ela - deixando bem claro - que era ele que havia causado tamanho estrago. Essa ação é endereçada a mãe e tem como objetivo a explicitação de seu ataque.

É interessante observar a escolha de Kevin pelo revólver de esguichar água, um objeto que carregava a marca da privação para o garoto. Parece que ao implicar tamanha destrutividade com o objeto ele tenta vingar-se da mãe, que lhe impõe a privação, tentando fazer o mesmo com ela, retirando dela seus objetos de amor. Através do esfacelamento de seu escritório, Kevin busca “empatar o jogo” fazendo com que ela sinta a mesma dor e impotência que ele sentiu.

Irritada com a verdadeira destruição causada pelo filho naquele espaço no qual havia investido tanto, Eva retribui na mesma moeda, destruindo o brinquedo que o filho tanto gostava.

Arranquei o revólver da mão dele, joguei-o no chão e moí o brinquedo com os pés (SHRIVER, 2007, p. 189).

Até esse momento os ataques, e a conseqüente destruição que eles causavam, ainda que muito claramente endereçados um para o outro, não afetavam cada um deles integralmente, estando mais num nível simbólico do que propriamente concreto.

No entanto, Eva, em um momento crucial da narrativa, passa a atuar sua agressividade, agredindo realmente o filho, o que lhe rende uma fratura exposta no braço. Esse ataque da personagem está ligado à questão do treino de toalette de Kevin que aos cinco anos de idade ainda não conseguia usar o peniquinho.

Essa questão deixava tanto Franklin, quanto Eva muito preocupados, mas adotando uma postura de “acompanhar o tempo da criança”, os dois permitiam que nessa idade o filho ainda utilizasse fraldas.

[...] eu concordara que era trágica a maneira como as crianças se emaranhavam em nós neuróticos por causa de xixi e cocô, e que desperdício de angústia era isso tudo, de modo que concordei com essa nova teoria sobre deixar as crianças pequenas escolherem por si mesmas a hora em que se consideravam “prontas” para largar a fralda. De todo modo, estávamos ambos ficando desesperados (SHRIVER, 2007, p. 211).

Porém essa dificuldade do filho atravancava a vida de Eva que se via obrigada a ir à escola várias vezes por dia para trocar a fralda do filho

Kevin não foi recusado por aquele caríssimo jardim-de-infância de Nyack. Mesmo assim, em hipótese alguma a professora trocava um menino de cinco anos, porque poderia se ver sujeita a acusações de abuso sexual (SHRIVER, 2007, p. 211).

Fazendo cerca de quatro viagens ao dia à escola de Kevin, Eva se sentia como uma escrava do filho, tendo que passar boa parte do seu tempo indo e voltando da escola para casa e da casa para a escola. Ela conta que “essa fase do desenvolvimento que o nosso filho parecia ter saltado estava tiranizando a minha vida” (p. 211).

Eva sente-se frustrada, pois achava que com a entrada do filho no jardim da infância ela teria – finalmente – mais tempo livre.

E eu que alardeara tanto que iria ter tempo livre para mim, depois que Kevin começasse a freqüentar o jardim-de-infância, sem falar na fantasia que eu acalentava, ainda que fosse quase impossível, de um dia voltar a assumir a diretoria da AWAP<sup>5</sup> (SHRIVER, 2007, p. 212).

Ela sente-se atacada pelo filho, a quem culpava por ter transformado seus dias num “interminável fluxo de merda, mijo” (p. 224). Eva realmente acredita que o filho fazia isso de maneira proposital, dizendo que

[...] havia certos dias em que Kevin parecia segurar de propósito seus intestinos para um segundo ataque. Se não era nenhum Leonardo do mundo dos lápis, possuía um controle magistral do esfíncter (SHRIVER, 2007, p. 225).

A personagem acredita que o filho percebia seu incômodo ao ter que trocá-lo já numa idade tão avançada e, em função disso, usa isso como uma forma de atacá-la.

---

<sup>5</sup> Abreviação que Eva comumente usa para se referir a *A Wing & a Prayer*, sua empresa de guias de viagem.

[...] ele se submetia às trocas sem fazer muito escândalo. Ele parecia adorar o ritual e talvez tenha inferido, diante da minha crescente rapidez, um constrangimento para ele gratificante, porque passar algodão nos seus tesos testículos quando já estava com quase seis anos começava a me parecer ligeiramente indecente (SHRIVER, 2007, p. 225).

É nesse embate a respeito das trocas de fralda que Eva finalmente atua sua agressividade em relação ao filho. Ela conta que

Houve uma tarde de julho em que, conforme a tradição, Kevin sujara as fraldas uma vez e fora limpo com a mesma rotina de sempre do creme e do talquinho para, vinte minutos depois, não mais que isso, terminar o serviço da evacuação. Ou era o que eu pensava. E, dessa vez, ele se superou (SHRIVER, 2007, p. 229).

Naquela mesma tarde ela havia pedido ao filho para que escrevesse uma frase significativa a respeito de sua vida e Kevin, atacando-a, escreve em seu caderno: “No *jardin* de infância todo mundo *dís* que a minha mãe tem cara de velha” (p. 229). Eva fica furiosa e diz que

[...] foi então que senti aquele cheiro revelador. Depois de eu tê-lo trocado duas vezes. Kevin estava sentado de pernas cruzadas no chão e eu o ergui pela cintura, puxando a Pampers para me certificar. Perdi a cabeça. “Como é que você consegue?”, berrei. “Você não come quase nada, de onde é que vem tudo isso?” (SHRIVER, 2007, p. 229).

Tomada por uma raiva sem tamanho, Eva levanta o filho e o arremessa longe

Senti uma onda de calor me invadir o corpo e mal reparei que Kevin estava pendurado no ar, com os pés fora do carpete. Ele não parecia pesar grande coisa, como se aquele corpo estreito, denso, com estoques inesgotáveis de merda, fosse recheado de bolinhas de isopor. Não há outra forma de dizer isso. Eu o atirei longe. Ele aterrissou, com um baque surdo, de encontro à beirada de aço do trocador. A cabeça torcida numa posição curiosa, como se estivesse finalmente interessado em alguma coisa, ele escorregou, como se em câmera lenta, para o chão (SHRIVER, 2007, p. 230).

Ao socorrer o filho depois de ter-lhe infligido tamanha violência, Eva revela ter se sentido “intoxicada” por aquele momento

Corri para ele com esperanças precipitadas de que estivesse bem [...] mas assim que o virei, vi o braço em cima do qual ele caíra. O antebraço devia ter batido na beirada da mesa [...] Estava sangrando, meio torcido, abaulado, com algo branco, no meio, tentando sair fora; senti ânsia. *Desculpe, desculpe, desculpe!*, sussurrei. No entanto, por mais que estivesse roída de remorsos, também me sentia intoxicada com aquele momento (SHRIVER, 2007, p. 231).

Eva confessa que havia finalmente sucumbido a seus instintos mais primitivos, revelando um prazer nesse ato e classificando-o como um momento “abençoado”

Exteriormente, eu estava desolada. Mas bem no meu cerne o momento fora abençoado. Ao jogar o nosso filhinho longe, e pouco me importava onde, além do mais, eu havia inadvertidamente cedido [...] e esfolara uma coceira crônica e aflitiva (SHRIVER, 2007, p. 231).

Esse ataque de Eva demonstra a dimensão do ódio que ela sentia por esse filho. Quando ela finalmente é capaz de liberar essa agressividade, atuando-a, ela se sente aliviada e satisfeita. De fato, ao comparar o filho com uma “coceira crônica e aflitiva” Eva revela um desafeto enorme por Kevin, tido como uma fonte de angústia, algo que lhe gerava um incômodo inquietante e desesperador.

No entanto, Eva admite que nunca tinha se sentido tão próxima do filho quanto naquele momento. Atuando sua agressividade, sentiu que finalmente tivera uma interação autêntica com ele.

Ao erguer o corpo de Kevin naquele ímpeto de adrenalina, senti-me enfim graciosa, porque finalmente houve uma confluência sem mediação do que fiz com o que senti. É desagradável admitir, mas a violência doméstica tem suas utilidades [...] Por dois segundos, senti-me completa e também a verdadeira mãe de Kevin Khatchadourian. Senti que estava próxima dele. Senti-me eu mesma — meu verdadeiro eu, sem expurgos — e senti também que estávamos finalmente nos comunicando (SHRIVER, 2007, p. 232).

Além da proximidade, Eva conta que, naquele seu ato selvagem, sentira também uma sensação de reconhecimento

Uma vez na vida, eu me reconhecera como mãe dele. De modo que talvez, enquanto voava atônito feito Peter Pan, Kevin também tenha se reconhecido como meu filho (SHRIVER, 2007, p. 238).

Confrontado com a violência da mãe, Kevin não demonstra qualquer indício de dor ou desconforto. Ainda que tivesse uma fratura exposta o garoto não derramou uma lágrima. Fica sério, calado, impassível, não querendo deixar transparecer à mãe o sofrimento que ela lhe havia infligido.

É possível que tenha enxugado uma ou duas lágrimas, quando eu não estava olhando, mas, assim como aprender a contar, Kevin não se dispunha a sofrer em público (SHRIVER, 2007, p. 232).

Quando Eva o leva para o hospital, Kevin pede para entrar sozinho à consulta com o pediatra e a personagem fica desesperada achando que o filho iria contar aos médicos o que ela havia feito. Aqui novamente podemos observar a característica paranóide de Eva, que achava que todos sabiam o que ela havia feito com o filho

[...] a minha certeza absoluta era de que todos em volta sabiam o que eu havia feito. O aviso dando o número da “Linha direta para o xerife de Nova York”, pregado ao lado do guichê de internação parecia ter sido posto ali especialmente para Kevin (SHRIVER, 2007, p. 232).

Ela conta que queria estar na consulta junto ao filho, mostrando a ele que poderia ser alguém em que ele pudesse confiar. Ao mesmo tempo, a personagem também revela um extremo temor em relação às repercussões sociais que sua agressão ao filho poderiam ter

Eu queria, queria de fato, estar lá por causa de Kevin. Estava desesperada para me reafirmar como alguém em quem ele pudesse confiar, para lhe mostrar que sua mãe não era um monstro que iria atirá-lo longe, sem mais nem menos, como uma aparição vingativa de Poltergeist. Mas claro que havia também o receio de que Kevin contasse ao cirurgião ou a Benjamin Goldblatt<sup>6</sup> o que eu havia feito. Eles têm leis para coisas assim. Eu poderia ser presa; meu caso poderia acabar sendo uma atônita matéria na primeira página do Rockland County Times [...] Por mais que eu merecesse censura, continuava preferindo o fogo lento da auto-abrasão privada às vergastadas iradas da reprovação pública (SHRIVER, 2007, p. 233).

Quando ele sai do procedimento para limpar o osso, depois de três horas, os médicos a parabenizam por ter um “jovem tão corajoso” (p. 234). Frente a essa interação tão positiva e amigável, Eva assume que o filho não havia dito nada aos médicos e, ao olhar para Kevin, ele lhe lança um olhar de cumplicidade

Balançando a cabeça para cima e para baixo, feito uma idiota, dei uma olhada rápida para Kevin, que recebeu meus olhos com um olhar límpido e cintilante de cumplicidade perfeita. Eu lhe devia uma. Ele sabia que eu lhe devia uma. E eu lhe deveria uma durante um bom tempo (SHRIVER, 2007, p. 234).

Ela teme a retaliação do filho, em posse de um segredo tão devastador, tentando desculpar-se com Kevin da melhor maneira que consegue

Voltei para casa tagarelando (*O que a mãe-mãe fez foi muito, muito errado, e ela sente muito, muito mesmo* — embora o distanciamento da terceira pessoa deva ter lançado uma luz dúbia sobre o meu remorso, como se já estivesse pondo a culpa pelo incidente em minha

---

<sup>6</sup> Pediatra de Kevin

amiga imaginária). Kevin não disse nada. Com uma fisionomia arredia, quase altiva, os dedos do braço engessado enfiados napoleonicamente na camisa, seguia ereto no banco da frente (SHRIVER, 2007, p. 234).

A maior preocupação da personagem era em relação ao que diria a Franklin, como explicaria a ele toda aquela situação. Ela temia que o marido, seu bem mais precioso, fosse separar-se dela ao ouvir a atrocidade que ela havia cometido com seu tão amado filho.

Ao chegar em casa, o pai pergunta ao filho o que aconteceu e Kevin mente, contando a ele que havia caído do trocador enquanto a mãe saía para buscar mais lenços umedecidos. Eva fica surpresa, dizendo que o desempenho do filho tinha sido esplêndido: “Ele foi perfeito — a história estava pronta” (p. 235).

Como no hospital, Kevin olha para mãe em cumplicidade, explicitando a ela o conluio entre eles

Nesse instante, Kevin e eu trocamos um olhar, só o tempo suficiente para selar o pacto. Eu havia empenhado minha alma a uma criança de seis anos de idade (SHRIVER, 2007, p. 236).

A personagem, ainda que aliviada, enxerga a ação do filho, não como uma forma de protegê-la, mas sim de chantagea-la posteriormente. Ela acredita que o filho sabia que, guardando esse segredo, ele poderia usá-lo futuramente como uma arma contra ela

Por que ele não me denunciou? Tudo leva a crer que estivesse protegendo a mãe. Tudo bem. Digamos que tenha sido esse o caso. Ainda assim, houve alguns cálculos nesse balancete. Antes do vencimento em uma data futura, um segredo acumula juros pelo simples fato de ter sido guardado; acrescido da mentira [...] O mestre do Dividir para Conquistar talvez também tenha intuído que segredos unem e separam em rígida conformidade com quem está por dentro deles (SHRIVER, 2007, p. 237).

Eva projeta no filho uma característica maligna, conspiradora que trama planos macabros para puni-la pela sua agressão. Essa fala, além de revelar mais uma vez sua característica paranóide, enquadra-se na dinâmica análoga à lei de talião que ela estabelece com o filho.

Duas grandes mudanças surgem a partir desse episódio traumático. A primeira é que Kevin finalmente passa a usar o banheiro - naquele mesmo dia inclusive - e a segunda é uma mudança da atitude de Eva em relação a Kevin:

temendo uma retaliação por parte do filho, ela passa a adotar uma postura solícita em relação a ele.

Lembro-me de ter-me sentido fisicamente mais baixa. Minha postura deteriorou-se. Minha voz virou um fiapo. Para Kevin, eu revestia todos os pedidos como uma sugestão opcional (SHRIVER, 2007, p. 239).

De início, ela conta que o filho abusava dessa sua complacência, mas depois Kevin foi ficando irritado com a postura submissa da mãe. Com a dinâmica de embate entre os dois ausente - em função de Eva estar satisfazendo todos os desejos do filho - Kevin sentia que a mãe já não era mais uma adversária digna.

[...] essa minha solícitude foi lhe dando nos nervos [...] Eu estava me saindo uma adversária indigna e quaisquer outras vitórias sobre uma guardiã já reduzida à submissão aviltante iriam parecer ordinárias (SHRIVER, 2007, p. 239).

Essa sua atitude permissiva, somada a uma afetuosidade exacerbada, funcionavam como um “pedido de desculpas” que Eva endereçava ao filho. Kevin, no entanto, percebe a falsidade contida na permissividade e carinho da mãe e nega esses afetos.

Quanto ao meu derramamento incontinente de ternura, ele vinha tingido de um pedido de desculpas que Kevin se recusava a aceitar. Quando eu lhe dava um beijo na testa, ele limpava com a mão. Quando penteava seu cabelo, ele me empurrava e despenteava de novo. Quando eu o abraçava, retrucava com frieza que estava machucando seu braço [...] Kevin obviamente acreditava ter descoberto meu segredo. Ele tinha dado uma espiada atrás da cortina e, por mais que eu o paparicasse, por mais que o entupisse de salgadinhos, jamais conseguiria apagar uma visão pelo menos tão indelével quanto a primeira vez em que pegamos os pais fazendo sexo (SHRIVER, 2007, p. 240).

Diante de tantas dificuldades no trato de Kevin, é muito surpreendente a declaração de Eva de que queria ter outro filho. Esse pedido inusitado ocorre durante uma briga do casal a respeito do filho e, apesar de Eva ter dito que surpreendeu a si mesma com essa fala, aponta que “nunca tivera tamanha certeza na vida” (p. 244).

Outra surpresa é o fato de Franklin, o pai devoto e apaixonado, se colocar radicalmente contra a nova aquisição a família. Ele fica irritado, brigando com Eva e questionando sua capacidade de cuidar do filho. O marido aponta à personagem

que ela se ressentia, que ficava verdadeiramente decepcionada toda vez que ele tentava incluir o filho em uma atividade que os dois iriam fazer.

Esse é um momento interessante, pois Franklin aponta a esposa o quanto o cuidado com o filho, e os “tremendos sacrifícios” (p. 245) que realizava, não tinham como base uma real preocupação com o cuidado e bem estar do filho, mas sim um intuito de impressioná-lo

“E isso também é bem típico, não é não? Você fica em casa para cuidar dele para me impressionar. Ele nunca entra nos cálculos, não é mesmo?” (SHRIVER, 2007, p. 246).

Eva fica indignada com a postura irredutível do marido em relação a essa questão. Ela então encontra uma outra saída: sem o conhecimento do marido Eva para de usar o anticoncepcional numa tentativa de conseguir o filho que tanto queria. Já numa idade avançada, aos 41 anos, ela demora um ano para conseguir engravidar.

Mantendo a gravidez em segredo do marido, ela espera o primeiro trimestre passar, impossibilitando um possível procedimento de aborto. Quando Franklin finalmente descobre fica furioso, culpando-a e explicitando a ela que não queria aquele filho e que estaria aceitando a gravidez por total e absoluta falta de opção.

Quando ela finalmente resolve contar ao filho a respeito de sua gravidez, ele se mostra - como já seria de imaginar - pouco receptivo, dizendo que não tinha o menor interesse em ter alguém com quem brincar. Eva aponta a Kevin que talvez ele pudesse vir a gostar da companhia da irmãzinha e ele então responde

[...] “E se eu não gostar?”

“Então você vai acabar se acostumando.”

“Só porque você se acostuma com uma coisa não quer dizer que você goste.” E acrescentou [...] “Você está acostumada comigo” (SHRIVER, 2007, p. 258).

Essa fala de Kevin explicita à mãe sua indiferença em relação a ele de maneira clara, deixando implícito que estava ciente do desafeto da mãe em relação a ele. Irritado com a notícia da mãe, ele diz a Eva “você vai se arrepender” (p. 258).

A personagem relata que durante toda a primeira infância da filha Kevin “sumiu um pouco de cena”, assumindo uma “independência militante” (p. 273). Com

a chegada da irmã, o filho passa a ocupar um segundo plano. De fato, Eva revela que

[...] embora eu consiga me lembrar de como passamos cada um dos aniversários de Celia, durante aqueles anos, minhas lembranças de Kevin, dos oito até mais ou menos os catorze anos, são um borrão (SHRIVER, 2007, p. 276).

A fala demonstra não só uma preferência clara de Eva em relação à filha, deixando Kevin de lado por um período de seis anos, como também um grande investimento dela na relação com Celia, investimento esse – como já discutido anteriormente – inexistente na relação dela com Kevin.

De fato, a única coisa que a personagem conseguia se lembrar a respeito dessa época é de quando o filho fica doente. Esse é um evento muito marcante na relação deles, pois é a primeira vez que os dois se relacionam de uma maneira adequada, na qual nenhum deles ataca o outro.

Nessas duas semanas nas quais o filho adoece, Eva é capaz de exercer uma função de real cuidado de Kevin, preocupando-se verdadeiramente com ele e tratando-lhe de uma maneira afetuosa. Esse afeto é também retribuído pelo filho, que pela primeira vez na vida lhe diz um “obrigado” e procura o seu colo para se aninhar.

Muitos aspectos desse episódio são extremamente interessantes. Por exemplo, o fato de Eva encontrar o filho caído no chão de seu escritório, o único lugar da casa que ela considerava verdadeiramente seu, é bastante significativo

Eventualmente, fui encontrá-lo caído no chão, sobre o tapete armênio sujo de tinta do meu escritório, e espantei-me ao constatar que ele não ofereceu resistência, quando o peguei do chão e o levei até a cama. Franklin, ele pôs os braços em volta do meu pescoço (SHRIVER, 2007, p. 278).

Kevin com esse gesto parece buscar a mãe num verdadeiro pedido de ajuda, de socorro, permitindo que ela lhe oferecesse o cuidado que precisava, não oferecendo a resistência característica que estabelecia em sua relação com Eva. Nesse momento Kevin permite mostrar-se vulnerável para ela e Eva então se sente compelida a ajudá-lo.

Parece haver nesse período um aspecto regressivo. Eva conta que

[...] quando pus o termômetro entre os lábios corados [...] ele chupou o vidro com contrações rítmicas delicadas, como se, finalmente, aos dez anos de idade, tivesse aprendido a mamar (SHRIVER, 2007, p. 278).

Nesse contexto, onde Kevin se encontra dependente do cuidado de outrem, parece regredir a uma fase anterior do desenvolvimento e é como se ele finalmente pudesse receber o cuidado e atenção que, durante a sua primeira infância, a mãe havia lhe negado.

O segundo ponto importante desse período está relacionado à mudança que ele implica na atitude do filho. Chocada, Eva afirma que o Kevin estava se comportando como uma pessoa totalmente diferente. Ela conta que ele se mostrava muito menos apático, mais carinhoso e atencioso

Eu não saberia dizer se somos menos nós mesmos quando ficamos doentes ou se somos mais. O fato é que achei aquelas duas extraordinárias semanas um período revelador. Quando me sentei na beira da cama, Kevin aninhou a cabeça em minha coxa; assim que me convenci de que não iria estragar tudo, puxei a cabeça dele para o meu colo e ele agarrou minha malha. Algumas vezes, não conseguiu chegar até o banheiro para vomitar, e quando eu limpava a sujeira e lhe dizia para não se preocupar, Kevin não mostrava nada daquela complacência auto-satisfeita da fase de fraldas; ao contrário, choramingava que sentia muito e parecia, apesar da minha insistência, de fato envergonhado. Sei que todos nós nos transformamos quando estamos doentes, mas Kevin não estava apenas rabugento ou cansado, ele era uma pessoa totalmente diferente (SHRIVER, 2007, p. 278).

Essa mudança de atitude não se restringia apenas a Eva. Kevin fica mais carinhoso também com a irmã e – surpreendentemente - assume uma atitude indiferente em relação ao pai

Outra coisa que me surpreendeu foi a curiosa aversão de Kevin por sua companhia [de Franklin] (SHRIVER, 2007, p. 279).

Eva achava que o filho, naquele estado debilitado, não tinha energia para reproduzir a tamanha vivacidade da persona que ele havia criado para o pai

Talvez Kevin não se sentisse capaz de reproduzir a vivacidade do *puxa, papai* das tardes de sábado, durante as sessões de *frisbee*, mas, nesse caso, isso significa que ele considerava esse modo contente de ser como obrigatório com o pai [...] acho que foi por isso mesmo que ele se retraiu: por causa da sua insistência, sua solicitude, sua necessidade, sua adulação, seu jeitão camarada de paizão. Era demais. Kevin não tinha energia — para lhe recusar a intimidade que você exigia (SHRIVER, 2007, p. 279).

Um terceiro ponto importante foi o aparecimento do que Eva denominou como “ilhotas de tímido desejo” (p. 279). Não tendo mais energia para fingir sua usual apatia, Kevin começa a mostrar para a mãe que de fato, haviam coisas das quais ele gostava.

No quarto, ele me deixou tirar sua roupa e, quando lhe perguntei que pijama queria usar, em vez de girar os olhos e dizer *tanto faz*, ele pensou uns instantes e, depois, sussurrou baixinho: “O que tem os astronautas. Eu gosto do macaco no foguete.” Era a primeira vez que Kevin dizia que gostava de alguma peça de roupa do seu armário, e quando vi que esse era justamente o pijama que estava no cesto de roupa suja, fiquei doida, peguei o pijama, sacudi e prometi que, no dia seguinte, eu o lavaria para ficar cheiroso e gostoso de novo. Eu esperava ouvir um “não precisa”, mas, em vez disso, obtive — outro ato inédito — um “obrigado” (SHRIVER, 2007, p. 278).

Nesse período, Eva não estava indo trabalhar para ficar em casa e cuidar do filho. Dessa vez, no entanto não apregoa isso como mais um de seus “grandes sacrifícios”. Durante suas tardes com Kevin, ela lia a ele *Robin Hood* e conta que o garoto se apaixonara pelo livro

Ele adorou. Implorou para que eu lesse a história de *Robin Hood* várias e várias vezes, deve ter até decorado uns bons trechos (SHRIVER, 2007, p. 280).

O último ponto importante gira em torno da percepção de Eva que - pelo que parece ser a primeira vez na vida - é capaz de realmente enxergar o filho. Com suas usuais projeções ausentes, Eva é finalmente capaz de perceber a tristeza que o filho sentia

Chame-o de irado ou ressentido, é apenas uma questão de graus. Mas, por baixo dos níveis de fúria, espantei-me, quando descobri, havia um tapete de desespero. Ele não era louco. Era triste (SHRIVER, 2007, p. 279).

Ao fim das duas semanas, quando o filho melhora, Eva relata ter se sentido decepcionada, pois Kevin volta a tratá-la com a mesma agressividade e indiferença habituais.

Se nunca vou conseguir me esquecer daquelas duas semanas, também trago guardada a lembrança indelével da manhã em que ele se sentiu bem o suficiente para sair da cama e me informou que iria se vestir e se eu poderia sair do quarto dele. Obedeci, tentando ocultar minha decepção, e quando voltei mais tarde para lhe perguntar o que queria para o almoço, talvez ensopado de mariscos novamente, ele sacudiu a cabeça, irritado: “O que for” [...] Disse comigo mesma que

deveria ficar contente: ele estava melhor. Melhor? Bem, não para mim (SHRIVER, 2007, p. 280-281).

No entanto, a personagem aponta que “a febre nunca foi alta o suficiente para transformar em cinzas as sementes de um minúsculo interesse incipiente” (p. 281) e, mesmo quando já havia melhorado, Eva encontra o filho lendo *Robin Hood* sozinho em seu quarto.

Esse livro é importante, pois é a partir dele que irá nascer o interesse de Kevin por arco e flecha. Interesse que irá se manter durante toda sua adolescência e marca um momento de extrema importância na relação dos dois. Um momento onde Eva finalmente consegue exercer adequadamente seu papel.

### CAPÍTULO 3: A ADOLESCÊNCIA DE KEVIN

Na adolescência os embates de Kevin com a mãe passam a tomar uma forma diferente. Enquanto na infância eles são mais velados - com exceção do episódio em que a mãe quebra seu braço – na adolescência os embates são mais abertos, mais escancarados.

É também nesse período que observamos uma escalada de violência e destrutividade por parte de Kevin, implicando em consequências cada vez maiores e mais perigosas. Alguns aspectos em questão de desenvolvimento também saltam aos olhos, sendo o principal deles a questão da vestimenta.

Eva conta que a partir dos 14 anos Kevin passa a usar roupas de tamanho menor, relatando que

Quando ele se saiu com essa moda, na oitava série, eu presumi que as camisetas que pegavam na cava e pregueavam no peito eram velhas favoritas que ele não queria pôr de lado e fiz o que pude para encontrar duplicatas em tamanho maior. Ele nunca vestiu nenhuma sequer (SHRIVER, 2007, p. 203).

Essa nova “moda” de Kevin deixava Eva bem incomodada. Sempre muito preocupada com as aparências, a personagem sentia-se julgada, se perguntando o que os outros iriam pensar dela ao ver seu filho vestido daquela maneira.

À primeira vista, Kevin parecia um miserável e, em mais de uma ocasião, tive de me controlar para não dizer que “as pessoas vão pensar” que não ganhamos o suficiente para comprar uma calça jeans nova para nosso garoto (SHRIVER, 2007, p. 203).

Afirmando que “aquela história de roupas apertadas comunicava um bocado” (p. 203), Eva conta que as peças conferiam ao filho uma sensação de aparente desconforto e interpreta que era exatamente isso que ele pretendia ao usar seus blusões cujas mangas terminavam antes do pulso ou suas camisas de botões estourando nas casas.

A impressão que ele dá é de que não está confortável e, sob esse aspecto a roupa é perfeita. Kevin se sente desconfortável. As roupas minúsculas repetem a mesma restrição que ele sente na própria pele (SHRIVER, 2007, p. 204).

Com suas roupas ele, além de comunicar seu próprio desconforto, também provocava o mesmo efeito no outro.

Desconforto chama desconforto nos outros, lógico, e também isso deve fazer parte do plano (SHRIVER, 2007, p. 204).

Assim, através de sua vestimenta Kevin era capaz, não só de expressar seu estado de espírito, mas também de atacar a mãe, fazendo-a se sentir inadequada e provocando nela o mesmo estado de espírito em que ele se encontrava.

Como já pontuado anteriormente, a violência nesse período vai aumentando de forma gradual e resulta até mesmo na chegada de policiais à residência dos Khatchadourian. Nesse episódio, Franklin pela primeira vez na vida repreende o filho que, segundo os policiais, estava - junto com o amigo - na passarela de pedestres (elevada) atirando pedaços de tijolos nos carros que passavam embaixo.

Furioso, o pai leva Kevin para conversar em seu quarto e, para surpresa de Eva, volta “ostentando uma expressão muito curiosa de paz” (p. 309). Dizendo que havia sido tudo um mal entendido e que a ideia toda tinha sido do amigo (Lenny), Franklin parecia ter dado um fim no assunto, chegando a pedir desculpas ao filho por “ter pego tão pesado com ele” (p. 311). Eva, no entanto, parece convencida de que o filho era culpado e o casal novamente discute.

Mais tarde a personagem descobre que realmente o plano tinha sido ideia de Lenny. Afirmando que “jogar pedras de uma passarela. É banal pra caralho cara. Não tem a menor classe” (p.314), Kevin demonstra um certo desdém por aquela atitude imprudente e perigosa, considerando-a uma verdadeira estupidez.

Cheia de culpa Eva afirma que

[...] fiquei envergonhada com minhas acusações falsas e, por isso, resolvi convidar Kevin para termos uma conversa de mãe e filho (SHRIVER, 2007, p. 315).

Ao apresentar uma conduta reparatória a partir de um ataque imaginário ao filho, Eva parece revelar uma característica esquizo-paranóide sua. Com seu convite, a personagem acredita que é capaz de reparar o dano imaginário infligido por ela no filho.

Eva revela estar muito apreensiva em relação ao evento

Dizer que eu quisesse, que eu desejasse de fato, passar a tarde toda e o começo da noite com o meu espinhoso adolescente seria ir longe demais, mas a verdade é que eu desejava com todas as minhas forças

desejar por esse momento — se é que isso faz algum sentido (SHRIVER, 2007, p. 317).

Durante todo o seu “programa” juntos, Kevin apresenta condutas de sabotagem. Seja levando a mãe a se sentir desconfortável ou fazendo questão de manter o silêncio durante todo o percurso do jogo mini-golfe, Kevin parecia estar ativamente tentando boicotar aquele passeio. Eva interpreta então as ações passivo-agressivas do filho como um ataque a ela, como se ele estivesse tentando destruir o belo momento mãe-filho que ela havia planejado.

[...] agora que estropiara minha única idéia brincalhona e inusitada para a tarde – transformando-a numa farsa mecânica e gelada -, Kevin parecia mais contente (SHRIVER, 2007, p. 319).

Mais do que o simples silêncio, Kevin também vocaliza seus ataques, criticando Eva em vários momentos daquela tarde. Seja por seus pequenos comentários maldosos, pelo “silêncio incômodo” (p. 321) ou pelo fato de ter comido um frango inteiro - direto da geladeira - antes de seu jantar no *Hudson House*, a tarde toda é marcada pelos ataques de Kevin direcionados à mãe. O maior e mais proeminente desses ataques ocorreu exatamente durante o jantar.

Tentando proporcionar ao filho aquele ambiente de proximidade, onde poderia então emergir a conversa mãe e filho que ela havia planejado, Eva começa a perguntar a Kevin a respeito da escola e dos professores. Kevin enxerga a falsidade da mãe nessa situação e a denuncia

[Kevin a Eva] “E que bandas você anda escutando no momento?”, disse ele, a sério. “Depois você pode dar umas sondadas pra ver se não pintou uma piranha bonitinha sentada na primeira fileira que me deu tesão. Dessa forma, você pode então introduzir o argumento de que a escolha é minha, claro, mas que, antes de transar com a garota no corredor, eu devia *esperar* até estar *pronto*. Lá pela sobremesa, você pode me perguntar sobre *droogas*. Com muito cuidado, porque você não quer me deixar assustado, mentindo até dizer chega, de modo que vai ter que dizer que você *experimentou*, mas que isso não significa que eu deva experimentar também. No fim, depois que tiver mamado essa garrafa toda, pode virar para mim com aquele olhar sentimentalóide e grudento, dizer como é fantástico passar algumas horas junto com seu filho, depois se mexer na cadeira, pôr a mão no meu ombro e dar uma apertada” (SHRIVER, 2007, p. 323).

Irritada, Eva pergunta ao filho sobre o que então ele gostaria de conversar. Kevin diz que a ideia daquela conversa tinha sido toda da mãe e que, se

dependesse dele não queria conversar sobre “porra nenhuma” (p. 323). Eles ficam em silêncio por um tempo e então ele finalmente pergunta à mãe

“Você está sempre criticando este país e desejando estar na Malásia ou algo assim. Qual é o problema com o país. De verdade. O materialismo americano?” (SHRIVER, 2007, p. 323).

Conversando com o filho, Eva parece realmente satisfeita no interesse dele a respeito de um assunto do qual ela tanto gostava, confessando que “o olhar de desconfiança que eu lançava para os Estados Unidos me era precioso” (p. 324). Feliz, a personagem conta que

Algo estava se soltando e pensei com meus botões, puxa, talvez essa “conversa” não tenha sido tão má idéia assim. Talvez a gente esteja chegando a algum lugar. Comecei a me dedicar a sério ao nosso papo (SHRIVER, 2007, p. 325).

Investida, a personagem sente como se eles tivessem transposto uma barreira, acreditando que finalmente poderia estabelecer uma relação melhor com o filho

Era a primeira vez que conseguia falar de verdade com meu filho e esperava que tivéssemos cruzado o Rubicão. Por fim, eu podia lhe confiar coisas em que eu acreditava de fato, e não apenas sermões (SHRIVER, 2007, p. 327).

Eva revela - de maneira inédita - sentir orgulho do filho.

[...] eu havia começado de um jeito infantil e inepto, como vai a escola, ao passo que Kevin conduzia a conversa como um adulto competente, fazendo sua companheira falar. Em conseqüência disso, senti orgulho dele. Estava preparando um comentário nesse sentido quando o nosso filho, que não parara de rabiscar um minuto a toalha de mesa com aquele lápis, terminou seja lá o que for que estava desenhando, levantou a cabeça e acenou para os rabiscos (SHRIVER, 2007, p. 327).

Kevin então começa a apontar todas as incongruências no discurso da mãe. De fato, durante todo aquele tempo o menino tinha mantido notas sobre a conversa entre os dois.

Kevin estava me dando corda, claro, como se eu fosse um brinquedo. Estava com aquela mesma fisionomia atenta e travessa que eu vira fazia pouco num menino que, por controle remoto, conduzia seu carrinho de corrida rumo ao penhasco de Tallman Park (SHRIVER, 2007, p. 325).

O garoto critica a mãe utilizando suas próprias palavras contra ela, o que deixa Eva enfurecida. Ao final de seu longo discurso a respeito de como a mãe era hipócrita o menino fala

“Bom. Até onde eu posso dizer, a única coisa que impede que você e a porra dos outros *americanos* sejam idênticos é que você não é *gorda*. E só porque você é magra, age como se fosse *irrepreensível* — *condescendente* — *superior*. Talvez eu preferisse ter uma baranga bem gorda como mãe, alguém que não se acha melhor que todos os demais nessa porra desse país” (SHRIVER, 2007, p. 327-328).

Aqui observamos uma nova dinâmica de ataque por parte de Kevin. Diferente de seu ataque usual - pela pura e simples indiferença ou pela negação - nesse episódio Kevin parece dar a mãe o que ela quer, só para depois tomá-lo novamente e fazê-la sentir-se tola e humilhada, demonstrando seu desdém em relação a ela.

É também nesse período que Kevin vai começar a atuar sua agressividade, sendo responsável pelo acidente que rendeu a irmã uma queimadura grave no rosto e, conseqüentemente, a perda de um olho. Essa agressividade também toma novas configurações, sendo uma de suas principais formas de ataque à mãe durante a adolescência a intimidade, porém uma intimidade desmedida e inadequada.

Eva conta que a “sensação de nudez” que sentia ao se encontrar sozinha em casa com o filho era “assistida pela coisa real” (p. 347). A personagem revela que o menino costumava se masturbar em locais onde ela pudesse encontrá-lo. Deixando a porta do banheiro aberta, a personagem conta ao marido que a situação toda a “deixava constrangida”.

“Você não está, hum, entendendo. Sei que ele vai se masturbar, não me incomodo que se masturbe, mas prefiro não ser incluída. É impróprio” (SHRIVER, 2007, p. 348).

A partir de discussões com o marido ela então o convence a conversar com o filho a respeito de toda essa situação. No entanto, Eva diz que a própria conversa talvez tenha piorado o problema: na medida que Kevin percebe que sua ação afeta a mãe, utiliza-a como uma forma de atacá-la.

[...] você teria dado a Kevin a dica de que ele me havia atingido, e, com ele, isso era sempre um erro. E assim, logo na tarde seguinte à sua “conversa”, eu estava indo para o escritório com minha xícara de café quando ouvi uns gemidos reveladores no corredor. Rezei para que ele tivesse entendido o recado e para que houvesse ao menos

uma barreira de madeira, fina mas abençoada, entre mim e a virilidade despontante de meu filho (SHRIVER, 2007, p. 349).

A situação era muito angustiante para Eva, pois a remetia a suas vivências traumáticas da infância. Ela conta que

Eu tinha dezenove anos de casada, sabia como os homens funcionavam e não havia razão para temer um pipiu glorificado. Mas, submetida aos gemidinhos prementes que vinham do corredor, senti-me de novo com dez anos, mandada à rua para fazer coisas para minha mãe enclausurada e tendo que atravessar o jardim público, olhando fixo para a frente, enquanto os meninos mais velhos abafavam risinhos nas moitas, com a braguilha aberta.

Defrontada com uma situação similar em sua própria casa, Eva sente-se vulnerável, ridicularizada e violada, ficando furiosa

Senti-me espreitada em minha própria casa, nervosa, perseguida e achincalhada, e não me importo de lhe dizer que fiquei fula da vida com isso (SHRIVER, 2007, p. 349).

Ela então retorna a agressividade ao filho e, ao deparar-se com a porta do banheiro escancaradamente aberta, ela conta que

Em resposta, encarei diretamente o seu pau [...] Estendi a mão e puxei a porta, batendo-a com força (SHRIVER, 2007, p. 350).

Com o bater da porta ela parece negar a Kevin a intimidade com a qual ele a ataca, mostrando de modo hostil, o quanto ela queria mantê-lo afastado, o quanto não queria ficar próxima dele.

Durante todo o período de sua adolescência, um único episódio se destaca por ser uma das poucas situações na qual mãe e filho estabelecem uma relação e um diálogo sem ataques mútuos. Nessa ocasião, Eva vai até Kevin devolver-lhe um disquete que havia pego um dia enquanto bisbilhotava seu quarto

Havia bem pouca coisa no quarto de Kevin que despertasse a curiosidade, embora talvez tenha sido exatamente essa característica — aquele vazio misterioso — que me pareceu tão magnética (SHRIVER, 2007, p. 377).

Tendo colocado o disquete em seu computador e gerado a maior catástrofe na empresa, atrasando a publicação de quatro guias da AWAP, Eva vai envergonhada e meio sem jeito devolver a Kevin aquele objeto roubado que lhe havia causado tanto estrago.

Ela pergunta a ele o que afinal havia naquele disquete e ele responde animado “um vírus”, dizendo que os colecionava.

O fato de Kevin ter me poupado dessa encenação – ele colecionava vírus de computador, fim de papo, e daí? — fez eu me sentir estranhamente lisonjeada (SHRIVER, 2007, p. 380).

Ao receber essa informação um tanto inquietante Eva não briga com o filho, nem o repreende, muito menos crias suas conspirações mirabolantes a respeito do motivo pelo qual ele teria esses objetos. Pela primeira vez em um diálogo com Kevin ela parece se interessar genuinamente no que o filho tinha para dizer, fazendo perguntas a ele sobre sua peculiar coleção.

“Já que você os coleciona, talvez possa me explicar: por que as pessoas criam vírus? Eu não entendo. Elas não ganham nada. Qual é o atrativo?” (SHRIVER, 2007, p. 381).

Kevin releva que o que mais apreciava a respeito dos vírus é o fato de não terem uma finalidade específica e ninguém se beneficiar com a destruição que eles provocam

“Então, é isso... É quase para, como se diz, saber que você vivo. Para mostrar às outras pessoas que elas não o controlam. Para provar que você é capaz de fazer alguma coisa, mesmo que possa ser preso por isso.

“É, é por aí”, disse ele, com ar apreciativo. Aos olhos de Kevin eu me havia superado (SHRIVER, 2007, p. 381).

Recebendo esse inédito interesse da mãe como um afeto, Kevin o retribui

[Kevin a Eva] “Sabe, se houver alguém de quem você não goste...”, ele se ofereceu. “E se você tiver o endereço eletrônico dele... É só me dizer.”

Ri. “Tá legal. Farei isso, com certeza. Só que já faz uns dias que as pessoas de quem não gosto formam uma lista e tanto.”

“É melhor avisar a elas que você tem amigos no submundo”. disse Kevin.

Então, entrosamento<sup>7</sup> era isso? Fiquei maravilhada, e fechei a porta. (SHRIVER, 2007, p. 381).

Encontramos nessa cena uma mudança grande na dinâmica de um em relação ao outro. Diferente dos constantes ataques, encontramos aqui um ensaio de uma interação saudável, com o interesse – genuíno – de Eva a respeito do filho.

---

<sup>7</sup> O termo original é “bonding” que seria melhor traduzido como a criação de laços afetivos.

Podemos pensar em fatos que possibilitaram essa interação tão incomum na história deles. Primeiramente poderíamos citar a diminuição das defesas de Eva, que sabendo que estava sem a razão, chega com a “guarda baixa” em seu approach com o filho.

Mais calma e menos agressiva, ela aborda Kevin de uma maneira que ele sente que pode realmente conversar com ela. Quando ela lhe pergunta o que era aquilo ele responde com animação e é transparente, não inventando nenhuma desculpa a respeito do por que ele tinha aquilo. Essa transparência parece agradar Eva, que a recebe como uma demonstração de afeto, passando então a retribuir isso ao filho com sua atenção genuína, sincera.

Kevin percebe essa sinceridade, não havendo nesse episódio o tão característico aspecto falso que ela normalmente apresenta. Frente à genuinidade dessa mãe em seu interesse em relação a ele, Kevin permite mostrar-se afetuoso, brincando que se houvesse alguém a quem ela quisesse atacar ele a “protegeria”. Outro aspecto importante que deve ser levantado é o simples fato de Eva estar devolvendo a ele algo que era seu, que estava em seu quarto e ele não havia dado para ela, indica que ela é que havia ido buscar aquilo em seu quarto. De uma maneira um tanto deturpada Kevin parece feliz, pois isso demonstra um interesse da mãe em relação a ele, que curiosa busca por algum meio pelo qual conhecê-lo.

Outro episódio marcante na adolescência de Kevin é o divórcio eminente dos pais. Em constantes conflitos em função de suas visões diametralmente opostas do filho, Eva conta que o casal havia chegado a um impasse

[...] por eu haver formado uma opinião definitiva e por lhe ser tão impossível abalar a minha convicção de que Kevin era um patife maquiavélico quanto me era impossível abalar a sua de que ele era um coroinha incompreendido (SHRIVER, 2007, p. 403).

Durante mais uma das brigas do casal em relação às intenções do filho, Franklin relata que não conseguia mais aguentar aquele cenário de alterações incessantes

Você comprimiu os olhos com os dedos. “Pensei que conseguiríamos levar a coisa adiante até que as crianças saíssem de casa.” Sua voz soou grisalha. “Cheguei até a pensar que, se fôssemos tão longe assim, talvez... Mas ainda faltam dez anos, e são dias demais. Os

anos eu consigo encarar, Eva, mas os dias, não” (SHRIVER, 2007, p. 403).

Devastada, afinal de contas era isso que ela sempre temera, Eva conta que naquele momento

[...] nunca havia desejado, de maneira tão plena e consciente, nunca ter parido nosso filho. Naquele instante, teria sido capaz de renunciar até mesmo a Celia, cuja ausência uma mulher sem filhos na casa dos cinqüenta não sentiria a ponto de deplorar (SHRIVER, 2007, p. 404).

Capaz de ceder até mesmo a filha que tanto adorava para ficar com o marido, Eva revela o quanto ela era emocionalmente dependente dele, configurando-se como seu bem mais precioso.

O casal começa a discutir até que percebem a presença do filho no final do corredor. Eva relata que uma olhadela já revelava que o menino estivera escutando toda a conversa. Tentando amenizar a situação - como de costume – Franklin intervém dizendo ao filho

“Kev”, disse você. “Não se deixe perturbar por nada que possa ter entreouvido. É fácil entender mal quando se escuta uma coisa fora do contexto” (SHRIVER, 2007, p. 405).

Contido, Kevin simplesmente responde

“E por que eu não conheceria o contexto [...] O contexto sou eu” (SHRIVER, 2007, p. 405).

Eva estranha a atitude do filho que parecia aborrecido com a notícia do divórcio dos pais. Esperando que ele ficasse realizado com a separação Eva diz que

Quase todos os filhos ficam mortificados com a perspectiva do divórcio dos pais e não nego que a conversa entreouvida no corredor fizera Kevin entrar em parafuso. Mesmo assim, aquilo me desconcertou. Fazia quinze anos que esse menino tentava nos separar. Por que não estava satisfeito? E, se eu era mesmo tamanho horror, por que ele não se livraria alegremente da mãe horrorosa? Em retrospectiva, só posso presumir que era muito ruim viver com uma mulher fria, desconfiada, ressentida, acusatória e distante. Só uma eventualidade devia parecer pior do que isso: era viver com você, Franklin. Ficar atolado com [...] Papai, o Panaca (SHRIVER, 2007, p. 407).

Esse episódio (da descoberta da separação dos pais) acarreta numa mudança no comportamento do filho que passa – surpreendentemente – a adotar uma postura análoga ao “Puxa, papai!” na relação com Eva. Com uma “animação fingida” (p. 417) e um fascínio inautêntico por tudo que ela fazia. Na ameaça de perda da

mãe, Kevin parece tentar reparar o objeto e, com o “Puxa, mãezinha!”, ele demonstra o quanto realmente a mãe era importante para ele.

No entanto, depois de cometer um ato de tamanha violência e promover um ataque e inimaginável sofrimento a essa mãe, a relação deles sofre uma mudança, regredindo aos estágios iniciais de ataques mútuos.

Já preso, as dinâmicas na relação dos dois permanece a mesma, com constantes ataques de ambas as partes

[...] a única coisa que interessa a ele, quando vou lá, é me deixar transtornada, também me preocupo cada vez menos em deixá-lo à vontade (SHRIVER, 2007, p. 283).

De fato a mãe parece querer gerar um sofrimento no filho, a quem ela culpa por ter-lhe tomado seus objetos de amor, de uma maneira tão irreversível.

Reconheço que fiz o possível para deixá-lo bravo, hoje. Estava resolvida a fazê-lo sentir-se pequeno, não quero que ele se torne o profundo, sinistro e impenetrável enigma de Nossa Sociedade Contemporânea, e sim alvo de piada, aquele que foi pelos ares com o petardo com que ele mesmo ateou fogo. Sim, porque, cada vez que Kevin se curva e agradece ao público no papel da Encarnação do Mal, ele incha um pouco mais [...] Quero que ele se sinta apenas mais um desgraçado exemplo de um simples, imbecil e compreensibilíssimo garoto. Quero que ele se sinta burro, choroso e sem a menor importância, e a última coisa que quero que ele perceba é o quanto do meu dia, de todos os dias, eu gasto tentando decifrar o que faz aquele menino ser o que é (SHRIVER, 2007, p. 290-291).

#### 4. MÃE SUFICIENTEMENTE BOA?

Ao longo de todo o livro somos questionados e convocados a responder a principal pergunta de Eva: fui uma boa mãe? A resposta é evidente: Não. No entanto, cabe explorar quais aspectos são mais gritantes e demonstram de modo claro, a falha da Eva como mãe e quais aspectos são mais sutis revelando detalhes importantes para a formação dessa relação patológica entre os dois.

Um desses aspectos que pode passar despercebido a um leitor desatento são as dificuldades que Kevin tem em sua alimentação. Eva relata que o filho nunca se interessou por comida. Isso causava uma preocupação muito grande para a personagem até que ela finalmente percebeu que o filho de fato comia, mas só se ela não estivesse olhando.

Kevin nunca se interessou muito por comida. Quando era pequeno, eu tinha medo que acabasse morrendo de fome, até que percebi que ele comia, desde que eu não estivesse olhando. Ele não gostava de ser visto precisando do alimento... como se a fome fosse um sinal de fraqueza. De modo que eu deixava um sanduíche onde tinha certeza de que ele iria encontrá-lo e saía de perto. Era como dar de comer a um cão. De um canto qualquer, eu o via enfiar a comida na boca em duas ou três mordidas, olhando em volta, certificando-se de que não havia ninguém vendo (SHRIVER, 2007, p. 195).

Essa passagem revela uma profunda problemática de Kevin em relação à figura materna, simbolizada pela comida, pela nutrição. Novamente a questão da indiferença, dele não querer demonstrar à mãe o quanto ele precisava dela, fica evidente aqui. De fato a negação ativa dessa mãe e do que ela poderia lhe oferecer fica clara quando ela conta que

Ele me pegou espiando uma vez e cuspiu tudo. Pegou o pão com queijo semimastigado e esmagou contra a porta de vidro. Ficou grudado. Deixei aquilo ali por um tempão. Não sei direito por que. (SHRIVER, 2007, p. 196).

O fato de Eva deixar o sanduíche no vidro pode ser uma maneira dela retribuir essa indiferença ao filho, mostrando a ele que ela não se importava com o fato dele não precisar dela.

Um outro aspecto importante que fica bem evidente ao longo da narrativa é o fato de Eva mais interpretar o papel de mãe do que realmente o exercer. Ela em vários momentos da obra tenta encarnar esse papel de “boa mãe” na figura da

“mãemãe” - um apelido que o filho havia dado a ela quando chega de sua viagem à África - passando a ser esse seu alter-ego.

Eu tinha adquirido o estranho hábito de me referir a mim mesma na terceira pessoa. Talvez eu estivesse começando a me dissociar e mãemãe passou a ser meu alter-ego virtuoso, um agradável e gorducho ícone materno, de mãos enfarinhadas, o fogo crepitando sob o tacho, que solucionava as disputas entre os moleques da vizinhança com fábulas fascinantes e biscoitos quentinhos saídos do forno (SHRIVER, 2007, p. 217).

A mãemãe passa a ser parte desse papel que ela interpreta, tendo como principal objetivo impressionar o marido, Franklin. A personagem conta que realmente tentou ser uma boa mãe, mas o vazio de suas ações em relação ao filho revela exatamente sua incapacidade de sê-lo.

[Eva a Franklin] eu lhe peço que compreenda o quanto eu estava tentando ser uma boa mãe. Porém, tentar ser uma boa mãe pode estar tão distante de sê-lo quanto tentar se divertir está de se divertir de fato. Desconfiada de todos os meus impulsos, do momento em que ele me foi posto no peito, segui um regime zeloso de uma média de três abraços ao dia, ao menos dois comentários elogiosos a algo que ele tivesse feito ou dito e declarações de *eu te amo, mocinho* ou então *você sabe que o papai e eu amamos muito você* com a uniformidade previsível de profissões de fé religiosas (SHRIVER, 2007, p. 231-232).

Todo o cuidado minucioso que ela coloca em suas ações em relação ao filho, todo o cálculo que ela apresentava no trato de Kevin faziam transparecer sua falsidade

Só que, quando observados muito ao pé da letra, os sacramentos em geral se esvaziam. Além do mais, durante seis anos inteiros eu tinha posto cada palavra minha naquele retardo de cinco segundos usado em programas ao vivo de rádio, só para ter certeza de não transmitir nada obsceno, difamatório ou contrário à política da empresa. Essa vigilância teve seu custo. Tornei-me remota, hesitante e desajeitada (SHRIVER, 2007, p. 232).

Quando ela encarna esse papel, claramente falso e inaltêntico, o filho percebe e responde de modo a deixar explícita essa falsidade, negando ativamente o “afeto” que ela lhe oferece.

As crianças têm um radar bem sintonizado para captar a diferença entre um adulto interessado e um adulto que faz questão de parecer interessado. Em todas aquelas ocasiões em que me abaixei junto do Kevin, depois do jardim-de-infância, e perguntei o que ele tinha feito naquele dia, já aos cinco anos ele era capaz de saber que eu não me importava (SHRIVER, 2007, p. 367).

A preocupação excessiva de Eva com o que os outros iram pensar - a respeito tanto dela, quanto do filho - se configura como um terceiro ponto importante. Essas preocupações a levam muitas vezes a tomar decisões egoístas, colocando suas necessidades narcísicas acima das necessidades físicas e psíquicas do filho. Um bom exemplo disso é o fato de Eva resolver que iria ensinar Kevin a ler e escrever durante as férias, para que ele ingressasse na primeira série “à frente dos colegas” (p. 225). Ela ignora as vontades do filho, impondo a ele suas próprias, tentando fazer com que Kevin se adequasse ao ideal de filho que ela imaginava.

A reação de Kevin frente a essa demanda da mãe é errar propositalmente, fazendo com que Eva se sentisse frustrada e, num segundo momento - mostrando a ela que já sabia tudo que ela estava tentando lhe ensinar - ele dava a resposta certa, num tom de desafio, fazendo com que a mãe se sentisse idiota.

[Eva a Kevin] Agora vamos praticar a nossa contagem. O que vem depois do três?”

“Sete.”

E assim nós continuávamos até que um dia, depois de mais um desses diálogos aleatórios (“O que vem depois do nove?” “Cinquenta e três.”), ele me lançou um olhar de peixe-morto e entoou, em ritmo acelerado, monocórdio: “Umdoistrêsqatrocincoseiseteitoionovedez-onzedoze...”, parando duas ou três vezes para recobrar o fôlego, mas sem um tropeço, até cem. “Agora podemos largar disso?”. Eu realmente me senti uma idiota (SHRIVER, 2007, p. 226).

Kevin de fato parecia querer privá-la da alegria e orgulho de poder ensinar a ele alguma coisa.

Era óbvio que ele estava me negando toda e qualquer satisfação de propósito. Ele estava decidido a fazer com que eu me sentisse inútil e desnecessária. Embora talvez não estivesse tão convencida quanto você de que nosso filho era um gênio, ele era [...] muito inteligente (SHRIVER, 2007, p. 228).

Suas atitudes visam mostrar a Eva o quanto ele não necessitava dela. Assim como ele fazia com a comida e com os brinquedos, Kevin desejava mostrar a mãe o quanto ele não queria nada que ela tinha para lhe oferecer.

Kevin nunca me parecia estar prestando atenção, como se escutar fosse uma indignidade. Entretanto, sei lá como, ele aprendia pelas costas o que precisava saber. Aprendia da mesma maneira como comia — furtivamente, de fininho, devorando informação como se fosse um sanduíche de queijo engolido quando não havia ninguém olhando (SHRIVER, 2007, p. 227).

A partir dessas cenas é possível perceber que Eva é incapaz de suprir as necessidades do filho e, pelo contrário, quer que ele supra suas necessidades, suas vontades e desejos a respeito da maternidade e do que ela esperava de um filho, ou melhor, do filho que havia ela idealizado.

Ignorando suas necessidades, Eva revela um enorme descaso em relação a Kevin. Esse descaso é bem explicitado pela falta de comunicação entre os dois. De fato, Eva não tem o mínimo interesse em interagir com o filho e, quando se encontram sozinhos, ela se mantém afastada dele. Revelando o quanto a situação era desagradável e angustiante para ela, conta que

Havia até algo de curiosamente insuportável a respeito daquelas duas horas que ele e eu às vezes ficávamos sozinhos na casa, antes que seu 4x4 apontasse na garagem. Seria de imaginar que não haveria nada mais fácil do que nos escondermos um do outro naquela vasta estrutura de teca, mas, onde quer que nos instalássemos, nunca perdi consciência de onde ele estava, nem ele, imagino, de onde eu me encontrava. Sem você e Celia para servirem de amortecedores, só nós dois naquela residência, era como se estivéssemos... a palavra nus é o que me vem à mente. Mal falávamos (SHRIVER, 2007, p. 347).

Podemos perceber o quanto as interações com o filho eram consideradas um estorvo, algo realmente inconveniente quando, referindo-se à tarde que planejava junto ao filho (na época da adolescência de Kevin) Eva conta que

Pensar em se “divertir” com o nosso filho era como tentar imaginar uma viagem realmente sensacional junto com uma pedra de estimação (SHRIVER, 2007, p. 316).

Novamente aqui observamos uma característica despersonalizante atribuída ao filho, que na visão de Eva só perturba e dificulta seus planos, sendo realmente um peso.

Para sintetizar todas as falhas e dificuldades de Eva em exercer um papel de mãe suficientemente boa apresentamos uma fala de Franklin. Nela ele evidencia todas as problemáticas presentes na relação dos dois até aquele momento, apontando que

“Você implica com ele [...] Você o culpa por tudo que dá errado nessa casa. E na escolinha dele. Você se queixou do coitado do garoto em todas as fases do jogo. Primeiro, ele chorava demais, depois, era muito quieto. Ele cria uma língua própria e você se irrita. Ele não brinca direito — quer dizer, não do jeito que você brincava. Ele não trata os brinquedos que você faz para ele como peças de museu. Ele

não dá os parabéns a você toda vez que aprende a soletrar uma palavra nova e, como a vizinhança inteira não simpatiza muito com ele, você resolveu pintá-lo como um pária. Ele desenvolve um problema psicológico sério [...] e custa a largar a fralda [...] mas você insiste em interpretar isso como um combate maldoso e pessoal entre vocês [...] Faço o que posso para compensar a sua [...] frieza. Só que não existe substituto para o amor materno (SHRIVER, 2007, p. 246).

#### **4.1 Entre Eva e mãe-mãe: a inaptidão da personagem em estabelecer o papel de mãe suficientemente boa**

Ao explorar a trajetória de Eva com o filho podemos notar uma clara dificuldade afetiva por parte dela. São essas dificuldades que acabam impedindo a personagem de estabelecer uma relação adequada com Kevin. Realizando constantes projeções no filho, Eva sente-o como ameaçador e coloca em todas suas ações um caráter agressivo, entendendo-as como ataques dele direcionados a ela.

Esse contexto de batalhas constantes entre os dois impossibilita a criação de um vínculo forte e saudável, onde ele sinta que pode depender dela e ela supra essa dependência de maneira adequada, providenciando cuidado e afeto.

De fato, o afeto nessa relação está localizado somente em um ponto do espectro: no negativo. Aqui encontramos o ódio e a raiva, mas não o amor e o carinho. Quando ela realmente tenta agir de maneira afetuosa com o filho – numa tentativa de agradar o marido e se provar “boa mãe” – a ação parece inautêntica, pois de fato o que ela sente e o que ela faz não estão em concordância. Kevin constantemente percebe essa falsidade e principalmente na adolescência, faz questão de apontar.

Todo esse contexto turbulento gera uma relação que não propicia uma proximidade, muito pelo contrário, a relação de Eva com o filho é marcada pela indiferença (de ambos os lados). Distantes um do outro não, Eva não pode interagir e se relacionar verdadeiramente com ele, relacionando-se com uma versão imaginada do filho, perversa e cruel.

Outro ponto muito importante, e que acaba tendo consequências verdadeiramente devastadoras, é a instauração - por parte dessa mãe - de um processo psicotizante no filho através do estabelecimento de um duplo vínculo.

Tanis (2010), em seu artigo “Presença do paradoxo na construção de vínculos: clínica, alteridade e cultura”, aponta as dinâmicas presentes nos processos de estabelecimento de duplo vínculo. Apresentando o pensamento de Searles, Bion e Green.

Como apontado por Searles (1959), as repetidas e imprevisíveis mudanças de humor da mãe, impedem a construção de confiabilidade na relação, não só mãe-bebê, mas também no resto das interações com o mundo.

A comunicação que ocorre em níveis diferentes ou discrepantes, incompatíveis entre si, também é responsável pela criação dessa comunicação paradoxal, promovendo um ataque aos vínculos e à capacidade de ligação, como postulado por Bion (1967) e Green (2007), respectivamente. Esse panorama acaba por gerar uma desorganização dos afetos e da própria representação psíquica. É a partir desse quadro patológico que Kevin é capaz de realizar essa passagem ao ato, imprimindo uma ação de violência e destrutividade abismal.

Em suas problemáticas interações com o filho, além de não promover um desenvolvimento adequado - falhando não apenas em fornecer a ele as ferramentas e habilidades necessárias para que se desenvolvesse, mas também em apresentá-lo o mundo – Eva acaba contribuindo ativamente para a criação de padrões psicóticos no filho.

Além disso – por ser o modelo para suas interações – a personagem acaba gerando um garotinho apático, distante e desinteressado. O único modo de interação que Kevin conhece e possui é através de uma destrutividade desmedida, uma agressividade feroz e uma crueldade sem tamanho.

Dessa maneira, podemos afirmar que Eva falha totalmente no papel de mãe suficientemente boa, sendo incapaz de atender as necessidades do filho, instaurando nele um sentimento de desconfiança.

A partir das cenas apresentadas - principalmente no Capítulo 1 - percebemos uma falha no holding tanto no plano físico, em função da postura dura e sem jeito de Eva, quanto no simbólico, em função desse filho não desejado e ativamente rejeitado por essa mãe. Em função da sua indiferença e trato de “mãe executiva”, o handling também não consegue ser exercido de maneira adequada e, mais tarde, já na fase de apresentação de objetos temos uma falha novamente.

O que observamos é uma mãe incapaz de instaurar no filho um sentimento de onipotência primária em função de sua maternagem deficiente. Defrontando-se com um ambiente falho, Kevin busca então uma organização com o que lhe é possível: por meio do ódio e da destrutividade.

## 5. AMBIENTE (NADA) FACILITADOR

Para discutir a questão do ambiente facilitador optou-se por eleger alguns indicadores - eventos apresentados durante a narrativa que servem como indícios da presença - ou ausência - de um ambiente facilitador.

Como um primeiro exemplo poderíamos citar os desenhos realizados por Kevin nos primeiros anos de primário (cinco anos de idade), apontando-os como um indicador interessante. Nessa idade, seria esperado que ele apresentasse produções gráficas que se enquadrassem no que Luquet (1969) denomina como realismo intelectual, como apresentado no artigo de Alexandroff (2010) *Os caminhos paralelos do desenvolvimento do desenho e da escrita*. No entanto, longe disso, encontramos uma produção muito regredida

Enquanto as outras crianças iam passando para figuras de cabeças gordas e paisagens com uma faixa azul de céu por cima, Kevin continuava com os rabiscos sem forma, sempre em preto e roxo (SHRIVER, 2007, p. 211).

Os desenhos amorfos de Kevin aproximavam-se de garatujas, um grafismo de uma fase muito anterior do desenvolvimento. Além da ausência de forma, as cores usadas também chamam a atenção. Em suas produções, Kevin utiliza apenas três cores: preto, roxo e marrom. As cores escuras parecem revelar um aspecto sombrio, mostrando a presença de um ambiente, tanto externo como interno, não acolhedor.

Também relacionado à questão desenvolvimental, chama atenção o fato de Kevin ter “pulado” a clássica fase dos “porquês”. Eva conta que o filho

[...] pulara a fase dos porquês que em geral aparece lá pelos três anos de idade — nessa época, ele mal falava. Embora a fase dos porquês possa parecer um desejo insaciável de compreender causa e efeito, eu já tinha escutado o suficiente nos parquinhos [...] para saber que a história não era bem assim. Crianças de três anos não estão interessadas na química da digestão; elas simplesmente topam com a palavra mágica que sempre provoca uma resposta. Kevin, no entanto, teve uma verdadeira fase de porquês [...] Quase tudo que os adultos faziam lhe parecia absurdo. O que não o deixava apenas perplexo, como enfurecido (SHRIVER, 2007, p. 187).

Com esse seu questionamento enfurecido Kevin questiona o motivo, a real função de todas as coisas. Nessa sua atitude ele parece revelar uma falta de confiança no ambiente, tentando, o tempo todo com seus “porquês”, averiguar se de

fato o que esse ambiente lhe oferecia seria algo bom (prazeroso) ou apenas mais um ataque.

Outro aspecto importante é a apatia de Kevin, que não parece interessado em absolutamente nada, além de não apresentar nenhum desejo de explorar o seu ambiente. Desde o jardim da infância Eva conta que o filho já apresentava essa postura, ficando o dia todo sentado num banquinho no meio da sala. Seus colegas também não lhe pareciam chamar muito a atenção e ele raramente interagia com outras crianças.

Um boletim inicial sobre o “progresso” de Kevin naquele novembro mencionava que ele era um “tanto subsocializado” e que “podia precisar de ajuda para iniciar um comportamento” [...] Kevin havia passado seus primeiros dois meses com o corpo largado num banquinho, no meio da sala, imóvel, fitando com olhar apático os colegas em atividade [...] Quando instigado a brincar com os outros meninos e meninas, qualquer que fosse a atividade, dizia que era “besta” naquela voz enfasiada (SHRIVER, 2007, p. 212).

Essa postura apática expandia também para seus interesses. Eva afirma que não havia nada que o filho gostasse o que para ela “não era natural” (p.216). Kevin ignorava inclusive todos os brinquedos dados pelo pai

Eu me sentiria mal de dizer que ele ignorava todos aqueles Game Boys e caminhões da Tonka que você lhe dava se o próprio excesso desses presentes não fosse um sinal de que você tinha consciência de que os anteriores não haviam agradado (SHRIVER, 2007, p. 216).

Eva tenta então confeccionar brinquedos e presentes para o filho, pensando que talvez Kevin não se interessasse pelos brinquedos que já tinha por terem sido comprados e, tendo os pais muito dinheiro, não possuírem muito valor para ele.

[...] talvez ele soubesse que presentes comprados em lojas eram fáceis para nós, que éramos ricos, e, portanto, por mais caras que essas tranqueiras fossem, continuavam sendo baratas (SHRIVER, 2007, p. 216).

Ela fazia questão de que o filho visse o tempo e a energia que ela havia colocado naqueles seus livros desenhados à mão, ursinhos e quebra-cabeças personalizados com os quais ela presenteava o filho.

[...] às vezes passava semanas a fio fazendo objetos caseiros, personalizados, que hipoteticamente deveriam significar algo, para o nosso filho brincar. Também fazia questão de que Kevin me visse confeccionando aquilo tudo, para saber que eram obras de amor. O máximo de curiosidade que ele demonstrou foi me perguntar, irritado,

por que eu simplesmente não comprava um livro de histórias (SHRIVER, 2007, p. 216).

Ele não só não se interessava pelos brinquedos que a mãe lhe dava, como sempre acabava os destruindo

O único momento de interesse pelo livro foi quando deixei Kevin sozinho por alguns minutos, para preparar o jantar. Quando voltei, ele já havia rabiscado todas as páginas com um marcador preto [...] Mais tarde, afogou um ursinho de pelúcia, recheado de meias e com olhos feitos de botão, no Lago do Urso [...] e atirou várias peças do meu quebra-cabeça de madeira [...] na valeta de escoamento na entrada de casa (SHRIVER, 2007, p. 216-217).

Podemos perceber que através dessa destruição Kevin demonstra uma atitude de negação da mãe, atacando o objeto de “amor” por ela ofertado - novamente evidenciando a dinâmica de negação discutida anteriormente.

O fato de Kevin não brincar também chama bastante atenção, afinal o comportamento de brincar revela, quando ausente, a presença de alguma enfermidade ou patologia. Eva afirma que o filho nunca aprendera a brincar, mostrando uma atitude totalmente apática em relação ao mundo e ao que ele poderia lhe oferecer.

Kevin ainda não aprendera a brincar. Deixado à própria sorte, ele se largava no chão, com um distanciamento sorumbático que tornava o clima da casa inteira opressivo (SHRIVER, 2007, p. 225).

Outro ponto importante e que vale a pena ser discutido é a questão da chegada da irmã e a maneira como ela influencia a dinâmica de Kevin com a mãe. Com o nascimento de Celia, Kevin parece ter de fato ocupado um segundo lugar, recebendo ainda menos atenção do que recebia anteriormente.

A partir de sua chegada ao mundo, Celia passa a ser - ao contrário de Kevin - o alvo de todas as projeções positivas da mãe, havendo, portanto uma clara polarização de suas projeções, onde a filha e o filho parecem tomar posições diametralmente opostas.

Pode-se observar muito bem esse antagonismo na cena em que Kevin vai conhecer a irmãzinha no hospital. A personagem conta que ele primeiramente mostrava-se totalmente desinteressado, ficando longe do bebê e comentando sobre as chateações que a chegada da irmã mais nova implicaria. Achando que Kevin

fosse saltar e sufocar a irmãzinha com o travesseiro, Eva se surpreende pelo simples distanciamento adotado pelo filho. Quando ele finalmente se aproxima da irmã é para jogar água em seu rostinho.

Kevin havia se aproximado um pouco mais da cama e enfiado a mão no copo de água na mesinha de cabeceira. Olhando de esguelha para o bebê, ele suspendeu a mão molhada por cima do rosto dela e deixou que a água pingasse em cima. Celia se retorceu, desconcertada, mas o batismo não parecia tê-la incomodado muito [...] Com a fisionomia exibindo uma rara, ainda que clínica, curiosidade, Kevin molhou a mão de novo e respingou no nariz e na boca da irmã (SHRIVER, 2007, p. 262).

Nesse momento, a imagem por ela trazida revela o lugar em que cada um dos filhos ocupava em seu imaginário.

O batismo de Kevin me fazia pensar nos contos de fada em que um parente ofendido aparece para amaldiçoar a princesa no berço (SHRIVER, 2007, p. 262).

Os conteúdos negativos são, como de praxe, associados ao filho – capaz de “amaldiçoar” a criança que Eva tanto desejava. Em oposição, Celia ocupa o lugar de princesa: preciosa, querida e virtuosa. Percebe-se também que o filho aparece numa posição de predador, capaz de destruir a felicidade alheia.

Conforme a irmã cresce, fica cada vez mais aparente essa distinção entre os dois filhos. Ela cuida da filha, se preocupa com ela, a ajuda e a trata com afeto, dando-lhe abraços e realizando com ela diferentes atividades. Kevin, como sempre, tenta parecer inafetado com toda essa situação, mas percebe-se seu ressentimento em relação a essa predileção clara da mãe através dos conteúdos agressivos das e pequenas violências recorrentes em sua relação com a irmã caçula.

Se eu entrasse no salão de jogos e encontrasse minha filha deitada de lado, toda enroscada, os tornozelos amarrados com meias três-quartos, as mãos atadas nas costas com sua fita de cabelo, a boca vedada por fita adesiva, sem que meu filho estivesse à vista, eu podia deduzir por mim mesma o que significava a explicação gemida de “brincando de seqüestro”. Eu podia não saber qual era a senha maçônica da seita secreta dos meus filhos, mas conhecia Celia o bastante para saber que ela jamais manteria a cabeça de seu cavalinho de plástico favorito sobre a chama do fogão. E [...] quando a encontrei amarrada a seu cadeirão, à mesa de jantar, coberta de vômito, pude presumir com razoável segurança que o prato na frente dela, contendo maionese, geléia de morango, pasta de curry tailandês, vaselina e imensas bolas de pão, não seguira uma receita de sua lavra (SHRIVER, 2007, p. 171).

Tendo que se deparar constantemente com o favoritismo da mãe em relação à Celia, Kevin passa a destruir os objetos de amor da irmã: seus bichinhos de pelúcia. Quando ele finalmente passa a atuar sua agressividade em relação a ela, no episódio em que ela perde o olho, seu ataque surte o efeito contrário: a mãe passa a dar ainda mais atenção à filha.

[...] resolvi, quando Celia voltou para casa, praticamente abandonar qualquer esforço que já tivesse feito para disfarçar minha preferência por um filho em vez de outro (SHRIVER, 2007, p. 354).

A frieza e distanciamento da mãe, principalmente na fase da adolescência, produzem um ambiente silencioso e inóspito, onde qualquer tipo de proximidade gera um desconforto insuportável

Seria de imaginar que me ver sentada ao lado do meu filho dentro de um carro fosse um acontecimento comum, sobretudo por menos de dois minutos. Mas Kevin e eu muito raramente nos colocávamos numa proximidade tão sufocante e lembro-me de ter subido a ladeira falando baboseiras associativas (SHRIVER, 2007, p. 346).

Sua inabilidade de comunicar-se com o filho revela uma indiferença, uma tentativa de não implicação em relação Kevin, deixando-o de lado, distante, ao relento.

Essa dificuldade de comunicação pode ser relacionada com outro ponto importante: a questão de, durante toda a infância de Kevin, Eva tentar constantemente apresentar a ele conteúdos didáticos, mesmo vendo que o filho não tinha nenhum interesse naquilo

Eu o abastecia sem parar de vocabulário, ou quem era Shakespeare; tagarelices educativas preenchiam o vazio. Eu tinha a nítida impressão de que ele gostaria de que eu calasse a boca. Parecia não ter fim a quantidade de informações que ele não desejava (SHRIVER, 2007, p. 186).

Mais tarde, durante sua adolescência, seus longos monólogos contendo críticas sociais ocupam esse papel, preenchendo esse “vazio” de suas breves interações com o filho. Parece que, por sentir o silêncio como tão perturbador, Eva prefere preenchê-lo, tendo ao menos a sensação de que estava se relacionando com Kevin, quando na realidade o conteúdo daquelas interações eram tão vazios quanto o próprio silêncio que ela tanto temia. Seus discursos chegam a ser tão

aborrecedores e maçantes para o garoto que até poderíamos considerá-los como forma de ataque.

Um outro aspecto muito interessante, e que parece mostrar o quanto o ambiente de Kevin lhe aparentava tamanha escassez, é a simplicidade exorbitante que encontramos em seu quarto. Eva relata que o cômodo era sóbrio, sem nenhum cartaz na parede, fotos ou qualquer tipo de objeto ou adereço personalizante

Era imaculado; você implicava com o Kevin por ele ser “ranzinza”, tão maníaco pela arrumação. A cama fora feita com a precisão de um campo de treinamento militar [...] As paredes não tinham adornos [...] As prateleiras da estante eram praticamente vazias: alguns livros didáticos, um único exemplar de *Robin Hood* (SHRIVER, 2007, p. 377-378).

Incomodada, a personagem conta que a ausência de “personalidade” em seu quarto, parecia revelar características análogas a de seu mundo interno

Seria aquela a aparência do interior da cabeça dele? Ou será que o quarto também era uma espécie de protetor de tela? Bastaria acrescentar uma paisagem marinha acima da cama e seria como estar num quarto desocupado da rede Quality Inn. Nem uma fotografia na mesa de cabeceira, nem uma lembrança na cômoda - as superfícies eram lisas e ausentes (SHRIVER, 2007, p. 378).

Com uma total ausência de algum indicador da individualidade ou de qualquer tipo de interesse por parte do filho, Eva diz que

[...] todos os segredos do quarto de Kevin tinham a ver com o que eu não descobriria, como algum vestígio de meu filho. Olhando em volta, pensei, inquieta: Ele poderia ser qualquer pessoa (SHRIVER, 2007, p. 378).

Por fim, cabe ressaltar também a questão da tentativa dos pais de protegerem o filho de brinquedos ou outros tipos de conteúdos violentos.

Nós tentávamos afastar Kevin de qualquer coisa que fosse violenta demais, ou sexualmente explícita, sobretudo durante os primeiros anos (SHRIVER, 2007, p. 173).

Essa demanda surge de Franklin que Eva diz ser um “pai liberal, tão contrário a castigos corporais e brinquedos violentos quanto exigiam os tempos” (p. 173). No entanto, a personagem não via nenhum sentido naquele comportamento demasiadamente cauteloso no qual o marido insistia

“Nós tomávamos todas as precauções de praxe, mas Kevin sempre achava um jeito de driblar nossas providências e entrava na rede com a maior facilidade” (SHRIVER, 2007, p. 174).

Para Eva, toda essa proteção era uma grande farsa, uma ideia onipotente e presunçosa dos pais que queriam provar a si mesmos que estavam dando o “seu máximo” na tentativa de educação dos filhos

[...] até Kevin completar onze anos, ou doze, isso tudo já não adiantava mais. As regras proibindo armas, os códigos para navegar na Internet... As crianças vivem no mesmo mundo que nós. Fingir que podemos protegê-las desse mundo, além de ingenuidade, é presunção. O que nós queremos é poder dizer a nós mesmos que somos ótimos pais, que estamos *fazendo o melhor possível* (SHRIVER, 2007, p. 174).

Ela diz que as regras e proibições que eles impunham ao filho só haviam contribuído para deixá-los com cara de bobos, enfatizando sua impotência e provocando o desprezo dele.

O que provocou o desprezo de Kevin não foi [...] a nossa óbvia incapacidade de protegê-lo do Grande Mundo Cruel. Não, para Kevin a piada era a substância e não a ineficácia dos nossos tabus. Sexo? Ah, ele passou a utilizá-lo, quando descobriu que eu tinha medo, ou medo do sexo nele, mas, do contrário? Era uma chatice (SHRIVER, 2007, p. 175).

Eva aponta que, cercando o filho e tentando esconder dele as mazelas do mundo, apenas estavam o iludindo, pois ele já tinha entrado em contato com todos aqueles conteúdos

Talvez não se ressinta de termos tentado baixar à força uma cortina entre ele e os terrores adultos pegando-o de surpresa pelas costas. Mas se ressentiu, e muito, de nós o termos iludido — de nós o termos seduzido com a possibilidade do exótico [...] Quando ocultamos de Kevin nossos mistérios adultos, que ele ainda não tinha idade para entender, implicitamente lhe prometemos que, chegada a hora, o pano subiria para revelar — o quê? (SHRIVER, 2007, p. 176).

Ao ansiar por essa “grande revelação dos pais”, Kevin esperava ser surpreendido, ser apresentado a coisas novas das quais as regras dos pais lhe proibiam de entrar em contato

[...] Kevin também não devia ter uma imagem muito bem formada do que estávamos escondendo dele. No entanto, a única coisa que nunca deve ter-lhe passado pela cabeça é que não estávamos escondendo nada. Que não havia nada do outro lado de nossas regrinhas idiotas, nada (SHRIVER, 2007, p. 176).

Assim, quando finalmente atinge uma idade mais avançada, na qual os pais já não precisam mais “protegê-lo” do mundo, Kevin se sente verdadeiramente enganado

Claro que, até ele fazer catorze anos já havíamos desistido de controlar os vídeos a que ele assistia, a hora em que dormia, o pouco que lia [...] Kevin deve ter se sentido totalmente enganado (SHRIVER, 2007, p. 177).

### **5.1 Um ambiente que (des)favorece**

Com base nas cenas trazidas podemos perceber a quantidade de dificuldades e ameaças que Kevin encontrava em seu ambiente familiar. Alguns elementos de fato denunciam a presença de um ambiente hostil, que favorece o desenvolvimento de atrasos e dificuldades desenvolvimentais.

O fato das produções gráficas de Kevin estarem três estágios atrasadas, apresentando aos cinco anos grafismos característicos de crianças de um e meio a dois anos de idade, evidenciam bem essa questão. Além da problemática da produção, seus rabiscos “sombrios e furiosos” (p. 212), a partir das cores utilizadas, também denunciam a presença dessa atmosfera lúgubre na qual ele se insere.

Essa não exploração do ambiente, unida e acrescida do fato do filho não brincar, também revela um aspecto patológico importante. Ao adotar uma postura de distanciamento em relação a esse ambiente, Kevin revela sentir uma falta confiança nele. É como se o ambiente no qual estava inserido não tivesse nada para lhe oferecer e Kevin sentisse um dever de questionar a qualidade do que ele por ventura viesse a lhe ofertar. Essa desconfiança no mundo também se estende para as outras pessoas, explicando o porquê de sua subsocialização.

Além disso, os constantes ataques de Eva e suas estranhas e repentinas mudanças de atitude também contribuía para o retraimento de Kevin, que temia o que poderia acontecer depois. Somado a isso o garoto ainda encontrava na figura da mãe uma frieza, crueldade e indiferença que lhe conferiam essa característica tão aversiva.

Por ter uma sensação de imprevisibilidade em relação ao ambiente, nunca tendo certeza do que realmente iria acontecer, Kevin se afasta protegendo-se de possíveis ataques que esse ambiente pudesse vir a lhe infligir. Marcada pelo negativo, sua interação com o mundo lhe confere uma atitude apática. É como, se em resposta a todas as agressões que lhe foram impostas, ele dissesse “Olha, não estou interessado. Se é isso que é o mundo, eu prefiro ficar aqui deitado no chão!”.

Essa imprevisibilidade se acentua ainda mais com a notícia da separação dos pais e nesse momento até poderíamos enxergar a sua atitude de “*Puxa, mãezinha!*” como uma tentativa – ainda que falha – de tentar manter a família unida, mostrando ao pai o quanto ele apreciava a presença da mãe, ainda que ela claramente não apreciasse a sua.

O contexto se agrava na medida que nenhum dos pais é capaz de fornecer ao filho algo em nível emocional. Enquanto Eva tenta suprir as necessidades intelectuais de Kevin, mas nunca as psicológicas e afetivas, Franklin, lhe oferece objetos: os mil e um brinquedos dos quais o filho nem gostava. Por relacionar-se com Kevin de uma maneira estereotipada, ele não consegue estabelecer com o filho um vínculo verdadeiro e acaba não conseguindo ver o filho como ele realmente é, com suas reais necessidades, vontades e desejos. A relação de Franklin com Kevin será tratada em mais detalhes no capítulo de função paterna e essa temática será então elucidada.

A questão do favoritismo da irmã também é de extrema importância e parece indicar a Kevin que toda aquela agressão que a mãe lhe direcionava era endereçada para ele e para ele somente, como se o seu desafeto fosse um míssil e as coordenadas fossem o filho.

Celia expõe um lado da mãe que o filho não conhecia - afetuosa, cuidadosa e preocupada - mas que almejou durante toda a vida. Frente a essa diferenciação quanto à postura da mãe em relação aos filhos, Kevin se frustra, partindo então para a agressividade.

Marcado pela falta de confiança e insegurança, nesse ambiente hostil e imprevisível, onde tudo parece lhe indicar que o problema ali é ele, Kevin realmente não vê outra saída senão adotar uma postura de indiferença e distanciamento. Aqui

podemos concordar com Eva, e afirmar que de fato o quarto de Kevin parece indicar a pobreza de seu mundo: sem adornos, sem objetos dos quais se interesse, sem cor. Um ambiente de uma simplicidade feroz, onde nada de relevante se encontra: um ambiente inóspito.

## **CAPÍTULO 6: FRANKLIN E O EXERCÍCIO (OU TOTAL AUSÊNCIA) DA FUNÇÃO PATERNA**

Ainda que o foco da análise se encontre na relação mãe-filho de Kevin e Eva, seria um descuido, e até mesmo uma ignorância, excluir o papel do pai nessa relação e sua contribuição para as questões e temáticas presentes na relação dos dois. Dessa maneira, optou-se por fazer uma breve análise dessa questão, trazendo os pontos mais importantes e algumas passagens para ilustrar as dinâmicas mais comumente encontradas no trato de Franklin com o filho. Com isso pretendemos, ao final do capítulo, discutir a capacidade desse pai de exercer a função paterna, impondo limites para Kevin e proporcionando um desenvolvimento emocional adequado para o filho.

### **6.1 A função paterna**

Assim como a função materna, a função paterna implica em atribuições concretas e, concomitantemente, em funções simbólicas. Essas funções simbólicas, como discutidas por Maria Luiza Borges (2005), em sua dissertação de pós-graduação, estão implícitas nas condutas adotadas por esses pais e exercem um papel essencial na estruturação da personalidade dos indivíduos.

A autora destaca que no desempenho dessas funções (materna e paterna) entram como variáveis importantes características pessoais de cada um dos responsáveis, sejam eles pais biológicos ou não. Dessa maneira, as condições emocionais, vivências da infância, capacidade de tolerância à frustração, assim como a de separação e a resolução do Complexo de Édipo irão afetar substancialmente a maneira como essas figuras realizam tais funções.

Winnicott, ainda que possua uma literatura muito mais ampla a respeito da relação da mãe-bebê, também discute a importância do papel do pai para o desenvolvimento emocional do filho. Mishima-Gomes et. al. (2014) em seu artigo "*Não pode!": a função paterna e a obesidade infantil* exploram um pouco mais a fundo quais as funções e influências que a função paterna realmente suscita.

As autoras apontam que Winnicott afirma que ainda na fase inicial, no estágio de dependência absoluta, o pai participa indiretamente do cuidado do bebê, fornecendo à mãe um tipo especial de holding, protegendo-a de influências externas para que ela possa dedicar-se unicamente ao bebê. O processo de desadaptação subsequente - que vai ocorrer na medida que esse bebê vai adquirindo mais independência - é em grande medida promovido pelo pai, que auxilia essa mãe a sair do estado de preocupação materna primária, reivindicando a esposa para si. Nesse contexto o pai passa a ser o primeiro contato que a criança tem com a totalidade pessoal, e em função disso, se torna um modelo de integração para esse bebê.

É apenas mais tarde, quando o a criança já se encontra no estágio de concernimento, que esse pai (ou figura paterna<sup>8</sup>) entra definitivamente na vida da criança como uma terceira pessoa. Tido como uma figura forte e protetora, capaz de conter a destrutividade dos impulsos amorosos primitivos desse filho em relação à mãe, o pai possibilita que essa criança possa vivenciar suas potências destrutivas sem medo de destruir a figura materna. Dessa maneira, ele irá se constituir como a representação de um ambiente indestrutível e é responsável por dar continuidade ao processo de desilusão que tem início com os fracassos adaptativos da mãe. O pai, sobrevivendo aos ataques do filho com firmeza e acolhimento, possibilita que ele discrimine entre a fantasia e a realidade externa (ROSA, 2009 apud. MISHIMA-GOMES, DEZAN, BARBIERI, 2014).

Ainda nesse mesmo artigo Mishima-Gomes et. al. destacam que Winnicott sustenta que o papel da família, particularmente o do pai, no desenvolvimento de um sintoma por parte da criança estaria ligado à qualidade da relação que ela estabelece com ele. Quando essa relação é positiva ela permite à criança construir uma personalidade forte e flexível, tornando-se independente e autoconfiante. No entanto, se essa relação for marcada pelo negativo, se a mãe e o pai se encontram em constante conflito, a criança pode acabar tendo dificuldades para se desenvolver emocionalmente, não sendo capaz de expressar-se de uma maneira espontânea e criativa. Nesses casos o que encontramos é uma criança com problemas em

---

<sup>8</sup> Ainda que o termo "pai" repita-se diversas vezes ao longo desse item é importante ressaltar que a função paterna não é necessariamente realizada pelo pai biológico, podendo ser realizada por uma gama de outros sujeitos que ocupem esse papel e/ou realizem essa função.

estabelecer um sentimento de continuidade com o mundo, o que acarreta no desenvolvimento de algumas fantasias que determinam hostilidade ou uma visão benevolente de mundo. É então nesse contexto que encontramos uma enorme possibilidade para o surgimento de algum tipo de patologia, seja ela psicossomática ou de ordem emocional.

Ferreira e Aiello-Vaisberg (2006) em seu artigo “O pai 'suficientemente bom': algumas considerações sobre o cuidado na psicanálise winnicottiana” resumem muito bem qual seria então o papel dessa figura paterna e a função que ele exerceria. As autoras apresentam que caberia ao pai a função de manutenção de um enquadre seguro para essa criança, permitindo que ela lide com sua agressividade, ódio e destruição. Segundo Winnicott, essa seria uma questão fundamental para o amadurecimento emocional da criança, visto que é só através da própria destrutividade que se pode completar, de maneira satisfatória, o processo de estabelecimento de um vínculo saudável com a realidade, concebendo a alteridade e chegando então a externalidade do mundo.

Cabe aqui, tratando-se de uma análise mais pontual, apontar somente os pontos mais relevantes e condizentes com a análise que será realizada. Desse modo, reiteramos que o tema é infinitamente mais amplo do que foi trazido neste item, mas um recorte foi feito tendo como base o conteúdo que será trabalhado no próximo item.

## **6.2 Franklin como pai**

A partir dos relatos trazidos, principalmente no primeiro capítulo, é possível perceber o quão significativo para Franklin é esse desejo de tornar-se pai. É ele que sempre insistia para que a mulher o presenteasse com um filho para que pudesse então realizar esse seu grande sonho. Esse “presente” – seu primogênito - ele entende ser uma posse sua.

Desde a gestação de Eva podemos perceber que Franklin entende o filho como uma propriedade inteiramente dele. Na verdade, ao longo de todo o livro esse assunto é trazido constantemente em falas tanto de Eva, quanto do marido e de fato Franklin, sempre que se refere a Kevin, diz “meu filho” ao invés de “nosso filho”

Celia era minha, e Kevin era seu. Você e Kevin eram chegados, ele podia confiar em você, podia se escorar em você quando tivesse problemas (SHRIVER, 2007, p. 279).

Esse “ser pai” estava acompanhado de uma ideia do que seria ser um “bom pai”, o que para Franklin se assemelhava muito mais a uma relação de amizade do que de pai e filho realmente. De fato, durante boa parte do livro ele se refere ao filho como seu “parceiro”. Essa relação de parceria, muitas vezes prevalece sobre as suas funções e obrigações como pai, passando a se comportar como o filho em situações onde deveria colocar-lhe limites ou, ao menos, apontar a ele o quanto aquele seu comportamento era inadequado. Esse tipo de conduta de Franklin leva a conflitos entre ele e a mulher em função de, na grande maioria das vezes, acabar desautorizando Eva no processo.

Além disso, essa sua necessidade de ser querido e amado pelo filho, faz com que muitas vezes Franklin não consiga “enxergá-lo” de verdade. Nos olhos dele o filho não tem defeitos e não comete erros. Tudo que ele faz é maravilhoso, genial e cheio de boas intenções. Mesmo quando confrontado com evidências de um mau comportamento do filho ou indícios de que havia sido ele que fizera algo de errado, Franklin nega a realidade, criando fantasias, motivos absurdos, verdadeiras confabulações para encontrar explicações para o ocorrido.

Essa postura de Franklin, além de irritar profundamente Eva - que acaba se passando por mentirosa, exagerada ou até mesmo louca – também a preocupa, pois ela vê o efeito destrutivo que isso pode ter para o desenvolvimento do filho.

[...] essa sua compulsão para encaixar à força experiências indisciplinadas e disformes numa caixinha bem organizada, como alguém tentando atochar diversos paus dentro de uma mala Samsonite rígida, ou que a sincera confusão que você fazia entre o *ser* e o *dever ser* — sua comovente tendência para confundir o que você possuía de fato com o que você queria muito — iriam produzir um efeito tão devastador (SHRIVER, 2007, p. 26).

Mais do que simplesmente irritante, Eva conta que Franklin, com suas grandes expectativas em relação à paternidade, colocava no filho um peso enorme

[...] acho que você esperava que Kevin respondesse à sua Grande Questão, assim como também acho que ele sentia, desde a mais tenra idade, essa sua expectativa fantástica [...] Mas ele era só um garotinho, e ele sozinho tinha a tarefa de responder à Grande Questão que incomodava seu pai. Que fardo mais pesado para impor aos recém-chegados! (SHRIVER, 2007, p. 302).

Frente a essas expectativas monstruosas Kevin se vê obrigado a criar-se para o pai, para poder presenteá-lo com o filho que ele tanto esperava que ele fosse

Ele se inventou para você, Franklin, e devia haver, na própria profusão de sua invenção, um profundo desejo de agradar. Mas será que alguma vez você já parou para pensar como ele deve ter se decepcionado ao ver você aceitar o engodo como verdadeiro? (SHRIVER, 2007, p. 279).

Nesse contexto, Eva discute a formação das diversas personas que o filho assumia

Franklin, nosso filho tinha duas caras, como aqueles biscoitos. Isso começou no jardim-de-infância, quem sabe antes, mas foi piorando [...] vai ter de acreditar quando eu lhe disser, Franklin — sei que você não vai —, que, quando você não estava em casa, Kevin era insolente, hipócrita e sarcástico. Não uma vez ou outra, num mau dia. Todos os dias eram um mau dia. Aquela persona lacônica, desdenhosa, fechada dele me parecia bem real. Talvez não fosse a única, mas tampouco fora totalmente fabricada (SHRIVER, 2007, p. 273).

Ela contrapõe a postura do filho na presença dela e na presença do pai, ressaltando a falsidade e o exagero da postura que Kevin adotava com Franklin e que ela mais tarde denomina de “*Puxa, papai!*”.

Ao contrário [...] de como ele se comportava quando você estava por perto. Quando você entrava em casa, a cara dele mudava. As sobrancelhas subiam, a cabeça virava para o lado, ele se impunha um largo sorriso de boca fechada, os lábios chegavam até a gengiva de cima. No conjunto, a expressão dele assumia aquela felicidade atordoada que vemos nas atrizes de segundo time quando estão ficando velhas e já fizeram plásticas demais (SHRIVER, 2007, p. 274).

Mais do que só na presença dos pais, Eva relata que o filho também havia criado uma persona para a escola: uma figura lacônica, desinteressada e enfasiada. Frente a tantos diferentes personagens que o filho parecia interpretar, Eva afirma que “nenhuma das imagens que ele apresentava era a verdadeira” (p. 276).

No entanto, mesmo confrontado ao longo de toda a narrativa com essa absurda discordância em relação às atitudes do filho, Franklin permanece inabalado em sua convicção de que Kevin era de fato um “bom garoto”, um “coroinha incompreendido” (p. 403).

Sei o que você está pensando, ou o que pensava na época. Que a atitude falsa era aquela postura enfezada e remota que Kevin assumia comigo, ao passo que, com você, ele podia ser o menino animado, relaxado e feliz de sempre (SHRIVER, 2007, p. 276).

Ela discute que talvez essa postura de Franklin tenha o impossibilitado de realmente poder perceber esse filho, não como ele o imaginava, mas como ele era realmente. Relacionando-se não com o filho real, mas com o filho imaginário, Franklin não fora capaz de estabelecer uma relação verdadeira com ele. Quando já preso Kevin revela que, de fato, sua relação do pai era marcada pela inautenticidade, e isso o deixava ressentido e furioso

“O sr. Plástico?”, zombou Kevin. “Seria sorte minha se a gente tivesse uma briga. Não, era tudo alegrinho, na base do cachorro-quente e das pastinhas de queijo. Uma fraude completa, sabe? [...] Eu ouvia aquele negócio de *Eu te aaaaaaamo, parceiro!*, e ficava só olhando pra cara dele, tipo assim, *Com quem você tá falando, cara?* Que quer dizer esse negócio de o papai ‘amar’ você e não ter uma *p[bip]* de uma idéia de quem você é? Então, quem é que ele amava? Algum garoto do *Happy Days*, não eu” (SHRIVER, 2007, p. 411).

Para ilustrar as dinâmicas apresentadas e discutir sobre o exercício que Franklin faz da função paterna, optou-se pela apresentação de duas cenas: uma mostrando sua incapacidade de impor limites e a outra a negação ativa da realidade que ele realizava.

### 6.2.1 Franklin: o pai “parceiro”

Para ilustrar essa questão foi escolhida a cena de mudança da família de Tribeca para Gladstone, brevemente apresentada no capítulo da infância de Kevin. Nesse episódio o garoto atirava água nos homens da mudança, o que irrita Eva que via o desconforto e irritação que isso causava nos funcionários.

Ela briga com Kevin, pedindo para que parasse com aquela brincadeira. O menino então olha para ela e, em tom de desafio, atira água novamente. A batalha começa com Eva tentando com que o filho a obedecesse e ele, em oposição, não atende seu pedido

E assim foi que pusemos à prova nossas habilidades. Esguicho-esguicho-esguicho. *Kevin, pare com isso agora mesmo.* Esguicho-esguicho-esguicho. *Kevin, eu não vou repetir de novo* (SHRIVER, 2007, p. 179).

Frente a essa situação o marido, ao invés de intervir e pedir ao filho que respeitasse o pedido da mãe e parasse já com aquela brincadeira de mau gosto, começa - ele mesmo – a jogar água na esposa.

Franklin, de que serviram todos aqueles livros que você leu sobre crianças? Quando dei por mim, você estava debruçado sobre o nosso filho, pedindo emprestado aquele maldito brinquedo. Escuto risadinhas abafadas, algo a respeito da mamãe e momentos depois você está espirrando água em mim (SHRIVER, 2007, p. 180).

Irritada, Eva pede ao marido para que parasse e pontua o quanto aquele comportamento não a ajudava a estabelecer-se como uma autoridade frente ao filho. Em resposta Franklin desautoriza ainda mais a mulher, caçoando dela e devolvendo o revólver de água ao filho.

“Franklin, isso não tem graça. Eu disse a ele para parar. Assim você não ajuda.”

“NÃ-NÃ? Nã nãã nãã. Nã nã-nã nã nã. Nã nã nã-nã!” Era incrível, mas esses *nã-nãs* foram pronunciados por você, ao fim dos quais fui atingida entre os olhos. Kevin grasnou (você sabe que até hoje ele ainda não aprendeu a dar risada). Quando você lhe devolveu o revólver, ele encharcou meu rosto com uma cascata (SHRIVER, 2007, p. 180).

Confrontado com um pedido de ajuda tão explícito por parte Eva a resposta dele é

“Ai!”, você exclamou. “Eva, mudar é sacal [...] Será que não podemos nos divertir um pouco?” (SHRIVER, 2007, p. 180).

Quando a mulher consegue novamente tirar o revólver do filho, Franklin a desautoriza de novo, dizendo

“Os moços fizeram pipi na calça”, você disse a Kevin, “e a mamãe não quer molhar o popô” (SHRIVER, 2007, p. 180).

### **6.2.2 Deturpações da visão – Franklin e a negação da realidade**

Mais do que simplesmente ser complacente aos desejos e vontades do filho, Franklin parece tentar defendê-lo, ou pelo menos, defender a ideia do filho por ele imaginado. Para isso, muitas vezes recorre a confabulações e negações ativas da realidade, colocando a culpa das situações na própria esposa, acusando-a, atacando-a e a diminuindo.

Para ilustrar essa questão optou-se pela cena referente à cirurgia de Celia, quando ela perde um dos olhos em função do “acidente” com o desentupidor de pia. Depois de saírem do hospital, Eva e Franklin tem uma conversa no carro, antes de voltarem para casa.

Nesse episódio Franklin coloca toda a culpa na esposa, dizendo que o acidente era responsabilidade dela que não havia guardado o produto no local adequado.

[Franklin a Eva] “Não consigo acreditar que você não tenha guardado.”  
[...]

“Eu guardei.” [...] “Eu guardei”, repeti. “De volta naquele armário alto com o trinco à prova de crianças, que Celia não conseguiria alcançar nem com uma cadeira!” (SHRIVER, 2007, p. 338).

Afirmando que lembrava-se muito bem de tê-lo guardado, Eva alega que não teria como o acidente ter sido culpa sua, mas Franklin não acredita nela, e lhe diz

“Quero que você admita. Não estou dizendo que não vou perdoá-la. Sei que você deve estar se sentindo terrível. Mas uma parte de superar tudo isso tem que ser enfrentar as coisas de frente...” (SHRIVER, 2007, p. 339).

Eva aponta que talvez tivesse sido a empregada, mesmo sabendo que ela jamais “fosse ser tão demazelada” (p. 339). A personagem teme que o acidente tenha sido culpa do filho, que era quem devia estar cuidando dela naquele dia. Criando coragem, Eva finalmente expõe sua hipótese ao marido. Frente à fala da esposa Franklin fica irritado e a ataca

“Muito bem”, disse eu, criando coragem. “Então pergunte ao Kevin como foi que o produto saiu do armário.”

“Eu sabia que iríamos acabar nisso. Primeiro é, ah, que mistério, depois é culpa da empregada, até que sobrou quem? Mas não é surpresa nenhuma o fato de Eva — que nunca faz nada errado — apontar o dedo para seu próprio filho!” (SHRIVER, 2007, p. 339).

Ela tenta argumentar, perguntando o porquê, o motivo que levaria Celia a apresentar um comportamento tão auto-destrutivo quando aquele

“Franklin, essa história não bate. Esqueça por enquanto isso de estar ou não guardado. Esqueça isso. Mas por que Celia iria despejar desentupidor de pia no próprio olho?

“Eu não faço idéia! [...] O que é importante é que Kevin fez tudo que deveria ter feito. Ele disse que quando ela começou a berrar ele foi

correndo até lá, e quando descobriu o que era, ele deixou a água escorrer pelo rosto dela e enxaguou da melhor maneira que pôde, e então chamou uma ambulância, antes mesmo de me ligar no celular — o que foi a forma correta de agir, a ordem foi correta e ele, nota dez” (SHRIVER, 2007, p. 339).

De fato, não fazia nenhum sentido uma menina tão fóbica e certinha como Celia realizar aquele ato de tamanha insensatez. A menina precisava ser acompanhada por um dos pais para poder fazer xixi durante a noite e tinha um pavor enorme dos ralos. Literalmente o último lugar que ela escolheria para brincar era o banheiro.

“Pense um pouco, Franklin! Celia, jogar ácido em si mesma? Celia tem medo de tudo! E ela tem seis anos, não dois. Sei que você não acha que ela é muito esperta, mas ela não é retardada! Ela sabe que não deve tocar no fogão e sabe que não é para beber água sanitária. Enquanto isso, Kevin tem altura para pegar o que quiser no armário e Kevin sabe abrir trincos à prova de criança até dormindo (SHRIVER, 2007, p. 340).

Furioso, e se recusando a aceitar todas as evidências apontavam para o fato de Celia não ter cometido aquele ato tão idiota e descuidado, Franklin ataca Eva novamente

“Sinto vergonha de você, vergonha [...] Transformando o seu próprio filho num demônio só porque não consegue admitir que foi descuido seu. Isso é pior que covardia. É de dar nojo. Você aí, esbravejando, fazendo acusações caluniosas e, como sempre, sem uma prova sequer (SHRIVER, 2007, p. 340).

### **6.3 O “Sr. Plástico”: porque Franklin é um fracasso no exercício da função paterna**

A partir das cenas apresentadas e da breve exposição a respeito do papel de Franklin como pai, podemos perceber uma ingenuidade muito forte dele, em acreditar que, simplesmente porque ele quer que as coisas sejam de um determinado jeito, então elas serão.

A sua obsessão pela “família feliz” e a tentativa de manter a ilusão de que o filho não tinha nenhum tipo de problema revelavam características quase psicóticas, onde o contato com a realidade é basicamente inexistente.

Franklin, eu nunca me dera conta de quanta energia você gastava para manter a ficção de que, em linhas gerais, éramos uma família feliz, cujos problemas banais e transitórios só faziam tornar a vida mais interessante. Talvez toda família tenha um membro cuja tarefa principal é fabricar essa embalagem atraente (SHRIVER, 2007, p. 403).

Frente a inúmeras evidências, ao longo de todo o livro, Franklin nega a realidade e inventa desculpas (muitas vezes totalmente esdrúxulas) para explicar os comportamentos do filho. Há, de fato, uma idealização da infância e do que é “ser pai”, vivendo uma versão imaginária e irreal da paternidade.

Essa sua expectativa faz com ele vá com muita sede ao pote e tenha uma verdadeira obsessão por esse filho. Desde seu nascimento, ele passa a ser a prioridade de sua vida. Temos assim problemas já na fase inicial de desenvolvimento: Franklin é incapaz de fornecer um holding adequado à esposa. Longe de protegê-la - de apoiá-la - ele a ataca, pontuando a ela o quanto ela era uma péssima mãe e o quão mal ela causava para seu tão amado filho. Nesse contexto, o contato da criança com o pai, ou seja, seu primeiro contato com a totalidade, ocorre de maneira muito precária, pois esse pai nunca reivindica a mulher de volta para si: assim que Kevin nasce, Franklin simplesmente deixa a mulher de lado.

Além disso, o personagem também é incapaz de conter a destrutividade do filho, primeiro porque a nega, segundo porque, na sua visão idealizada do filho, a agressividade não parece existir e a persona que Kevin lhe apresenta, conseqüentemente, não lhe demonstra essa característica abertamente.

Não permitindo que essas pulsões e potências destrutivas emerjam, não é capaz de sobreviver aos ataques do filho – afinal de contas esses ataques sequer ocorrem. Dessa maneira, Franklin não consegue se estabelecer frente ao filho como um ambiente indestrutível, gerando uma dificuldade de discernimento da fantasia e realidade externa.

Ainda que a agressividade não pareça estar presente no seu filho ideal, Franklin não parece ter nenhum problema que ela se mostre na relação com a esposa. As brigas do casal são recorrentes e muitas vezes ocorrem na frente da própria criança, discutindo a respeito dela em frente a ela. As constantes desautorizações parecem mostrar a Kevin o quanto os pais não estavam em

sintonia, em concordância e sim num grande e épico embate, embate esse que sempre tem como tema ele próprio.

Nesse ambiente, onde a relação dos pais é claramente conturbada, não é de se estranhar que Kevin apresente dificuldades no desenvolvimento emocional, não sendo capaz de agir de maneira espontânea, muito menos criativa. Em seu lugar encontramos a postura apática, indiferente e extremamente calculada que ele comumente exibia.

Incapaz de estabelecer um sentimento de continuidade do mundo, Kevin parece ter criado fantasias que fazem com que este lugar no qual se inseria lhe parecesse extremamente hostil. Essa característica está ligada não apenas às vivências com a mãe, mas também a uma incapacidade do pai de oferecer a esse filho um espaço adequado para que seu desenvolvimento emocional ocorresse de maneira satisfatória.

Frente a todo esse quadro, não é surpreendente o fato de Kevin não conseguir ter um amadurecimento emocional adequado, nem estabelecer um vínculo saudável com a realidade, além de também não ser capaz de conceber a alteridade e, conseqüentemente, não conseguir passar para o estágio de concernimento. O fracasso de Franklin em exercer adequadamente a função paterna só agrava mais ainda o precário contexto que a criança se inseria, onde nem a mãe, nem o pai são capazes de exercer suas funções adequadamente.

## CAPÍTULO 7: KEVIN E O RELACIONAMENTO COM OS OBJETOS

### 7.1 O uso do objeto x onipotência secundária

Ao longo do livro podemos observar a dinâmica precária do uso que Kevin faz dos objetos. Em sua interação, o que percebemos é uma predominância da destrutividade, particularmente de objetos pelos quais os outros têm apreço: seus objetos de amor. Outro ponto importante em sua interação com o mundo parece ser sua forte incompreensão a respeito de como agir e interagir com ele, particularmente na relação de pares.

Eva revela que essa dificuldade, surgiu em um estágio muito inicial do desenvolvimento, afirmando que

Ele nunca soube o que fazer de si mesmo. As horas de folga e os fins de semana pendiam dele em grandes dobras pregueadas, como se fossem um enorme casacão (SHRIVER, 2007, p. 196).

De fato o filho, sem saber o que fazer, como interagir com o mundo e com as pessoas a sua volta, acabava por frustrar-se, insistindo então em fazer absolutamente nada. Como se dissesse, irritado, “Se não consigo fazer algo, então eu vou é fazer nada”

[Sobre abominar as horas de lazer] Seu filho sempre enfrentou essa antipatia de frente, o que envolve uma certa coragem, se a gente parar para pensar um pouco; ele nunca se deixou enganar e nunca achou que, simplesmente por preenchê-lo, estaria dando um uso produtivo a seu tempo. Ah, não - você há de se lembrar que ele ficava horas sentado, incomodado, enfezado, sem fazer nada, mas o tempo inteiro excomungava cada segundo de cada minuto do sábado à tarde (SHRIVER, 2007, p. 165-166).

Kevin não parecia realmente gostar de nada, tudo lhe parecia “besta” ou sem sentido, e ele acabava então por mostrar-se alheio a absolutamente tudo

Kevin odiava esportes e não ligava para filme nenhum; a comida nunca prestava e a natureza era aborrecida, um mero agente para calor, frio ou moscas (SHRIVER, 2007, p. 316).

A dinâmica da destrutividade marca então seu modelo de interação. Nele, o que observamos não é apenas um destruir por destruir, há um endereçamento nessa destruição, onde o objeto de amor é o alvo.

[...] para Kevin, a palavra *favorito* estava ligada apenas aos entusiasmos dos outros, que ele gostava de saquear (SHRIVER, 2007, p. 322).

Para além da interação com a mãe, onde seria compreensível a sua tentativa de destruição – visto a conturbada relação entre eles – em sua relação com os pares Kevin também demonstra essa característica. Ainda que com uma frequência menor, os comportamentos de destruição estão presentes desde sua chegada ao ambiente escolar.

Eva conta de episódios muito antigos no qual esses comportamentos destrutivos ocorrem, como por exemplo, quando o garoto coloca restos do bolo de maçã, servidos na hora do lanche, na galocha favorita de um dos colegas (Jason) ou quando atira no chão a xícara do jogo de chá de porcelana de uma de suas colegas (Muffet). Nesse último incidente, a destruição tem um efeito em cadeia, fazendo com que todas as crianças também atirassem no chão suas xicrinhas e que a pobre Muffet voltasse para casa com o conjunto inteiro em pedaços.

Até mesmo na “quita-feira” Eva enxerga um endereçamento. Ela conta que todas as vítimas de Kevin tinham uma paixão, algo de que gostavam e no qual tinha sucesso.

A primeira vista, era um grupo disparatado, tão variado que os nomes poderiam ter sido sorteados: um jogador de basquete, um hispânico estudioso, um fã de cinema, um violonista clássico, um ator emotivo, um hacker, um gay que estudava balé, uma ativista política feiosa, uma beldade cheia de si, um funcionário de meio período que trabalhava na cantina da escola e uma professora de inglês dedicada. [...] No entanto, contar com a desaprovação de Kevin não era a única coisa que as vítimas tinham em comum. Certo, eliminemos o funcionário da cantina, obviamente ali por engano: Kevin tem uma mente muito racional e teria preferido um grupo uniforme de dez. Os outros todos tinham gosto por algo (SHRIVER, 2007, p. 291).

Em comparação com os colegas, tão entusiasmados e engajados em seus respectivos campos, Kevin parecia sentir-se desprovido, privado de algo que pudesse lhe render felicidade e realização.

Seja como for, o fato é que Joshua amava o cinema e nem mesmo o fato de ele ser um chato impediu que Kevin cobiçasse a paixão que ele sentia. Parece que não importava pelo que fosse essa paixão (SHRIVER, 2007, p. 292).

Eva interpreta essa raiva do filho frente aos colegas, como uma inveja dele

Entendo que Kevin não vê suas aversões como inveja. Para ele, todas as suas dez vítimas eram ridículas. Cada uma delas se emocionava com banalidades e seus entusiasmos eram cômicos. Mas, assim como meu papel de parede de mapas, as paixões impenetráveis nunca o fizeram rir. Desde a infância, elas só o deixavam enraivecido (SHRIVER, 2007, p. 292).

Em seus movimentos de destruição endereçados a esses objetos de amor dos outros, Kevin parece ter um desejo de apropriação, de incorporação: uma tentativa de introjetar os objetos de amor os quais destrói, num intuito de suprir esse sentimento de privação que sentia

[...] para a maior parte das pessoas, construir é um ato tenso, concentrado, compacto, ao passo que o vandalismo oferece liberação; é preciso ser um excelente artista para dar expressão positiva ao abandono. A destruição, além da intimidade, tem dono; é uma apropriação [...] A destrutividade pode não ser motivada por nada mais complicado que a aquisitividade, uma espécie de cobiça canhestra, equivocada (SHRIVER, 2007, p. 292).

No entanto, Eva levanta que talvez essa dinâmica de destruição, agressividade e crueldade poderia ser uma tentativa insólita do filho de participar. Ela conta que embora o Kevin desse a impressão de não querer praticamente nada, tinha um “espírito faminto” (p.302).

Essa voracidade possivelmente explique em parte a crueldade que, entre outras coisas, talvez seja uma tentativa inepta de participar. Não tendo nunca entendido o significado — de nada — ele deve se sentir deixado de lado de forma brutal (SHRIVER, 2007, p. 303).

Em função de sua incapacidade de utilização do objeto, Kevin não possui as habilidades necessárias para interagir de maneira adequada, utilizando então da destrutividade como forma de agir e estar no mundo

Claro que a maioria das crianças sente um certo prazer na destruição. Rasgar as coisas é muito mais fácil que fazê-las; por mais estafantes que tenham sido os preparativos para a execução da quinta-feira, não podem ter exigido tanto dele quanto tentar ficar amigo daquelas pessoas. De modo que a aniquilação é uma espécie de preguiça. Mas, ainda assim, fornece as satisfações do agir: eu destruo, portanto eu sou (SHRIVER, 2007, p. 292).

É essa característica do agir destrutivo que irá marcar a “quinta-feira”. Eva coloca que a capacidade do filho de passar para o plano da ação, ou seja, de passagem ao ato era estarrecedora.

Não são as visões nem tampouco os planos mal-acabados que distinguem nosso filho. É a capacidade estupefacente de passar do plano para a ação (SHRIVER, 2007, p. 425-426).

Ao cometer esse ato hediondo, Kevin passa sua agressividade e destrutividade do plano imaginário, para o plano real. Revelando a presença de uma angústia importante, mas que ainda não foi elaborada, Kevin recorre a um funcionamento arcaico e primitivo onde o que impera é a pura destruição.

[...] para a maioria de nós, há uma carreira sólida, intransponível, entre a depravação mais imaginativamente detalhada e sua execução na vida real. É a mesma sólida parede de aço que se interpõe entre uma navalha e meu pulso, mesmo quando estou no mais extremo desconsolo. Então, como foi que Kevin pôde levantar aquela balestra, apontá-la para o esterno de Laura e realmente, de verdade, no tempo e no espaço, disparar a flecha? Só posso presumir que ele tenha descoberto o que eu nunca desejo descobrir. Que não existe barreira (SHRIVER, 2007, p. 440).

Assim, ao ser capaz de executar a “quinta-feira” Kevin demonstra sua tamanha precariedade psíquica, tendo que recorrer à atuação de sua agressividade como forma de lidar com ela

O segredo. Como sempre, o segredo é que não existe segredo algum [...] E, quando o sujeito descobre que não há nada para detê-lo — que a barreira, aparentemente tão intransponível, *está toda na cabeça* —, deve ser possível avançar e recuar na soleira repetidamente, um disparo após outro, como se um bundão que não intimida ninguém houvesse feito um risco no tapete que você não deve cruzar, e você, e gozação, pulasse por cima dele, para frente e para trás, numa dancinha zombeteira (SHRIVER, 2007, p. 440).

### **7.1.1 Destrutividade, incompreensão e ameaça: porque Kevin fracassa no uso dos objetos**

A partir das dinâmicas apresentadas podemos perceber que Kevin, até a “quinta-feira”, ainda não havia atingido ainda a fase de uso do objeto, relacionando-se apenas com o objeto subjetivo. Apresentando uma agressividade e destrutividade intensa é através da passagem ao ato que ele é capaz de realizar, de imprimir tamanha violência, num movimento de destruição pura.

Por ter sido privado, em tenra idade, de experimentar uma sensação de onipotência, devido a uma falha de Eva em estabelecer-se como uma mãe suficientemente boa para seu filho, Kevin compensa apresentando o que chamamos

de onipotência secundária. Winnicott afirma que nesse quadro se expressa uma profusa falta da esperança em relação à dependência.

Na onipotência secundária fica então implícita uma desesperança. Henrique Honigsztein (2004), psicanalista carioca, explora bastante essa questão em sua obra. O autor afirma que a onipotência secundária é acompanhada por sentimentos de humilhação, fúria, inveja e ódio, que derivam de uma desesperança não total. Nesse contexto o que encontramos é um estado contrário à criatividade e ao fluir de emoções e de pensamentos.

Honigsztein segue afirmando que essa organização (onipotência secundária) tem como principal finalidade a eliminação, visto que, nesse contexto, o ambiente do sujeito se mostra muito pouco ou nada confiável. A experiência que a criança tem é de que esses objetos objetam sua existência e, em função disso, faz-se necessário que ela constantemente coloque fim a esses objetos.

Nessa dinâmica também é muito evidente o recurso da negação, usado como ferramenta, uma arma verdadeiramente, contra esses objetos hostis e provocadores. No entanto, esse recurso acaba saindo pela culatra, na medida que as próprias percepções do sujeito são atingidas e então ele não tem como alimentar a condição de pensamento. Há aí o surgimento de um pseudo pensamento, onde se tipifica e o simplifica, colocando como únicas duas alternativas o eliminar e o não eliminar. Essa dinâmica é mantida então em um círculo vicioso.

Assim, observamos que a dinâmica pela qual Kevin estabelece sua interação com o mundo é marcado pelo negativo, pela destruição em função da ameaça de destruição, mantendo-se assim o ciclo de violência.

## **7.2 Reparação do objeto?**

Kevin relata não sentir nenhum remorso pelas atrocidades que cometera. Mais ainda, ele parece se orgulhar do seu feito. Eva entende que a “quinta-feira” foi parte de seu processo de identificação, tão característico do período da adolescência.

“Remorso?” [...] “Mas do que ele haveria de se arrepender? Agora ele é alguém, não é mesmo? Ele se encontrou, como costumávamos dizer no meu tempo. Agora não precisa mais se preocupar em saber a que tribo pertence (SHRIVER, 2007, p. 197).

Durante toda a obra o que observamos é uma total indiferença e distanciamento de Kevin em relação aos objetos ou indivíduos que sofrem seus ataques. Eva revela uma incapacidade do filho de colocar-se no lugar do outro

As carnificinas cinematográficas só são difíceis de engolir se, em algum nível, a pessoa acreditar que as torturas estão sendo infligidas nela (SHRIVER, 2007, p. 175).

Apontando sua falta de alteridade e, conseqüentemente, de empatia, Eva revela que o filho nunca foi capaz de se identificar, fazendo com que toda a violência que ele infligia não fosse capaz de atingi-lo

Kevin havia descoberto o segredo: não só que não era real, mas também que não era *ele* [...] ele tinha sacado o macete. Se você não se identifica, o horror e a sanguinolência são tão desconcertantes quanto ver sua mãe preparando um estrogonofe (SHRIVER, 2007, p. 176).

Ainda que ao longo do livro possamos observar momentos onde Kevin parece querer “consertar” alguma situação, como por exemplo, no divórcio eminente dos pais quando adota a posição de “*Puxa, mãezinha!*”, nenhum deles tem sucesso.

Ao fim do livro, no entanto, finalmente observamos o que parece ser uma tentativa bem sucedida de reparação do objeto. A três dias de completar 18 anos, o que acarretaria em sua mudança para uma “prisão de verdade”, Kevin demonstra uma mudança em sua habitual postura apática

Quando Kevin foi trazido, notei uma mudança em sua postura, antes que ele dissesse uma palavra. Toda aquela condescendência zombeteira havia sumido, e finalmente reconheci como devia ser fatigante para ele produzir aquela atitude entediada de não-estou-nem-aí o dia inteiro (SHRIVER, 2007, p. 457).

Parecendo assustado e apresentando uma aparência infantil – regredida - Kevin mostra-se vulnerável à mãe.

A três dias da maioridade, Kevin finalmente começava a agir como um garotinho — confuso, desolado. Seus olhos tinham despedido o ar vidrado e se escondido no fundo da cabeça (SHRIVER, 2007, p. 458).

Quando a mãe pergunta a ele, o que havia acontecido que parecia tê-lo deixado tão aborrecido, se surpreende ao ver o filho responder-lhe

Curiosa, perguntei: “Alguma coisa o está incomodando?”, embora nossas regras de combate proibam esse tipo de solicitação direta e maternal.

O mais extraordinário foi que ele respondeu. “Estou com quase dezoito anos, não é?” Esfregou o rosto. “Fora daqui, ouvi dizer que eles não perdem muito tempo” (SHRIVER, 2007, p. 458).

Vendo o medo e apreensão de Kevin em relação à mudança, Eva tenta consolá-lo dizendo que ao menos ela iria continuar visitando-o na nova instituição. Aqui há novamente uma surpresa: ele a agradece e diz que realmente esperava que a mãe fosse fazer isso

“Continuarei a visitar você”, prometi, preparando-me para uma reprovação sarcástica.

“Obrigado. Eu estava esperando que sim.”

Incrédula, receio tê-lo encarado fixamente (SHRIVER, 2007, p. 458).

Nesse dia, sendo o segundo “aniversário” da “quinta-feira”, Eva finalmente reúne a coragem para perguntar ao filho, o porquê dele ter feito aquilo. Mostrando-se vulnerável, dizendo que sentia muita saudade do marido e da filha que ele havia tomado dela, ela suplica ao filho por explicações.

Diante desse pedido, Kevin não consegue olhar para mãe

Ao contrário do dia em que se virara para mim pela janela do carro da polícia, com as pupilas cintilando, hoje à tarde Kevin enfrentou meu olhar com extrema dificuldade [...] “Eu achava que sabia”, respondeu, taciturno. “Agora, não tenho tanta certeza” (SHRIVER, 2007, p. 459).

Essa resposta parece satisfazer Eva, que em retribuição estende sua mão sobre a mesa, buscando a mão do filho. Ele recebe o gesto afetuoso e não o nega.

Sem pensar, estendi a mão sobre a mesa e segurei a dele. Kevin não a retirou.

“Obrigada”, disse-lhe (SHRIVER, 2007, p. 460).

Eva sente-se grata frente à resposta do filho, dizendo que

[...] fiquei perplexa ao descobrir que a resposta dele teve as palavras perfeitas. Para Kevin, progredir era desconstruir. Ele só começaria a vasculhar suas profundezas depois de se descobrir insondável (SHRIVER, 2007, p. 460).

Aqui duas coisas importantes acontecem. Em primeiro lugar, encontramos um Kevin em um estado fragilizado, assim como na época em que ficou doente aos dez

anos de idade. Não tendo as ferramentas e habilidades necessárias para lidar com a situação, Kevin regride e permite mostrar-se vulnerável para sua mãe, na busca de que com isso ela lhe ofereça algum cuidado. Eva percebe essa fragilidade e lhe concede uma atenção e preocupação genuínas, que Kevin percebe e retribui.

O segundo ponto importante nessa interação é vulnerabilização também de Eva, que permite mostrar ao filho o quanto a “quinta-feira” havia lhe afetado, o quando ela estava devastada com a perda do marido e de Celia. Em retorno, Kevin lhe fornece uma resposta sincera que a satisfaz em função da transparência e franqueza.

Kevin segue então dizendo à mãe que havia feito um presente para ela.

“Olhe”, disse, “eu fiz uma coisa para você. Um... bom, uma espécie de presente.” Quando ele puxou uma caixinha retangular de madeira escura, de uns dez centímetros de comprimento, pedi desculpas<sup>9</sup> [...] Com cuidado, fez a caixa deslizar por cima da mesa, mantendo dois dedos em cima dela. Não era bem retangular, afinal, mas tinha um formato de caixão, como dobradiças de um lado e fechos minúsculos de latão do outro. Kevin devia tê-la feito nas aulas de marcenaria. O formato mórbido parecia típico, é claro. Mas o gesto me comoveu (SHRIVER, 2007, p. 460).

Feliz com o presente Eva o elogia

“Está muito bem-feita”, comentei, sinceramente. “É para guardar jóias?” Estendi a mão para a caixa, mas Kevin manteve os dedos firmes em cima dela.

“Não!”, disse, em tom ríspido. “Quero dizer, por favor. Haja o que houver. Não abra” (SHRIVER, 2007, p. 460).

Nesse momento Eva compreende o que havia dentro da caixa: o olho de vidro da filha. Já tendo tido um “encontro” com o execrável objeto em uma visita anterior e tendo pontuado ao filho que nunca, jamais queria que ele lhe mostrasse aquilo novamente, a personagem entende o aviso como uma indicação do que havia lá dentro

“O que é isso?”, perguntei. “O que você está segurando?”

Com um sorrisinho matreiro, ele abriu a mão, exibindo seu talismã com o orgulho tímido do menino que mostra sua melhor bola de gude. Levantei tão depressa que minha cadeira desabou para trás no chão.

---

<sup>9</sup> Eva pede desculpas por não ter trazido nenhum presente para o filho, que faria aniversário dali a três dias.

Não é sempre que um objeto olha para a gente quando a gente olha para ele

“Nunca mais me mostre isso”, eu disse, em voz rouca. “Se mostrar, eu nunca mais volto aqui. Jamais. Está me ouvindo?” (SHRIVER, 2007, p. 457).

Até aquele momento ele realmente não tinha mais aparecido com seu amuleto. A isso, Eva interpreta que, de fato, Kevin parecia de algum jeito apreciar as visitas da mãe.

Acho que ele percebeu que eu falava sério. O que lhe deu um poderoso amuleto para impedir aquelas visitas ostensivamente pestilentas da *mãemãe*. O fato de o olho de Celia ter ficado longe da minha vista desde então só pode significar, suponho, que, no cômputo geral, ele gosta de que eu o visite (SHRIVER, 2007, p. 457).

Esse aviso do filho de “Não, não abra” deixa Eva espantada e comovida e ela comenta que em outros momentos Kevin teria usado aquele “presente” como um modo de atacá-la. Ela aponta que foi essa advertência é que deu tamanho valor àquele presente.

Ah. Instintivamente, recuei. Numa encarnação anterior, talvez Kevin tivesse feito esse mesmo “presente”, ironicamente forrado de cetim cor-de-rosa. Mas o teria entregue com alegre despreocupação, abafando um risinho asqueroso, como que numa expectativa inocente, enquanto eu abrisse os trincos. Hoje, foi essa advertência dele — *não abra* — que talvez tenha constituído o maior valor do meu presente (SHRIVER, 2007, p. 460-461).

Surpresa, Eva questiona sobre o valor que aquele objeto tinha para o filho e porque ele sentira a necessidade de presenteá-la com um bem que lhe era tão estimado: o seu “troféu” da “quinta-feira”

“Entendo”, eu disse. “Pensei que esse fosse um de seus bens mais preciosos. Por que você abriria mão dele?” Eu estava agitada, meio chocada, meio horrorizada, a rigor, e meu tom foi cortante (SHRIVER, 2007, p. 461).

Kevin então racionaliza, dando desculpas banais para ter cedido à mãe um objeto que tinha tanto valor para ele

“Bem, mais cedo ou mais tarde, algum bandido ia roubá-lo, e ele seria usado numa brincadeirinha barata — sabe como é, ia aparecer na sopa de alguém. Depois... Era assim como se ela meio que olhasse para mim o tempo todo. Começou a dar medo” (SHRIVER, 2007, p. 461).

Ele então sugere que a mãe que enterrasse a caixinha, podendo enfim colocar um fim a seu sofrimento e tortura em relação ao massacre que o filho havia realizado

“Enfim, achei que você podia levar isso e, bem, talvez pudesse, sabe...”

“Enterrá-lo”, concluí por ele. Sentia-me pesada. Era um pedido tremendo, porque, junto com aquele caixão de manchas escuras, feito à mão, eu teria que enterrar muitas outras coisas.

Com ar grave, concordei (SHRIVER, 2007, p. 461).

Ao despedir-se do filho, Eva nota novamente uma afetividade incomum por parte dele, que a abraça de verdade.

Quando lhe dei um abraço de despedida, ele se agarrou a mim feito uma criança, como nunca havia feito na infância propriamente dita (SHRIVER, 2007, p. 461).

Antes de sair, ela ouve do filho um pedido de desculpas e então, finalmente, ela também pede desculpas a ele.

Não tenho muita certeza, porque ele resmungou isso para a gola levantada do meu casaco, mas gosto de achar que soluçou um “*Sinto muito*”. Correndo o risco de ter ouvido direito, eu mesma respondi claramente: “*Eu também sinto muito, Kevin. Também sinto muito*” (SHRIVER, 2007, p. 461).

### **7.2.1: A caixinha-caixão: um presente peculiar**

A caixinha nesse contexto parece assumir para Eva o lugar de um pedido de desculpas de Kevin. Sendo um representante da “quinta-feira” e, mais ainda, um objeto de extremo apreço de Kevin, o presente tem um valor enorme. Ao apresentar a mãe, com tamanha sensibilidade, um presente feito por ele, é como se Kevin declarasse um cessar-fogo.

Ao aceitar o presente, Eva deve então “enterrar” toda a conflituosa história com o filho e frente isso ela revela sentir-se tensa e apreensiva. Colocar um final a sua épica batalha com o filho apresenta um desafio, mas Eva parece aceitá-lo. Perdoando Kevin e seguindo em frente.

Depois da “quinta-feira” Eva finalmente é capaz de sobreviver ao ataque do filho. Diferente do que fazia anteriormente, onde apresentava uma atitude de retaliação aos ataques de Kevin – na dinâmica “olho por olho, dente por dente” – aqui o que observamos é uma permanência, uma resistência estóica. Ela não mais o afasta, mas se aproxima dele, numa tentativa de compreendê-lo. Não há retaliação, não há mudança de atitude e nem sucumbência, ela só permanece ali, presente.

Ao final do livro, o que vemos é um recomeço. Como se mãe e filho tivessem apertado o botão *restart* e estabelecido um novo começo. Nesse sentido Eva conta que depois de tudo isso ela finalmente é capaz de amar seu filho.

[...] no dia 11 de abril de 1983, nasceu-me um filho, e não senti nada [...] Quando aquele bebê se contorceu em meu seio, do qual se afastou com tamanho desagrado, eu retribuí a rejeição — talvez ele fosse quinze vezes menor do que eu, mas, naquele momento, isso me pareceu justo. Desde então, lutamos um com o outro, com uma ferocidade tão implacável que chego quase a admirá-la [...] depois de quase dezoito anos, faltando apenas três dias, posso finalmente anunciar que estou exausta demais e confusa demais e sozinha demais para continuar brigando, e, nem que seja por desespero, ou até por preguiça, eu amo meu filho (SHRIVER, 2007, p. 463).

Frente a isso, Eva finalmente é capaz de demonstrar um carinho e cuidado genuínos e no último parágrafo do livro revela que

Ele tem mais cinco anos sombrios para cumprir numa penitenciária de adultos, e não posso botar minha mão no fogo pelo que sairá de lá no final. Mas, enquanto isso, tenho um segundo quarto em meu apartamento funcional. A colcha é lisa. Há um exemplar de *Robin Hood* na estante. E os lençóis estão limpos (SHRIVER, 2007, p. 463).

Por mais que esse “final feliz” seja extremamente emocionante e comovente para o leitor, cabe aqui pontuar que essa “reparação do objeto” é mais ligada à interpretação que Eva realiza frente à ação do filho, do que a uma reparação do objeto propriamente dita.

Ainda incapaz de relacionar-se verdadeiramente com objeto, interagindo apenas com o objeto subjetivo, e operando em um nível muito primitivo, preso na posição esquizo-paranóide - onde só enxerga os objetos como entidades como boas ou más - Kevin não possui a capacidade de integração, típica da fase depressiva, e em função disso, não é capaz de sentir remorso, muito menos o desejo de reparação.

De qualquer maneira, sendo ou não sendo – a rigor do ponto de vista teórico - uma reparação do objeto, o efeito da ação é inegável, sendo um divisor de águas na relação entre os dois, implicando em mudanças importantes em ambos.

## CAPÍTULO 8: DISCUSSÃO

A partir de todas as cenas apresentadas e das análises realizadas, é possível perceber como o contexto em que Kevin estava inserido não permitia seu desenvolvimento saudável.

Ao observarmos esse cenário confuso e conflituoso, constatamos que Kevin parece realmente ter sido privado de tudo: uma mãe que lhe pudesse oferecer o cuidado e afeto necessários, um pai que fosse capaz de colocar-lhe limites e um ambiente que lhe propiciasse segurança e confiança. Frente a essa privação tão absoluta, Kevin reage, denunciando a precariedade do contexto em que estava inserido. Nele o que observamos é um quadro onde a agressividade, a crueldade e a destruição reinam supremas e no qual o outro parece não ter espaço, não sendo levado em consideração.

Tendo em vista todo esse quadro tão complexo, seria interessante discutir como a relação mãe-filho teve influência para a ocorrência da “quinta-feira”, respondendo a pergunta de Eva e investigando o porquê afinal de Kevin ter cometido esse ato de extrema violência.

O evento afeta Eva de uma maneira importante e ela vê nele um direcionamento, como se todo aquele horrível espetáculo a tivesse como alvo. De fato, o filho parece confirmar sua hipótese em uma conversa que os dois têm quando Kevin já está preso.

[Eva a Kevin] “Não sente pena de mim?”

Ele encolheu os ombros. “Você saiu dessa ilesa, não foi? Sem um arranhão.”

“É? E por que foi isso, afinal?”, acrescentei.

“Quando a gente monta um show, não atira na platéia” (SHRIVER, 2007, p. 456).

Considerando esse endereçamento tão explícito, nítido e manifesto, levantaram-se duas principais hipóteses: uma como forma de ataque e a outra como tentativa de aproximação dessa mãe. Nesse sentido, poderíamos pensar que cada uma dessas hipóteses ocupa um polo, numa tentativa de obter o afeto de Eva, seja ele positivo ou negativo.

Por ser uma obra fictícia, cada uma das hipóteses obviamente apresenta questões e considerou-se de extrema importância pontuar cada uma delas durante as análises, mostrando os argumentos e contra-argumentos para cada hipótese.

### 8.1 “Quinta feira” como forma de ataque – o pólo negativo

Levando-se em conta a dinâmica de constantes ataques estabelecida pelos dois, e a escalada de violência observada durante o período de adolescência de Kevin, tendo como principal marco o acidente de Celia, essa hipótese parece à primeira vista a mais plausível.

Implicando em diversas perdas para Eva, a “quinta-feira” promove uma verdadeira destruição, assolando sua vida de uma maneira integral, absoluta. A personagem revela o efeito destruidor do episódio dizendo sentir-se “retalhada” depois do ocorrido

Não posso imaginar que esperem que eu supere isso, como se estivesse pulando uma mureta; se a quinta-feira é uma barreira, ela foi feita de arame cortante, e não saltei por cima dela, atravessei-a, o que me deixou retalhada (SHRIVER, 2007, p. 271-272).

De fato, o evento tem diversas consequências e ramificações em sua vida. Uma das mais relevantes talvez seja o que Eva relata como uma “perda de identidade” sendo reconhecida, depois do ocorrido, apenas como “mãe do ignóbil Kevin Khatchadourian” (p.200) e não mais como empresária de sucesso ou esposa devota.

No nível mais privado, esse assalto filial a quem eu era é talvez o que mais me fere. Durante a primeira metade da minha vida, fui minha própria criação. A partir de uma infância melancólica e isolada, moldei uma adulta vibrante e expansiva, com domínio superficial de uma dúzia de outras línguas, capaz de se aventurar pelas ruas desconhecidas de qualquer cidade estrangeira. Essa noção de que somos nossa própria obra de arte é muito norte-americana, como você se apressaria em ressaltar. Agora, minha perspectiva é européia: sou um rol de histórias de outras pessoas, uma criatura das circunstâncias (SHRIVER, 2007, p. 200).

A questão do por que, do motivo para o filho ter feito aquilo tudo, também é uma temática importante que intriga a personagem. Eva sente-se constantemente

importunada pela questão, assediada de todos os lados, por todas as partes para dar uma explicação - uma justificativa - para o massacre realizado por Kevin.

[...] esse aborrecimento incessante, esse refrão insistente de *por quê, por quê, por quê* — é tão absurdamente injusto. Por que, depois de tudo que tive de suportar, eles ainda acham que posso pôr ordem no caos? Já não basta eu ter passado o que passei, será que preciso arcar com a responsabilidade de saber seu significado também? (SHRIVER, 2007, p. 198).

Todas essas questões, no entanto, não ocupam um espaço tão importante quanto a perda do marido e da filha. Esse é claramente a perda principal, a que gera maior tristeza e desamparo para a personagem. De fato, em vários momentos da narrativa, a personagem revela o quanto a ausência de seus mais importantes objetos de amor fazia com que sua vida ficasse sem sentido e várias vezes revela querer estar morta, além de possuir ideações suicidas.

Podemos observar esse desejo, por exemplo, numa passagem em que a personagem se encontra na delegacia, logo após a “quinta-feira”

Senti-me ao mesmo tempo implicante e irrelevante. Não queria estar lá. Caso isso soe como um eufemismo contido, o que quero dizer é que tive a experiência inédita de também não poder estar em nenhum outro lugar. Arrasada, queria estar morta (SHRIVER, 2007, p. 444).

Privada de tudo que mais ama – seu querido marido e a adorada filha – Eva se vê isolada, verdadeiramente exilada da sociedade. A personagem conta que sente todas as interações como árduas e desagradáveis, como se todos mantivessem uma distância segura dela, por um receio – ou uma suspeita - a seu respeito.

Uma outra perda importante, ainda que secundária, foi a de sua empresa, da qual tanto se orgulhava e que lhe proporcionava tamanha satisfação, prazer e realização na confecção de seus guias de viagem. Tendo que pagar pelos advogados, tanto no julgamento do filho, quanto posteriormente no seu – quando acusada de negligência pela mãe de uma das vítimas de Kevin – Eva não teve outra opção além vender a AWAP e a casa onde moravam.

Destituída de tudo que mais prezava, Eva afirma que

Terra natal<sup>10</sup> foi justamente o que Kevin me tirou [...] Kevin me transformou em estrangeira de novo, e em meu próprio país. Talvez isso ajude a explicar essas visitas em sábados alternados, porque só na Casa de Correção de Claverack é que eu não preciso traduzir minha gíria estrangeira para o corriqueiro-provinciano. É só lá que podemos fazer alusões sem ter de explicá-las, que podemos presumir o entendimento de um passado cultural comum (SHRIVER, 2007, p. 60).

Sem o marido, a filha, a empresa e a casa, Eva se vê numa total privação. Parece que com a “quinta-feira” Kevin queria fazer a mãe se sentir como ele se sentia: desprovido de qualquer coisa pela qual tenha algum apreço, carente; inserido num ambiente onde relacionar-se é uma tarefa complexa e penosa. Fazê-la sentir a dor dessa quebra de ligações, dessa perda irreversível parece ser o verdadeiro intuito desse horrível ato e deixá-la viva é apenas uma decorrência desse objetivo.

Eva, em uma conversa com o filho, confronta-o perguntando a Kevin se ele havia a deixado viva apenas para que experienciasse a insuportável dor daquelas perdas, afirmando que aquela havia sido a melhor vingança do filho.

[...] “Quer dizer que me deixar viva foi a melhor vingança” (SHRIVER, 2007, p. 456).

De fato, essa hipótese parece muito razoável e se encaixa muito bem com a atitude e dinâmicas estabelecidas por ambos os personagens ao longo de toda a narrativa. No entanto, alguns aspectos parecem não se encaixar nessa teoria quando levamos em conta dois elementos importantes que aparecem mais tarde no livro: a foto de Eva (que havia sumido logo após o nascimento da irmã) e a entrevista de Kevin para o documentário a seu respeito.

Esses dois elementos serão mais bem explorados no próximo item, mas parecem um pouco incongruentes com a hipótese apresentada aqui, revelando atitudes de preocupação e carinho pela mãe, até então não observados durante as quase quatrocentas primeiras páginas do livro.

---

<sup>10</sup> Aqui novamente encontramos uma tradução inadequada. O termo original é “home” dando a entender que Kevin havia retirado dela seu abrigo, seu refúgio, seu local de pertencimento. Ao perder seu “lar” - e seus integrantes - Eva perde também a única filiação que fora capaz de realizar em toda sua vida.

## 8.2 “Quinta feira” como tentativa de aproximação – o pólo positivo

De fato, parece um pouco estranho pensar em tamanha atrocidade como uma tentativa de aproximação, até porque, durante toda a narrativa, Kevin não parece demonstrar nenhum interesse ou carinho pela mãe – talvez exceto pelo episódio em que fica doente aos dez anos de idade. Mas Kevin, ao surgir com a foto da mãe - perdida há onze anos – em sua cela, parece iluminar um lado da narrativa nunca antes visto, colocando em evidência interpretações novas e muito válidas.

Aqui podemos atribuir essa aparente incongruência às inúmeras projeções negativas que Eva deposita sob o filho. Para ela tudo que o filho faz tem por trás um motivo perverso, horrendo, como se ele constantemente conspirasse contra ela. Em função disso, talvez pudéssemos pensar que também somos levados a enxergar as ações de seu filho pela marca do negativo. Por ser uma obra onde temos acesso apenas a uma única perspectiva, uma única voz e onde, a objetividade - a verdade, o que ocorreu de fato – se encontra um pouco comprometida. A partir daí podemos problematizar essa questão e trazer essa hipótese com certa assertividade.

A foto realmente parece mostrar um novo lado de Kevin, não explorado anteriormente da narrativa. Eva conta que a foto havia sumido quando ela voltara do hospital com Celia

Quando chegamos em casa, reparei que uma foto minha, antes dos trinta e tantos anos, que mantínhamos sobre a mesinha da entrada, tinha sumido e perguntei se você mudara o porta-retratos de lugar. Você disse que não e eu não quis levar o assunto adiante, presumindo que a fotografia acabaria aparecendo. Não apareceu (SHRIVER, 2007, p. 262-263).

Eva fica muito chateada com a perda, revelando gostar muito da foto e dizendo que ela capturava uma expressão característica de sua juventude.

Fiquei amolada; eu não era mais tão bonita e as constatações de que um dia fomos adoráveis e sem rugas tornam-se preciosas. A foto tinha sido tirada numa casa-barco de Amsterdã, com cujo capitão tive um caso rápido e descomplicado. Eu amava a expressão que ele havia capturado — expansiva, relaxada, calorosa; a foto fixava uma glorificação simples de tudo que, na época, eu exigia da vida: luz na água, vinho branco e um homem bonito. O retrato suavizava a severidade que marcava a maioria das minhas fotos, com aquela minha testa protuberante e meus olhos fundos na sombra (SHRIVER, 2007, p. 263).

Ela se conforma por fim, entendendo que o filho deveria tê-la roubado e destruído.

Ah, bem. Era muito provável que, enquanto estive no hospital, Kevin tivesse tirado a cópia da moldura para lhe enfiar alfinetes (SHRIVER, 2007, p. 263).

Tendo isso em vista, é de se imaginar a surpresa da personagem quando, onze anos depois - com o filho já na cadeia - durante uma entrevista para o documentário sobre a “quinta-feira”, Eva consegue espiar na cela de Kevin a referida foto.

[...] a câmera girou num ângulo de noventa graus e deu um *zoom* no único enfeite que eu conseguia ver na cela, preso na parede acima da cama dele. Muito amarrotada, por ter sido dobrada até ficar pequena o bastante para caber num bolso ou numa carteira, era uma fotografia minha. Santa mãe do céu, era aquela foto só do rosto, tirada numa casa flutuante em Amsterdã, a que tinha desaparecido quando a Celia nasceu. Eu tinha certeza de que ele a havia picado em pedacinhos (SHRIVER, 2007, p. 411-412).

Chocada, Eva diz ter ficado tocada ao ver que o filho guardara consigo a foto durante todos esses anos

Fiquei comovida com aquela fotografia acima da cama, e um bocado sem jeito por ele não a ter destruído, afinal (acho que sempre presumi o pior) (SHRIVER, 2007, p. 416).

Talvez ainda mais surpreendente seja que, nessa mesma entrevista, observarmos Kevin defendendo a mãe e tecendo elogios a ela. Quando o entrevistador o pergunta a respeito do processo movido contra Eva alegando negligência parental, Kevin afirma que era “tudo conversa”, um “puro oportunismo” por parte de Mary Woolford (mãe de uma das colegas que ele havia assassinado), que sabia que Eva tinha dinheiro e simplesmente “não tinha peito para encarar uma notícia ruim” (p.411).

Não satisfeito, o entrevistador continua perguntando a respeito de Eva e irritado ele responde: “*Ih, larga do pé da minha mãe*” (p. 412). Quando solicitado a descrever sua relação com ela, Kevin coloca que

“Ela andou pelo mundo inteiro, sabia? Quase não dá para dizer o nome de um país de onde ela não tenha uma camiseta. Ela fundou sua própria empresa. Entre em qualquer livraria por aí que você vai ver a série dela. *Guia A Wing & a Prayer de Cafundós Fedorentos no*

*Exterior*, sabe qual é? Eu costumava rodar pela *Barnes and Noble*<sup>11</sup> no shopping, só pra olhar pra todos aqueles livros. Muito legal” (SHRIVER, 2007, p. 412).

E completa dizendo que

“Olhe, eu sabia ser meio asqueroso, sacou? E ela também sabia ser meio asquerosa, de modo que a gente ficava empatado (SHRIVER, 2007, p. 412).

Novamente Eva é pega de surpresa e confessa que a fala do filho havia lhe deixado lisonjeada

Ao reconhecer em seu solilóquio trechos retirados de minhas próprias invectivas à mesa, fiquei não apenas mortificada, mas envaidecida. E estarrecida por ele ter-se arriscado a entrar na *Barnes and Noble* algum dia para ver o meu trabalho, pelo qual a redação que ele escreveu, “Conheça minha mãe”, não deixou transparecer muito respeito (SHRIVER, 2007, p. 416).

Com essas falas Kevin revela um apreço pela mãe e pelo que ela fazia – suas conquistas e seu trabalho – que nunca havia demonstrado antes, pelo menos não de uma maneira tão clara. Nesse momento percebemos que de fato a mãe era uma pessoa muito importante para ele, e ainda que a animosidade entre os dois fosse constante, ele parece tê-la como uma figura estimável.

Se prestarmos atenção, em diversos momentos da narrativa poderemos encontrar essa tentativa de aproximação da mãe por parte de Kevin. Desde muito cedo com o aparecimento da fala, dividida apenas entre os dois, até o episódio do braço quebrado de Kevin e, mais tarde o “*Puxa, mãezinha!*” revelam esse desejo.

No entanto, em função de suas características paranóides, Eva entende todas as tentativas de aproximação do filho como uma forma de atacá-la. Até mesmo quando Kevin a protege, como o fez quando ela quebrou seu braço, Eva enxerga a ação como parte de um grande esquema conspiração por parte dele - ainda uma criança de apenas seis anos.

Frente a essa situação, Kevin não vê outra alternativa para conseguir chamar-lhe a atenção e fazer com que ela finalmente se interesse por ele - nem que seja por todas as razões erradas: por ter matado seu tão amado marido e a filha a quem ela

---

<sup>11</sup> *Barnes and Noble* é uma importante rede de livrarias dos Estados Unidos, de fato a maior do país.

dava tanto amor e atenção, além de 9 outras pessoas. Com a “quinta-feira” Kevin busca uma aproximação da mãe que ele nunca possuía.

O próprio menino aponta para o de fato que a mãe não apresentava o mínimo interesse nele antes de ter cometido um assassinato em massa. Eva, em vez de se comover e perceber sua falha como mãe - ou ao menos parar para refletir a respeito da afirmação do filho - entende aquela fala como uma afronta. Irritada, ela pergunta a Kevin se ele realmente queria que ela sentisse pena dele, dizendo que ele seria a última pessoa da qual ela sentiria pena

“Quer que eu sinta pena de você?”, falei, quase berrando [...] “Muito bem, mas primeiro vou sentir pena de Thelma Corbitt e de Mary Woolford. Pena dos Fergusons, dos Randolphins, dos Ulanovs e dos Espinozas. Vou sentir dó de uma professora que fez de tudo para entrar dentro dessa sua preciosa cabeça, de um jogador de basquete que mal pode andar e até mesmo de um funcionário de cantina a quem nunca conheci, e, então, vamos ver se sobrou alguma pena para sentir de você. Talvez haja algum resto, mas é só isso a que você tem direito, às migalhas da minha mesa, e olhe que isso já é uma sorte” (SHRIVER, 2007, p. 290).

Numa de suas visitas Eva até chega a perguntar ao filho se o intuito dele com a “quinta-feira” não era fazer restar apenas os dois, obrigando-os a se conhecer

[Kevin a Eva] [...] você devia ir cuidar da sua vida”

“A que eu tinha, você me tirou [...] Agora minha vida é você”, acrescentei. “Tudo o que me sobrou.”

“Isso”, disse ele, “é patético.”

“Mas não era esse o plano? Só você e eu, finalmente nos conhecendo?” (SHRIVER, 2007, p. 287).

Ao matar o pai e a irmã, Kevin faz com que só haja ele e a mãe, como se finalmente pudesse tê-la para si, tirando de cena o marido que ela venerava e a filha a quem amava tanto e conferia tamanha atenção. Com a “quinta-feira” ele promove o nascimento de um contexto onde Eva finalmente é capaz de olhar para ele e proporcionar-lhe atenção. Ela se faz presente – com suas constantes visitas - e ao final do livro, é finalmente capaz de fornecer-lhe um cuidado e preocupação genuínos.

## CONCLUSÃO

Com a explicitação de um caso tão absolutamente dramático e conturbado, buscou-se demonstrar as diversas maneiras pela qual a relação mãe e filho pode ser sofrer interferências: seja por características pessoais da mãe, por enfermidades que ela possa ter tido em momentos cruciais de filiação com a criança, por dinâmicas patológicas que pode estabelecer com esse filho, pela presença de destrutividade – verbal ou atuada (física) – ou pela sua indiferença, o fato é que os resultados podem ser catastróficos.

Explicitando, discutindo e trazendo a luz aspectos e dinâmicas importantes presentes na relação de Eva com o filho, Kevin, pode-se dizer que a pesquisa atingiu o objetivo proposto, revelando as minúcias do relacionamento entre os dois.

De fato, o livro trazia tanto material que uma das principais dificuldades do trabalho foi exatamente o exercício da restrição, tendo que cortar capítulos inteiros que, apesar de muito interessantes, fugiam do objetivo do trabalho. Entre esses materiais “descartados” destaca-se principalmente as dinâmicas relativas à relação de Eva com a filha Celia que, ainda que diametralmente opostas as condutas adotadas por ela em sua relação com o filho, acabam também gerando na criança um quadro patológico. Aqui não observamos a indiferença, agressividade e crueldade como no caso do irmão e sim, a fobia exacerbada, dependência e submissão da garotinha.

Uma comparação meticulosa em relação ao trato de Eva na relação com o filho e com a filha, analisando todo o processo de gravidez e parto de cada um, além dos contextos familiares presentes poderia ser um trabalho extremamente interessante, mostrando e explorando o quanto as projeções maciças, tanto positivas quanto negativas, podem influenciar de maneira gritante o desenvolvimento de uma criança e o modo como ela se relaciona com a mãe e com o ambiente.

Sendo a relação primordial que o indivíduo estabelece com o mundo a relação mãe-filho irá marcá-lo profundamente e poderá ditar como o desenvolvimento irá ocorrer. É claro que este não é o único fator a ser levado em conta quando o assunto é desenvolvimento infantil e muitas vezes a presença de um pai hábil o suficiente para compensar as falhas dessa mãe, sendo ainda capaz de

manter e exercer adequadamente a sua função paterna, pode suprir essa falta da criança.

Ainda sim, na presença de uma mãe que tem extrema dificuldade em exercer seu papel, é de vital importância que os outros aspectos promotores de saúde e facilitadores do desenvolvimento estejam presentes e operem de modo satisfatório. No entanto, nesse caso específico não encontramos isso, em seu lugar o que vemos é uma ausência completa de recursos e uma falha de todas as funções.

Nessas situações, onde o contexto mostra-se tão precário, ressalta-se a importância do auxílio psicológico, não só para os pais, mas também para a criança. Esse tipo de intervenção é constantemente trazida ao longo do livro, desde a infância de Kevin, quando ele é introduzido ao ambiente escolar, e mais fortemente durante a adolescência, quando há uma clara progressão no uso da violência por parte desse filho. No entanto é exatamente esse tipo de intervenção que Eva teme: vendo-a sobre a marca do negativo, a personagem acredita que seria julgada por não ter sido capaz de criar uma criança “feliz e saudável”.

O trabalho psicológico tem o potencial de promover mudanças nesse ambiente, beneficiando a relação da mãe com a criança e, conseqüentemente, favorecendo seu desenvolvimento. Quanto mais cedo é feita a intervenção, mais bem sucedida ela é, na medida que “corta o problema pela raiz” impedindo que os problemas na relação tornem-se de maior ordem, afetando de maneira mais global o desenvolvimento da criança.

Aqui se faz um último adendo e, citando Barreto (2009), apontamos que não é uma questão de culpabilização dessa mãe, muito pelo contrário ela também encontra-se com suas capacidades e potencialidades prejudicadas e é exatamente através desse trabalho que conseguiremos restaurá-las e com isso tentar garantir a presença de um contexto onde esse bebê seja capaz de se desenvolver adequadamente, atingindo seus potenciais. Explicitando o pensamento de Searles (1981) a respeito de processos familiares Barreto coloca que

[...] não seria possível considerar a família como instância responsável pela etiologia do sofrimento psíquico. Uma vez que a própria família não está preparada para lidar com as situações e seus desdobramentos, necessitando muito mais de suporte do que de culpabilização e/ou acusações (BARRETO, 2009, p.40).

## REFERÊNCIAS

ALEXANDROFF, Marlene Coelho. Os caminhos paralelos do desenvolvimento do desenho e da escrita. **Constr. psicopedag.**, São Paulo , v. 18, n. 17, p. 20-41, dez. 2010 .

BARRETO, Márcia Miranda. *Trajetórias familiares na labuta com o sofrimento psíquico: um estudo sobre familiares do CAPS Adilson Peixoto Sampaio/Distrito Sanitário/Itapagibe/Salvador/BA*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Salvador, 2009

BORGES, MLSF. *Função materna e função paterna, suas vivências na atualidade*. Dissertação (Pós-Graduação) - UFUB, Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Uberlândia, MG, 2005

BRUM, Evanisa Helena Maio de; SCHERMANN, Lígia. Vínculos iniciais e desenvolvimento infantil: abordagem teórica em situação de nascimento de risco. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, p.457-467, 2004.

EFKEN, Pedro Henrique. *Crueldade: domínio, indiferença e alteridade*. Dissertação (Mestrado) – UFRJ, Instituto de Psicologia. Rio de Janeiro, 2014.

ESTEVES, Carolina Marocco et al. Indicadores da preocupação materna primária na gestação de mães que tiveram parto pré-termo. **Psicologia Clínica**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 2, p.75-99, 2011.

FERRARI, Andrea Gabriela; PICCININI, Cesar A.; LOPES, Rita Sobreira. O bebê imaginado na gestação: aspectos teóricos e empíricos. **Psicol. estud.**, Maringá , v. 12, n. 2, p. 305-313, Aug. 2007.

FERREIRA, M. C.; AIELLO-VAISBERG, T. M. J. O pai suficientemente bom: algumas considerações sobre o cuidado na psicanálise winnicottiana. **Mudanças**, São Bernardo do Campo, v. 14, p. 136-142, 2006.

FLECK, Adriana; PICCININI, César Augusto. O bebê imaginário e o bebê real no contexto da prematuridade: do nascimento ao 3º mês após a alta. **Aletheia**, Canoas, n. 40, p. 14-30, abr. 2013.

FROEMMING, L.S. A montagem no cinema e a associação – livre na Psicanálise. **Tese de Doutorado**, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2002.

HONIGSZTEJN, Henrique. Colapso e gênese da mente destrutiva. **Rabisco**: Revista de Psicanálise, Porto Alegre, Rio Grande Do Sul, v. 0, n. 1, p.10-22, jun. 2011.

HONIGSZTEJN, Henrique. Interface psicanálise-cultura. **Cienc. Cult.**, São Paulo, v. 56

LUSTOSA, Sheila. Precisamos falar sobre o Kevin. **Psicanálise e Cinema**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 4, p. 63-76, 2016.

MISHIMA-GOMES, F. K. T., Dezan, S. Z., & Barbieri, V. "Não pode!": a função paterna e a obesidade infantil. **Psico**, 45(2),176-186, 2014.

MONTEIRO, Mayla Cosmo. *Um coração para dois: a relação mãe-bebê cardiopata*. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Psicologia. Rio de Janeiro, 2003.

OTUKA, Livia Kusumi; SCORSOLINI-COMIN, Fabio; SANTOS, Manoel Antônio dos. Adoção suficientemente boa: experiência de um casal com filhos biológicos. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, DF, v. 1, n. 28, p.55-63, 2012.

PAVONI, M.P. et al. Privação de Afeto e suas Consequências: Análise Psicodinâmica a Partir do Filme “Precisamos Falar Sobre Kevin”. **Revista de Psicologia da IMED**, Rio Grande do Sul, 7(2), p. 80-88, 2015.

PENALBER, A.E. Precisamos falar sobre o Kevin. **Psicanálise e Cinema**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 4, p. 57-62, 2016.

SHRIVER, Lionel. **Precisamos falar sobre o Kevin**. Tradução de Beth Vieira e Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2007.

SHRIVER, Lionel. **We Need To Talk About Kevin**. Londres: Serpent's Tail, 2003.

TANIS, Bernardo. Presença do paradoxo na construção de vínculos: clínica, alteridade e cultura. **J. psicanal.**, São Paulo , v. 43, n. 78, p. 57-78, jun. 2010 .

WINNICOTT, D.W. **O Brincar & a Realidade**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1975.